

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

GLAUBER RODRIGO DA SILVA VAZ

**SIGMUND FREUD E OSKAR PFISTER:
O DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A RELIGIÃO**

São Leopoldo

2021

GLAUBER RODRIGO DA SILVA VAZ

**SIGMUND FREUD E OSKAR PFISTER:
O DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A RELIGIÃO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Aconselhamento e
Psicologia pastoral

Pessoa Orientadora: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V393s Vaz, Glauber Rodrigo da Silva
Sigmund Freud e Oskar Pfister : o diálogo entre a
psicanálise e a religião / Glauber Rodrigo da Silva Vaz ;
orientador Rodolfo Gaede Neto . – São Leopoldo : EST/PPG,
2021.
144 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2021.

1. Sigmund-Schultze, Friedrich, 1885-1969. 2. Pfister,
Oskar, 1873 - 1956. 3. Psicanálise e religião. I. Gaede Neto,
Rodolfo, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

GLAUBER RODRIGO DA SILVA VAZ

**SIGMUND FREUD E OSKAR PFISTER: O DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A
RELIGIÃO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 10 de setembro de 2021

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (EST)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a KARIN HELLEN KEPLER WONDRAČEK
Participação por webconferência

*No amor não há medo,
antes o perfeito amor
lança fora todo o medo.
1Jo 4.1*

AGRADECIMENTOS

Àquele pelo qual todas as coisas acontecem, a razão da minha existência e devoção. A Deus, a minha gratidão em permitir construir um caminho para além da escuridão. Obrigado por ser um Guia, meu farol, pelos momentos de inspiração e iluminação. Teu amparo me sustentou em momentos de angústia, principalmente em direção a descobertas do mais profundo abismo.

Ao professor Rodolfo Gaede Neto, por aceitar o desafio de navegar junto comigo no oceano do desconhecido. Pela paciência, humildade e presteza quando foi acionado. Desde a graduação, suas orientações foram fundamentais para meu desenvolvimento intelectual.

A Karin Wondracek pelos momentos de inspiração traduzidos em suas obras sobre o diálogo entre psicanálise e religião, além de apresentar aos leitores brasileiros as publicações do pastor e psicanalista suíço Oskar Pfister.

A Faculdades EST que serve a comunidade como instituição de ensino, na qual tive o privilégio realizar minha formação na graduação e pós-graduação. A oportunidade de estudar com professores cultos, sensíveis aos processos de ensino-aprendizagem e comprometidos com a formação intelectual e humana.

Ao Bruno Albuquerque pelas conversas e comprometimento nos grupos de estudo sobre psicanálise e religião, promovendo espaços de pesquisa e escuta.

Aos meus filhos Arthur e Lorenzo Vaz que precisaram de paciência e esperar o tempo certo para os momentos de diversão, pois eles adoram ir ao parque, porém nesse período nem sempre eu estava disponível para levá-los. Vos amo!

E, finalmente, a linda Nathaly Vaz que no decorrer do percurso precisou estar em silêncio diversas vezes, suportou minhas angústias e vazios. Ela é minha psicanalista preferida. Como esposa, soube acolher meus momentos de silêncio.

Te amo!

A todos e todas, a minha gratidão!

*“A Psicanálise é, em essência,
uma cura pelo amor.”*

Sigmund Freud

RESUMO

O sujeito imerso na cultura se ancora a partir de elementos que fundamentam sua razão de ser e existir. Dentre esses elementos, a religião aparece como um fenômeno social que pode compor a estruturação do sujeito em sua construção subjetiva, a qual se dá em torno do vazio da existência. Desse modo, o discurso religioso marca o sujeito através de suas expressões, significados e subjetividades, já que a cultura, a linguagem e as tradições contêm as marcas desse fenômeno que atravessa a vida humana. No final do século XIX, a psicanálise surgiu como uma nova ciência no campo teórico-clínico de investigação e tratamento do sofrimento psíquico. Contudo, Sigmund Freud, o fundador da psicanálise iniciou alguns movimentos de forma bastante reduzida, na tentativa de explicar como a religião pode derivar da relação ambivalente entre pai e filho através de uma dinâmica pulsional. As cartas entre Freud e Pfister podem ser consideradas o ponto de partida para o diálogo entre Psicanálise e religião, que continuam na atualidade, embora tenha adquirido novas perspectivas. Por um lado, o médico Freud e o seu olhar racionalista e por outro, o teólogo Oskar Pfister em busca de encontrar um caminho para introduzir a psicanálise na cura d'almas, construíram um caminho de amizade e respeito, transitando entre essas duas áreas, ora em concordância, ora em contradição. A escassez de conteúdos acerca desse diálogo entre a religião e psicanálise gera uma lacuna importante que suscita a pesquisa nesse campo de interlocução, e permanece ainda a necessidade de se estabelecer fronteiras entre a tarefa psicanalítica, específica do campo da ciência e as implicações religiosas na subjetividade humana. Todavia, um consistente arcabouço teórico e epistemológico se faz fundamental para que se estabeleça esse complexo diálogo entre a ciência e a fé, firmes diante da ideia de que essa discussão não se apresenta como uma coincidência, posto o caráter interminável do diálogo entre a psicanálise e a religião.

Palavras-chave: Psicanálise. Religião. Oskar Pfister. Sigmund Freud.

ABSTRACT

The subject immersed in culture is anchored on elements that support their reason for being and existing. Among these elements, religion appears as a social phenomenon that can compose the structuring of the subject in their subjective construction, which takes place around the emptiness of existence. In this way, the religious discourse marks the subject through its expressions, meanings and subjectivities, since culture, language and traditions contain the marks of this phenomenon that permeates human life. At the end of the 19th century, psychoanalysis emerged as a new science in the theoretical-clinical field of investigation and treatment of psychic suffering. However, Sigmund Freud, the founder of psychoanalysis, started some movements in a very reduced way, in an attempt to explain how religion can derive from the ambivalent relationship between father and son through an instinctual dynamic. The letters between Freud and Pfister can be considered the starting point for the dialogue between Psychoanalysis and religion, which continues today, although it has acquired new perspectives. On the one hand, the physician Freud and his rationalist view and, on the other, the theologian Oskar Pfister, seeking to find a way to introduce psychoanalysis in the healing of souls, built a path of friendship and respect, moving between these two areas, now in agreement, now in contradiction. The scarcity of content about this dialogue between religion and psychoanalysis generates an important gap that raises research in this field of dialogue, and there is still a need to establish boundaries between the psychoanalytic task, specific to the field of science and the religious implications in human subjectivity. However, a consistent theoretical and epistemological framework is essential to establish this complex dialogue between science and faith, firm on the idea that this discussion does not present itself as a coincidence, given the endless character of the dialogue between psychoanalysis and the religion.

Keywords: Psychoanalysis. Religion. Oskar Pfister. Sigmund Freud

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O ENCONTRO DA PSICANÁLISE E A RELIGIÃO	19
2.1 SIGMUND FREUD.....	23
2.2 O ENCONTRO COM A PSICANÁLISE.....	30
2.3 O ENCONTRO DE COSMOVISÕES	34
2.3.1 A amizade entre Freud e Pfister	36
2.3.2 Confidências de uma amizade	39
2.3.3 Discussões psicanalíticas	42
3 O FUTURO DE UMA ILUSÃO	55
4 A ILUSÃO DE UM FUTURO	89
4.1 A CRÍTICA À RELIGIÃO.....	91
4.1.1 A religião e a ilusão.....	91
4.1.2 A religião e a neurose obsessiva.....	92
4.1.3 A religião e o desejo.....	95
4.1.4 A religião e a ciência	103
4.1.5 A religião e a cultura	104
4.1.6 Freud e o inconsciente histórico.....	108
4.1.7 Freud e a nova ilusão	112
4.1.8 Freud e a “ <i>onipoteciência</i> ”	114
4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE OSKAR PFISTER À PSICANÁLISE.....	122
4.2.1 A dinâmica pulsional	122
4.2.2 Abordagem ponto de vista orgânico	123
4.2.3 Oskar Pfister entre a libido e o amor	124
4.2.4 Oskar Pfister e a cultura.....	129
5 Conclusão	133
REFERÊNCIAS.....	137

1 INTRODUÇÃO

A religião é constituinte do ser humano e em alguns casos consideravelmente estruturante. No discurso do sujeito, emerge elementos que identificam o lugar que a religião opera na subjetividade e na relação com o Outro.¹ No final do século XIX, a psicanálise surgiu como uma nova ciência no campo teórico-clínico de investigação e tratamento do sofrimento psíquico. Contudo, Sigmund Freud, o fundador da psicanálise iniciou alguns movimentos, na tentativa de explicar como a religião pode derivar da relação ambivalente entre pai e filho através de uma dinâmica pulsional. O diálogo entre Sigmund Freud e o teólogo Oskar Pfister pode ser considerado o ponto de partida das reflexões entre a Psicanálise e religião. Destacando a importância do diálogo entre esses dois campos, busca-se estabelecer como problemática fundamental desse projeto de pesquisa a seguinte questão: Em que medida o diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister pode contribuir para as formulações religiosas da clínica psicanalítica? Considerando o princípio analítico da neutralidade, de que maneira a tarefa psicanalítica pode contribuir para o desenvolvimento psíquico relacionado às questões religiosas do sujeito e seus desdobramentos para a vida?

Apesar desse enlace da religião com a subjetividade humana e a complexidade de seus efeitos, é insólito os diálogos entre a religião e psicanálise, havendo abundante campo a ser pesquisado na interlocução dessas disciplinas, embora ainda com escassos recursos bibliográficos sobre o tema. As cartas entre Sigmund Freud e Oskar Pfister podem ser consideradas o ponto de partida para o diálogo entre Psicanálise e religião. De um lado, o médico Freud e o seu olhar racionalista. De outro, o teólogo Oskar Pfister, que buscava encontrar um caminho para introduzir a psicanálise na cura d'almas. Juntos, construíram um caminho de amizade e respeito, transitando entre essas duas áreas, às vezes em concordância, em outras, porém em contradição. Alguns aspectos da cultura contemporânea nos fazem perceber um retorno ao positivismo, constituindo assim, a necessidade de ampliação da pesquisa

¹ O termo "Outro", com letra maiúscula foi instituído por Lacan para fazer a diferenciação do "outro" com letra minúscula. Lacan inaugurou o trabalho de enunciação epistemológica da obra de Freud e para esse fim, o autor pensou num modelo estrutural no campo da psicanálise que desse conta do Inconsciente. Portanto, o "Outro", é fundado por Lacan como um elemento dessa estrutura. Assim podemos afirmar que o "Outro" é a própria cultura, o lugar em que se situa a cadeia do significante e onde o sujeito aparece. Sendo assim, O "Outro" é o próprio Inconsciente. (ROUDINESCO, 1944/1998)

interdisciplinar, fundamental para as relações de equilíbrio entre as diversas áreas do conhecimento. Entretanto, o diálogo entre Freud e Pfister sobre psicanálise e religião pode nos orientar no empenho dessa tarefa.

Na medida em que essa pesquisa se propõe a investigar o diálogo entre a Psicanálise e a religião, a partir das correspondências entre Sigmund Freud e Oskar Pfister, objetiva-se refletir sobre a contribuição dessa interlocução para a praxes psicanalítica, bem como averiguar os desdobramentos das experiências religiosas de Freud e as suas implicações na fundamentação da Psicanálise, através do arcabouço teórico que ambos se utilizaram nessa interlocução. É provável que a relação de amizade entre Freud e Pfister possa ter gerado efeitos subjetivos em ambos e que de alguma maneira pode ter refletido em suas construções teórica e filosófica. Assim, é importante verificar as contribuições de Oskar Pfister para a teoria e prática psicanalítica, bem como sua resposta teológica ao texto: *O futuro de uma ilusão de Freud* (1927).

2 O ENCONTRO DA PSICANÁLISE E A RELIGIÃO

Em Berggasse 19, 1090 Viena, desembarcava no dia 25 de abril de 1909, na casa da família Freud um personagem não muito habitual àquele contexto. Com vestes litúrgicas, tradicionais de um pastor protestante, surge Oskar Pfister permeado pelo comportamento afável de um típico clérigo, afetuoso e carismático, que breve dispensava atenção à família Freud e em especial às crianças. Homem alto e de aspecto vigoroso, com bigode expressivo, de semblante compassivo e inquietante. Aquele dia ficou marcado na memória da família Freud, especialmente a filha mais nova, Ana Freud.

No ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com os seus trajes, a sua aparência e a atitude de um pastor, era a aparição de um mundo estranho. No seu modo de ser, não havia nada da atitude científica quase apaixonada e impaciente com a qual outros pioneiros da psicanálise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família – como uma interrupção das suas discussões teóricas e clínicas. Pelo contrário, o seu calor humano e o seu entusiasmo, a sua viva participação nos fatos mínimos do cotidiano entusiasmava as crianças da casa e faziam dele um hóspede bem-vindo a qualquer hora, uma figura humana ímpar no seu modo de ser. Para elas, segundo um dito de Freud, Pfister não era um “santo homem”, mas uma espécie de “flautista de Hamelim”, que precisava apenas tocar o seu instrumento para ter um bando inteiro obediente atrás dele.²

Aquela visita havia marcado profundamente Oskar Pfister, que por sua vez, quinze anos após esse primeiro encontro com a família Freud, relembra apaixonadamente a maneira que fora recebido na Berggasse 19. A nostalgia daquele encontro reaparece nas palavras de Oskar Pfister ao referir-se a Ana Freud, que naquele tempo ainda era criança, assim como seu irmão Jean Martin Freud.

Faz quase quinze anos que pude entrar pela primeira vez na sua casa, e rapidamente me apaixonei pelo seu modo amável e pelo espírito alegre e livre da sua família. A mamãezinha de lagartixas, que hoje já escreve artigos bem sérios na Revista Psicanalítica Internacional, naquela época ainda vestia saínhas curtas, e o seu segundo filho cabulava o ginásio para introduzir o pastor de entediante batina na ciência do Prater. No camarote, ao seu lado, da sua cara esposa e da sua inteligente cunhada, eu me sentia como na morada dos deuses olímpicos, e se me perguntassem sobre o lugar mais aprazível da terra, eu responderia: “Informem-se na casa do professor Freud!”³

² FREUD, Sigmund. **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre psicanálise e fé cristã**. Viçosa: Ultimato, 2009 p.18-19.

³ FREUD, 2009, p. 119.

O encontro com a psicanálise, foi para Oskar Pfister um divisor de águas, de modo que em Zurique o pastor se tornara um propagador das formulações psicanalíticas. Freud já havia sido notificado por Carl Gustav Jung a respeito da admiração que Pfister havia adquirido por ele e do trabalho que estava realizando em favor da psicanálise. Jung descreve Pfister como um homem magnífico e um aliado valente, sobretudo com grande inteligência e capacidade de influência. Um homem que estaria constrangido pela causa da psicanálise e disposto a promover o avanço da nova ciência. Certamente era uma figura emblemática, pois não era comum um teólogo ser inserido no círculo psicanalítico, composto apenas por integrantes da ciência médica. Mas, o seu interesse pela psicanálise o moveu intelectualmente e instou imediatamente em escrever sobre o assunto que tão logo chegaram as mãos de Freud, que peremptoriamente demonstrou interesse pelos escritos.⁴ O encontro com Freud na Bergasse 19, culminou com a vívida existência de Oskar Pfister, um homem otimista, relacionável e encorajador. Em uma carta enviada a Ferenczi, psicanalista húngaro, que participava dos encontros de psicanálise na Bergasse 19, Freud considera Pfister “uma pessoa encantadora, um entusiasta cheio de bondade”⁵, que conquistou o coração da família e que se despediu como um bom amigo.

Naquele mesmo dia, o encontro continuou com um benévolo e prolongado passeio pelo distinto parque vienense de Belvedere, no qual ambos compartilhavam suas inquietações intelectuais e profissionais, concomitantemente distintas e cobeligerantes.⁶ Efetivamente os jardins de Belvedere acolhiam pela primeira vez, naquele domingo ensolarado as duas cosmovisões, que se perduraria em uma amizade profícua até o final da vida. Era o encontro de saberes, de culturas e de diferentes campos de conhecimento intelectual e profissional, mas principalmente personagens com insígnias étnicas e religiosas heterogêneas. Não obstante, foi um encontro imprescindível para as contribuições que permeiam o diálogo entre a psicanálise e a religião. Era o encontro de Freud e Pfister, o encontro da ciência médica atravessada pelo paradigma positivista, e por outro lado, o pastor, teólogo,

⁴ McGUIRE, W. (1993) **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. Rio de Janeiro: Imago, p. 244.

⁵ Carta a Sandor Ferenczi de 26 de abril de 1909, apud GAY, Peter. **FREUD. Uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989, p. 225.

⁶ PFISTER, Oskar, **A ilusão de um futuro**. In: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.), **O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 26.

filósofo e educador, entusiasmado pela vida e que buscava a consolidação de um método científico que pudesse contribuir com seu trabalho de cura D´almas.

Oskar Pfister nasceu em 23 de fevereiro de 1873, na cidade de Wiedikon, Zurique, filho caçula de uma família tradicional. Seu pai, Johannes Pfister foi pastor reformado, de tradição liberal e caráter altruísta. Em sua intensa entrega ao labor pastoral demonstrava muita generosidade e sensibilidade ao sofrimento humano, principalmente dos seus paroquianos mais pobres e doentes, além de expressar tenro cuidado e zelo pelas crianças, principalmente por aquelas que na época sofriam de difteria. Posteriormente, decidiu estudar medicina ao presenciar a morte de uma menina que sofria de difteria e deduziu que se obtivesse a formação médica poderia tratar o corpo e a alma humana. Porém, morreu antes de finalizar sua formação, quando Pfister tinha apenas 3 anos de idade. Sua mãe foi uma mulher simples, rigorosa e de caráter puritano, sobretudo na educação religiosa dos filhos. Após a morte do pai, a família mudou-se para a comunidade Herrnhut de Königsfeld, na Floresta Negra de Baden. Inseridos em uma comunidade pietista a família seguiu vivenciando o luto pela perda do pai. Enquanto isso, a mãe desdobra-se para manter minimamente o sustento dos filhos com as aulas particulares de piano. Contudo, a viúva mantinha uma alma muito boa e piedosa, observando cuidadosamente seu dever materno.

Hans Zulliger, que era psicanalista e amigo de Pfister define sua infância como “solitária e não exatamente feliz”.⁷ A personalidade pietista da família materna impregnou as marcas do dogmatismo em Pfister. Enquanto experimenta em Königsfeld o acolhimento da comunidade, o pragmatismo religioso se assevera contra Pfister, de modo que seu tutor, parente de sua mãe temendo o risco de que os filhos pudessem aderir à teologia liberal decide afastá-los da biblioteca que era a única herança proveniente de seu pai. Após quatro anos a família retorna a Zurique e se estabelece na casa em que haviam deixado em Wiedikon.

Em 1880, Pfister se depara no segundo ano primário com um professor autoritário, que se utilizava do castigo como ferramenta pedagógica, gerando ambiente de provocação e medo entre os alunos. No ano seguinte, Pfister começa a frequentar uma escola de Zurique e como efeito das reminiscências anteriores torna a associar o afeto com a aprendizagem ao relatar que “Herr Kellenberg era um homem

⁷ WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler, **O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 17.

afetuoso e sabia despertar o amor em seus alunos”.⁸ O pensamento crítico surgiu com um professor que o ensinara que deveria orar em toda a situação e justificou que após orar, fora dispensado da matéria que não havia estudado. Dias depois, Pfister esquece de decorar um poema para a escola e ora fervorosamente para que seja poupado, mas isso não aconteceu. Mesmo assim, ele explica o fato para o professor, que afetuosamente lhe concede uma nova oportunidade para apresentar o poema. “E eu acredito que justamente ele construiu o fundamento do meu pensamento crítico”.⁹

No ginásio, Pfister se depara com um professor de história que era crítico da religião e não perdia nenhuma oportunidade de desconstruir toda crença religiosa. Demonstrando conhecimento das diversas formas de religiosidade, Pfister assevera que o professor provavelmente se refere à ortodoxia dogmática. Portanto sua reação frente à crítica do professor de História lhe dá forças para retomar seu desejo pelo estudo da Teologia. A vocação pastoral de Pfister se estruturou a partir da identificação com o pai e foi potencializada pela oposição à crítica do professor. Em 1891, Oskar Pfister inicia sua formação em Teologia, alternadamente na Basileia e Zurique, sob a influência dos pensamentos filosóficos de Hegel, Strauss, Schleiermacher e a teologia crítica de Hermann Kutter e Leonardo Ragaz, pensadores da área da teologia e filosofia. A introdução a Teologia crítica consiste em um choque de realidade, pois desconstruía muitas marcas da educação que recebera da ortodoxia Pietista. Todavia, o espírito crítico que foi estruturado desde a adolescência é apaziguado pelo antagonismo das crenças tradicionais. Na adolescência, dedicou-se a formulação de uma crítica literária dos textos bíblicos que procurava encontrar explicações científico-histórica para os relatos que se dedicavam em traduzir as experiências sobrenaturais. Em sua obra, *A ilusão de um futuro*, destaca que aos 12 anos, após ler o relato bíblico do dilúvio universal, correu para o Museu Zoológico para comparar as medidas da Arca de Noé descrita nas escrituras sagradas com as medidas que podia observar no Museu. Desde então, “inventei uma autêntica teoria infantil da evolução, adotando ao mesmo tempo uma atitude cética em relação à Bíblia, a qual se transformou posteriormente numa disposição para a livre crítica.”¹⁰

⁸ WONDRAČEK, 2005, p. 18.

⁹ WONDRAČEK, 2005, p. 18.

¹⁰ MORANO, C. D., **Psicanálise e religião: um diálogo interminável. Sigmund Freud e Oscar Pfister**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 19.

Compreende-se então, o conflito ético do jovem Pfister, relacionado aos estudos tradicionais da Teologia.

Tornou-se uma questão evidentemente paradigmática na vida acadêmica do jovem estudante, que chegou ao ponto de pensar em abandonar o estudo da Teologia e dedicar-se exclusivamente a Filosofia. A conclusão do curso de Teologia o permitiu avançar para os estudos de Filosofia em Zurique e Berlim que, mais tarde lhe confere o título de doutor em Filosofia. Amparado no embasamento teórico dos estudos do teólogo Biedermann¹¹, que era considerado o pai da Teologia Liberal na Suíça, Oskar Pfister decidiu estudar a temática fundamental de suas pesquisas, relacionando à problemática da Filosofia e Psicologia Religiosas. A tentativa de síntese entre a Filosofia de Friedrich Schleiermacher e a Filosofia Hegeliana, realizada por Biedermann encontra o desejo de Pfister, e com o auxílio das Ciências Humanas tenta compreender o sentido da religião. No decorrer de seus estudos não encontrou fundamento epistemológico nos sistemas teológicos vigentes e buscou, então, na Filosofia, os recursos teóricos para a compreensão dos grandes problemas apresentados na área da Teologia. Entretanto, encontrou no campo da Filosofia um ambiente intelectual inóspito e permeado por conflitos e disputas. Assim, Pfister faz um retorno à Teologia, iluminado pelos estudos do Filósofo alemão Rudolf Hermann Lotze (1817-1881), que o conduz ao retorno da fé. Nesse período, seus estudos de Teologia são complementados com a História da Arte, História da Filosofia e Ciências Sociais. O encontro com a Filosofia de Lotze possibilita uma virada acadêmica dos estudos teológicos de Pfister. Ele considera esse fato fundamental à sua existência e à sua cosmovisão.

2.1 SIGMUND FREUD

Sigmund Schlomo Freud nasceu Freiberg in Mähren, em 6 de maio de 1856. Naquele tempo sua cidade natal fazia parte do então Império Austríaco e atualmente situa-se à República Tcheca. A origem de seu nome revela a tradição familiar judaica, cuja raiz do nome Schlomo significa – Salomão, nome hebraico, em homenagem ao

¹¹ MORANO, 2008, p. 19.

avô, um costume tipicamente judaico – Ashkenazi¹². Os pais de Freud eram judeus, oriundos da Tismênica, uma pequena cidade na Galícia Oriental que atualmente é parte da Ucrânia. Nessa região havia a presença de uma comunidade judaica bastante numerosa, que eram praticantes da tradição ortodoxa, observavam o Talmude e a Cashrut.¹³ Celebravam as festas judaicas, além de cultivar o iídiche¹⁴ que era o principal meio de comunicação entre seus membros. Jacob Freud, pai de Sigmund era comerciante. As diversas viagens de trabalho permitiram que Jacob tivesse contato com uma pluralidade de universos culturais que, no entanto, refletia no universo familiar. Em 1848, o imperador da Austro-Hungria Francisco José, assumiu o poder na Áustria e influenciado pelos ideais iluministas passou a garantir plenos direitos aos judeus austríacos. Sigmund Freud, nasceu em meio às novas liberdades, inserido em uma família que assimilava gradativamente o novo momento histórico, buscando adaptar as tradições judaicas àquele tempo. Se por um lado a família mantinha o sentimento de pertencimento ao povo judeu, por outro, abandonava dia após dia, muitos ritos da ortodoxia religiosa, mantendo-se apenas os mais tradicionais, dentre eles a circuncisão. Freud foi circuncidado ao oitavo dia e a data foi registrada na Bíblia da família junto com o seu nascimento. Em outubro de 1859, a família Freud deixa Freiberg, instalando-se em Leipzig. Transcorrido um ano após a mudança, Jacob não obteve êxito em sua situação econômica e a família transfere-se para Leopoldstrasse, um gueto judaico superpovoado, situado em Viena.

Nasci a 6 de maio de 1856, em Freiberg, na Morávia, pequena cidade onde situada onde agora é a Tchecoslováquia. Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu. Tenho razões para crer que a família de meu pai residiu por muito tempo no Reno (em Colônia), que ela, como resultado de uma perseguição aos judeus durante o século XIV ou XV, migrou de volta da Lituânia, passando pela Galícia, até a Áustria alemã. Quando eu era uma criança de quatro anos fui para Viena e ali recebi toda minha educação.¹⁵

Na escola secundária [gymnasium], o garoto Sigmund desenvolvia suas habilidades intelectuais com muito esmero, destacando-se dos demais colegas e

¹² Os judeus Ashkenazi dão a seus filhos os nomes dos descendentes falecidos, alguns por crerem no restabelecimento da alma, e a maioria deles, por honra e recordação do falecido.

¹³ Leis alimentares do judaísmo.

¹⁴ Língua ou dialeto alemão, que utiliza caracteres hebraicos, adotada por judeus Ashkenazi, a partir do século X, principalmente na Europa Central e Oriental. Atualmente, o iídiche é falado especialmente nas comunidades judaicas dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Estados Unidos, Bélgica, França, Israel, Lituânia, Rússia, Brasil, Ucrânia, Canadá.

¹⁵ FREUD, Sigmund, (1925 [1924]) **Um estudo autobiográfico**. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 16.

obtendo inclusive, privilégios especiais. Logo, despertou intensa curiosidade, contudo dirigida às preocupações humanas, principalmente movido pelo profundo interesse despertado em Freud pela história da Bíblia¹⁶. Sob a influência de uma amizade do gymnasium, Freud desenvolveu o desejo de estudar Direito e dedicar-se às atividades sociais. As teorias de Darwin, que por sua vez, vinha recebendo forte adesão, principalmente por oferecer esperanças de extraordinário progresso da compreensão do mundo, também atraiu o jovem estudante Freud. Finalmente “foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a natureza, lido em voz alta numa conferência popular pelo professor Carl Brühl, pouco antes de eu ter deixado a escola, que resolvi tornar-me estudante de Medicina”.¹⁷

Em 1873, quando o jovem Sigmund ingressou na universidade, experimentou insatisfações consideráveis. Verificou-se que havia a expectativa, que se sentisse inferior, pelo fato de ser judeu. Porém rejeitou todos os investimentos que lhe aferiam preconceito, relacionado à sua ascendência. De fato, as primeiras impressões da universidade tiveram consequências que a posteriori, foram imprescindíveis para a estruturação da personalidade de nosso personagem, “porquanto numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na Oposição e de ser posto sob o anátema da “maioria compacta”. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento”.¹⁸ As vicissitudes do movimento psicanalítico impuseram a Freud, preocupações que necessitaram ser superadas com diálogo e tolerância. Entretanto, alguns rompimentos foram inevitáveis para a afirmação da Psicanálise no campo científico.

Mas, foi no laboratório de Fisiologia de *Ernest Brücke*, que o jovem estudante de medicina encontrou satisfação plena. Foi então, que conheceu *Ernst Fleischl von Marxow*, que se distinguia, tanto na função de médico, quanto na área da Fisiologia, e que mantiveram uma forte relação de amizade. Apesar de sua negligência e apatia pela Medicina, com exceção da psiquiatria, Freud adquiriu em 1882, o título de doutor em medicina.¹⁹ Nesse mesmo ano, seguiu o conselho do professor Brücke, por quem sentia muita estima, em abandonar sua carreira teórica, devido sua precária situação econômica e ingressar como assistente clínico no Hospital Geral de Viena. Logo, o

¹⁶ FREUD, 1925/1924[2006], p. 16.

¹⁷ FREUD, 1925/1924[2006], p. 16.

¹⁸ FREUD, 1925/1924[2006], p. 17.

¹⁹ FREUD, 1925/1924[2006], p. 17.

jovem Sigmund foi promovido a médico estagiário e teve a oportunidade de trabalhar em diversos departamentos do hospital, inclusive sob a orientação do professor de psiquiatria da universidade de Viena, Theodor Meynert (1833-1892). Não obstante, permanecia fiel a linha de trabalho que propusera originalmente com as pesquisas que o professor Brücke havia sugerido, acerca do sistema nervoso central das enguias. Seus estudos sobre doenças do sistema nervoso despertaram interesse no círculo médico, que o credenciou a pronunciar diversas conferências sobre o tema. Em 1885, Freud foi nomeado conferencista de neuropatologia com base nas suas publicações histológicas e clínicas. Sob a influência de Brücke foi-lhe concedido uma bolsa de estudos que lhe possibilitou o empreendimento da viagem à Salpêtrière²⁰, Paris. Tornar-se aluno da Salpêtrière, lhe confere o privilégio de estudar com Charcot.²¹ Imediatamente dispõe-se a traduzir as conferências do mestre para o Alemão, já que este, havia perdido o contato com o seu tradutor. Logo, se integra ao círculo de conhecidos pessoais de Charcot, que o permite participar de maneira integral dos acontecimentos que se passava na clínica. O contato com Charcot, lhe aproxima das investigações sobre a Histeria.

O que mais me impressionou enquanto estive com Charcot foram suas últimas investigações acerca da Histeria, algumas delas levadas a efeito sob meus próprios olhos. Ele provava, por exemplo, a autenticidade das manifestações histéricas e de sua obediência as leis, a ocorrência frequente de Histeria em homens, a produção de paralisias e contraturas histéricas por sugestão hipnótica e o fato de que tais produtos artificiais revelam, até em seus menores detalhes, as mesmas características que os acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente.²²

Antes de retornar a Viena, o jovem estudante de medicina permaneceu em Berlim, a fim de adquirir conhecimentos sobre os distúrbios gerais da infância com o Médico pediatra Adolf Aron Baginsky.²³ No retorno de Freud a Viena, recebera o

²⁰ Projetado por Louis Le Vau e construído no século XVII num local onde anteriormente existia uma fábrica de pólvora. O prédio foi projetado para deter pobres, mendigos, desocupados e marginais diversos que pudessem perturbar a ordem da cidade de Paris. Eventualmente, serviu de prisão para prostitutas e local para manter afastados da sociedade os doentes mentais, os criminosos insanos, epiléticos e os desvalidos em geral. O lugar também era famoso pela sua grande população de ratos. No período da Revolução Francesa, foi tomado pela multidão, que libertou as prostitutas. Desde a Revolução, Salpêtrière serviu como asilo e hospital psiquiátrico para mulheres. Atualmente, Salpêtrière é um centro hospitalar universitário, que engloba a maioria das especialidades médicas.

²¹ Jean-Martin Charcot (1825-1893), professor de neuropatologia de Paris.

²² FREUD, 2006, p. 20.

²³ Adolf Aron Baginsky (1843-1918) Professor alemão de doenças da infância na Universidade de Berlim.

convite do Médico pediatra, Max Kassowitz, então diretor do Instituto Público de Viena, para tratamento de doenças infantis e coordenar um departamento para doenças nervosas de crianças. Durante esse período em que esteve à frente do Instituto, publicou vários artigos sobre doenças nervosas infantis.²⁴ Em 1886, Freud se estabelece em Viena como médico e casa-se com Martha Bernays, após quatro anos de espera.

Em Paris, a técnica do hipnotismo era utilizada voluntariamente como um método para produzir sintomas em pacientes, removendo-os posteriormente. Algumas escolas da França estariam utilizando com sucesso o método da sugestão, com ou sem hipnotismo para fins terapêuticos. Porventura, nos primeiros anos das atividades médicas, Freud utilizara como principal instrumento de trabalho a sugestão hipnótica. Fato que implicou, naturalmente no abandono do tratamento das doenças nervosas orgânicas. Enquanto o médico Freud, observava as multidões de neuróticos correndo de um lado para o outro, em busca de solução para seus males, o homem Freud era seduzido pelo método hipnótico. “Pela primeira vez havia um sentimento de haver superado o próprio desamparo, e era altamente lisonjeiro desfrutar da reputação de ser fazedor de milagres”.²⁵ A incapacidade de hipnotizar todos e todas as pacientes e a ineficácia da hipnose em pacientes individuais, o fez empreender uma viagem para Nancy, com o objetivo de aperfeiçoar a técnica da hipnose. Dessa vez, em 1889, presenciou o comovente espetáculo do médico francês Ambroise-Auguste Liébault, fundador da escola de Nancy de hipnotismo e que trabalhava entre as mulheres e as crianças pobres das classes trabalhadoras. Após presenciar os espantosos experimentos de Bernheim em seus pacientes do hospital, teve profunda convicção de haver vultosos processos mentais que permaneciam ocultos da consciência.

Antes de Freud dirigir-se a Paris, Breuer, relatou um caso de histeria que havia tratado entre 1880 e 1882, e que lhe permitiu compreender com mais profundidade os sintomas histéricos. A paciente era uma jovem que adoecera enquanto cuidava de seu pai. “Quando Breuer se encarregou do problema, o caso apresentava um quadro variado de paralisias, contraturas, inibições e estados de confusão mental”.²⁶ Numa observação fortuita descobriu que a paciente podia ser aliviada de seus estados nebulosos da consciência, se fosse induzida a expressar em palavras, a fantasia

²⁴ FREUD, 1925/1924[2006], p. 21.

²⁵ FREUD, 1925/1924[2006], p. 24.

²⁶ FREUD, 1925/1924[2006], p. 27.

emotiva que a dominava. Essa descoberta o conduziu a um novo método de tratamento para a histeria. O tratamento consistia em dois momentos. Primeiramente, conduzia a paciente à uma hipnose profunda e a induzia a pronunciar o que oprimia sua mente. Após identificar os sintomas que provocavam os ataques de confusão depressiva, empregava o passo seguinte, que consistia na eliminação dos distúrbios físicos. Enfim, a técnica da hipnose permitia que a paciente descrevesse a maneira que os sintomas haviam surgido e fazer a associação entre os sintomas e as experiências da sua vida. Entretanto, os sintomas que acometia a paciente estavam intimamente ligados à experiência emocional, no tempo em que cuidara do pai doente, “isto é, seus sintomas tinham um significado e eram resíduos ou reminiscências daquelas situações emocionais”.²⁷

Verificou-se na maioria dos casos que tinha havido algum pensamento ou impulso que ela tivera que suprimir enquanto se encontrava à cabeceira do enfermo, e que, em lugar dele, como substituto do mesmo, surgira depois o sintoma. Mas em geral o sintoma não era o precipitado de uma única cena “traumática” dessa natureza, mas o resultado de uma soma de grande número de situações semelhantes. Quando a paciente se recordava de uma situação dessa espécie de forma alucinatória, sob a hipnose, e levava até a sua conclusão, com uma expressão livre de emoção, o ato mental que ela havia originalmente suprimido, o sintoma era eliminado e não voltava. Por esse processo Breuer conseguiu, após longos e penosos esforços, aliviar a paciente de seus sintomas.²⁸

O novo método de tratamento para histeria, havia proporcionado uma melhora da paciente, ao passo que se tornara capaz de realizar tarefas importantes. Mas, segundo Freud ao final desse tratamento pela hipnose, permaneceu um véu de obscuridade. O que parecia uma descoberta científica estimável, tornou-se um segredo que Breuer jamais compartilhou. Posteriormente, descobriu-se que o véu da obscuridade permaneceu, devido à incerteza de que o método encontrado era possível de ser generalizado com base no tratamento de um caso isolado. Contudo, Freud confiava que o novo método era uma descoberta de natureza fundamental para o tratamento da histeria. Mas, as certezas sobre tais descobertas poderiam ser aprofundadas pela experiência dos casos de histeria e Freud, decidiu aplicar o método hipnótico em seus pacientes. Após observar, durante vários anos que suas pesquisas se confirmavam em cada caso de histeria, acessível ao tratamento, Freud decide

²⁷ FREUD, 1925/1924[2006], p. 27.

²⁸ FREUD, 1925/1924[2006], p. 27.

publicar, juntamente com Breuer, os Estudos sobre a histeria. Essa publicação não procurou estabelecer a natureza da histeria, mas apenas lançar luz sobre a origem de seus sintomas. No entanto, sua ênfase está nas significações da vida emocional e a importância de estabelecer a distinção entre os processos mentais conscientes e inconscientes. O novo método denominou-se catártico e possuía finalidade terapêutica, a fim de obter a descarga do afeto utilizado para manter o sintoma no direcionamento normal. Os resultados práticos do processo catártico foram satisfatórios, apesar de apresentar *a posteriori*, dificuldades com o tratamento hipnótico. As diversas críticas do método catártico impediram Breuer de prosseguir com seus estudos, enquanto Freud empreendia novas pesquisas sobre as perturbações nervosas em geral. Contudo, procurou substituir a hipnose por outro método que não restringisse ao tratamento de condições histeriformes.

Ainda que os resultados pudessem ser explicitamente satisfatórios, algumas dificuldades estabelecidas na relação com as pacientes poderiam afetar a continuidade do processo terapêutico. Essas ocorrências demonstraram que havia uma força maior na relação emocional entre médico e paciente, do que todo o processo catártico. O trabalho da catarse assumiu novo aspecto, após o abandono do hipnotismo, que culminou na ampliação do campo de visão e compreensão de uma nova teoria. Percebeu-se que, tudo que as pacientes haviam esquecido estava ligado a uma carga aflitiva, penosa ou vergonhosa pelos padrões da personalidade do indivíduo. Concluiu-se que, foi precisamente esse fato que irrompeu ao esquecimento e não permanecia consciente. A fim de torná-lo consciente novamente, apesar das condições traumáticas, era necessário superar algo que irrompia contra o paciente. Então, foi necessário empreender esforços do próprio paciente que o compelsse a recordar dos fatos. A equivalência dos esforços do médico era proporcional a medida da resistência do paciente, com a dificuldade daquilo que precisava ser lembrado. A partir dos desdobramentos de suas pesquisas e as experiências do tratamento de seus pacientes, Freud substituiu o método de catarse, que priorizava a sugestão hipnótica, pelo método da associação livre, denominando-o Psicanálise.

2.2 O ENCONTRO COM A PSICANÁLISE

A Psicanálise atravessou de tal maneira a vida do teólogo Oskar Pfister, que todo seu pensamento teológico e práxis pastoral se viram atravessadas de toda profundidade teórica, oriunda ao novo método de compreensão humana. Através do encontro com Sigmund Freud, o pastor encontrou uma nova perspectiva da existência humana e confidenciou que a Psicanálise proporcionou um prelúdio inigualável em sua existência e tornar-se-ia inefavelmente grato ao que Freud o havia outorgado através de suas investigações e amizade. Durante os estudos de Filosofia e Teologia na universidade de Basileia, Oskar Pfister já demonstrava interesse pela Psicologia. Em sua tese de doutorado dirimiu sua pesquisa na obra psicológica de Biedermann. Pfister escreveu um artigo em 1903, fazendo uma crítica à retirada dos estudos de Psicologia do currículo de Teologia. Considerava o abandono da Psicologia um grave “pecado de omissão”, ainda que tenha realizado uma veemente crítica após seus estudos sobre Psicologia da Religião e concluir que a Teologia e a Psicologia eram incapazes de oferecer ajuda para o alívio do sofrimento humano. Entretanto, asseverou que o abandono da Psicologia, na formação teológica poderia contribuir peremptoriamente para o isolamento da teologia em relação às ciências humanas. Desde o princípio de sua formação, Pfister procurou manter o diálogo interdisciplinar, pois acreditava que dessa maneira teria uma percepção mais profunda e cosmológica da existência humana. Em 1908, recusou o convite da universidade de Zurique para se tornar docente em Teologia Sistemática e posteriormente, recusou outro convite para docência em Filosofia na Universidade de Riga. Considerava a vocação pastoral, uma tarefa fundamental em sua existência. Desempenhou o trabalho pastoral desde 1897, na aldeia de Wald, em Zurique, e transferiu-se mais tarde para a paróquia dos pregadores. Permaneceu durante 37 anos no trabalho pastoral, servindo a comunidade.

Nessa época, Carl G. Jung já era um Psiquiatra com reconhecimento internacional. Igualmente a Pfister, também era filho de pastor protestante e havia sido profundamente influenciado pela Psicanálise. Certo dia, Pfister busca a orientação de Jung, acerca do caso de uma mãe de família atormentada por delírios paranoides. A partir desse encontro, Pfister depara-se com os textos de Freud sobre Psicanálise, que chegaram até ele por intermédio de Jung. Em 1931, durante o encontro com

outros pastores reformados da Suíça, Pfister prosseguiu em desvelar os impactos do encontro com a Psicanálise e as implicações no seu trabalho pastoral.

Como cheguei à Psicanálise? Simplesmente porque não podia fazer nada válido com os velhos métodos. Com a Psicanálise, pode-se ter êxito onde antes era impossível, podem ser reativadas grandes quantidades de energias humanas que previamente não tinham saída e que conduziam à doença, ao manicômio e a outras formas de miséria. O inconsciente é um poder forte e pode causar sérias aberrações. A psicanálise pode apenas abrir sulcos, mas não pode plantar. É obvio que um cuidado pastoral deve unir-se à psicanálise. Este é um ponto sobre o qual a maioria das pessoas passa por cima. É verdade que Freud considera a religião uma ilusão. Como pastores, entretanto, podemos fazer análise e nos adentrar nessas novas tarefas com toda reverência, e nos tornaremos pastores da alma apenas quando conduzirmos as pessoas para a luz: um conceito que nos foi legado por Jesus.²⁹

Após o encontro com a Psicanálise, que ocorreu por meio dos estudos, participações em congressos e seminários de psicanálise, além de submeter-se à análise didática com Riklin e supervisão clínica com Jung, Oskar Pfister converteu-se em um *Analysenpfarrer*³⁰, pastor analista e amigo de Sigmund Freud. Obteve como clérigo o reconhecimento e respeito no campo psicanalítico e o prestígio de frequentar a casa do bom amigo Freud e desfrutar a amizade do Judeu que se considerava infiel e disposto em desconstruir todas as ilusões religiosas de seu tempo. O encontro entre Sigmund Freud e Oskar Pfister colocava frente a frente duas histórias, duas culturas e duas formações. Pertenciam a diferentes campos do conhecimento, a ciência e a religião, que por sua vez, já travaram intensas batalhas. Enunciava-se nesse encontro todos os elementos que contribuiriam para a interrupção do diálogo entre a Psicanálise e religião, mas talvez, essa dissimetria tenha provocado o desejo de encontrar no outro o interlocutor ideal para suas ideias.

Afinal, não seria obtuso captar os traços predominantes da personalidade do nosso personagem, uma vez que encontramos inúmeras informações de seu perfil psicodinâmico nas suas cartas e publicações, além dos comentários de Freud a seu respeito. A disparidade de caráter e personalidade entre Oskar Pfister e Sigmund Freud, se torna ainda mais evidente se atentarmos para a formação diversa e da concepção científica. Freud é médico formado na corrente do mecanicismo materialista com base no iluminismo, enquanto Pfister é teólogo reformado e possui

²⁹ PFISTER apud MORANO, 2008, p. 22-23.

³⁰ Oskar Pfister, pastor em Zurique – Essa era a maneira que se apresentava ao assinar suas contribuições à psicanálise.

uma formação humanística em filosofia. Esses fatores marcam a personalidade e a cosmovisão de nossos personagens, principalmente o lugar que a ciência ocupa na concepção de ambos.

Numa das visitas a Bergasse 19, Pfister presenteia a Freud com uma réplica em miniatura de prata do monte suíço Matterhorn, e numa correspondência enviada a Pfister, Freud declara o sentido simbólico que havia encontrado no presente. Além de utilizar o Matterhorn como peso para as correspondências, impregnou um sentido simbólico ao pensar que, da Suíça procedia a seu favor o pensamento favorável e o afeto de homens bons e fortes. Ao tecer outro significado ao Matterhorn, considera Pfister um homem extraordinário, “um verdadeiro servo de Deus, cujo conceito e existência eram-me muito improváveis, i. é, no sentido de que ele tem necessidade de proporcionar algo de bom no caminho espiritual a cada um que encontra. Assim, o senhor fez bem também a mim”.³¹ Sem dúvidas, esse traço de personalidade do pastor psicanalista foi fundamental, em demonstrar empatia em relação a Freud. Inclusive, o interesse de ajudar as pessoas, o levou ao encontro com a psicanálise. O fato é que, cada vez que Pfister manifestava o desejo de visitar a Bergasse 19, à família Freud se colocava em estado de felicidade ao receber o bom homem.

O senhor sempre nos torna felizes porque chama a consciência o que, em função da disposição infeliz do homem, esconde-se atrás dos pequenos sofrimentos e preocupações fugazes. Não sei que promessas o senhor depositou junto às crianças, pois sempre de novo as ouço pronunciar desejos como: “no próximo ano eu vou visitar o doutor Pfister”, “irei com ele em excursões às montanhas” e coisas semelhantes. Nem posso falar-lhes da sua excursão com seu filho à altitude de mais de 3.200 metros, senão a amarela inveja explode nesse acampamento e os meninos desejam para si um outro pai segundo o seu exemplo, que ainda possa escalar com eles, e não um que, importunado pelo seu Konrad, só consegue colher morangos em florestas planas.³²

Certamente, o que permitiu Pfister construir um caminho de interação e diálogo com outros psicanalistas foi sua maneira moderada, humana e cheia de tolerância. Ainda que, frequentemente Freud percebia nas correspondências, um Pfister veemente, exaltado e até arrebatado. No entanto, um sujeito capaz de demonstrar domínio de si, principalmente em circunstâncias adversas. Diferentemente de Freud,

³¹ FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 33-34.

³² Correspondência de Freud a Pfister, 16 de Agosto de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 38-39.

que se considera inapto em oferecer distinto comportamento e asseverando conceitualmente suas diferenças.

Bem, eu o admiro pelo fato de que possa escrever dessa forma tão moderada, humana, cheia de tolerância, tão objetiva, tão mais para o leitor que contra o inimigo. Sem dúvida, é pedagogicamente o mais correto e o mais adequado para sua posição. Agradeço-lhe especialmente porque, no que foi possível, tenha deixado minha pessoa em segundo plano. Contudo eu não seria capaz de escrever assim, prefiro não escrever coisa alguma, isto é, nem sequer estou escrevendo. Eu só poderia escrever para livrar a minha alma, revelar o meu afeto. Mas como isso não teria um resultado edificante, e também alegraria muito o adversário, que gosta de me ver irritado, prefiro nem responder. Pense o senhor: um sujeito representa o ético, o nobre, o que se volta contra o infame e assim conquista o direito de falar bobagem, desfilar sua ignorância e leviandade, esvaziar a sua bÍlis, inculpar e distorcer. Tudo isso em nome da moralidade superior; aí eu não poderia continuar manso. Mas como não sei apresentar a minha raiva artisticamente moderada, nem agradavelmente contagiante, eu me calo. Reduzir a temperatura eu não poderia jamais.³³

Freud evidencia a disparidade que marca a sua personalidade e as de Pfister e, conseqüentemente afirma que o analista necessita tornar-se um mau sujeito ao transformar-se e renunciar-se. Indubitavelmente, não era uma tarefa muito simples para um sujeito que havia sido criado em uma cultura pietista, com traços essencialmente superegÍicos, Freud conhecia sua personalidade herege e compreendia as diferenças do modo de ser entre si e o virtuoso Oskar Pfister. A ambivalência tornou-se ao longo da história um fator preponderante para o equilíbrio da amizade e do diálogo. Em algumas ocasiões, Freud se engajava de incitá-lo à provocação, não obstante, em outros momentos manifestava sua admiração pelo caráter virtuoso do bom amigo.

Acabo de ler seu pequeno livro e posso bem acreditar que o senhor o escreveu de boa vontade. Ele contém um calor que alegra o coração e mostra todas as belas qualidades que tanto apreciamos no senhor: sua capacidade de entusiasmo, seu amor pela verdade e pelas pessoas, sua coragem de professar-se, sua compreensão e também – seu otimismo”.³⁴

Porventura, as diferenças que poderiam aferir o rompimento dos vínculos de amizade, eram aparadas pela complementaridade do pastor virtuoso e do médico pessimista. Contudo, Freud parecia satisfeito com a mútua cumplicidade que ambos dialogavam sobre o assunto. “Portanto, diante do atraso, só posso expressar a

³³ Correspondência de Freud a Pfister, 24 de Janeiro de 1910, FREUD; MENG, 2009, p. 46.

³⁴ Correspondência de Freud a Pfister, 9 de Outubro de 1918, FREUD; MENG, 2009, p. 82.

satisfação de que o senhor, como santo homem, não se tenha deixado intimidar com um relacionamento tão herético”.³⁵

2.3 O ENCONTRO DE COSMOVISÕES

Fundamentalmente, as perspectivas de visões de mundo são essencialmente distintas entre Sigmund Freud e Oskar Pfister. Enquanto o pastor possuía um perfil predominantemente otimista, o médico emoldurava-se numa atitude pessimista. A diferença de cosmovisões, são determinantes para definir as posições em que nossos personagens assumem em relação as crenças religiosas. O modo como ambos interpretam o mundo, apreenderá à maneira que nossos interlocutores consideram os temas sobre a religião e que será preponderante nos aspectos relacionados à realidade. “Sua tendência à resignação me entristece”, confessou-lhe o pastor. Oskar Pfister não compreendia, como Freud em determinados momentos, superestimava as forças do inconsciente como motor constituinte e fundamental de toda a existência. Parecia que a inércia de Freud diante de seu “id”, afetava toda sua existência, na vida e morte, tristeza e felicidade, prazer a desprazer, paz e angústia. Nessa perspectiva, a visão de futuro fica condicionada ao status de poder concedido a *ananké*. Desse modo, Pfister ao ler “O ego e o id”, acredita encontrar nessa obra, principalmente em sua reflexão sobre o superego, a possibilidade de encontrar também, uma psicologia que elabore os valores e ideais relacionados a pessoa e a cultura. Com sua visão mais otimista e esperançosa, Pfister acredita que algo nos escapa a partir das instâncias parentais. Na existência de um movimento para o futuro, um movimento de superação, aspiração de ir além das heranças parentais. Portanto, o ego ideal não significa uma simples repetição parental, pois reside na instância do desejo de superação parental, o propulsor do movimento para o futuro e que exerce a diferença essencial entre o mundo animal e o humano.

É razoável afirmar que Oskar Pfister foi um homem bom, entusiasmado por natureza, dotado de uma eminente capacidade intelectual. Sua personalidade não possuía nenhuma maturidade extraordinária, além do que encontramos nos demais indivíduos. Se o considerarmos a partir do ponto de vista de um psicodiagnóstico,

³⁵ Correspondência de Freud a Pfister, 20 de Maio de 1921, FREUD; MENG, 2009, p. 109.

nosso personagem constitui-se de uma estruturação psicodinâmica frágil, marcado em determinados momentos por traços claramente hipomaniacos. Conforme Morano (2008), Oskar Pfister, em certas ocasiões manifestava um otimismo obviamente exagerado. O seu entusiasmo infundável, a sua atitude às vezes fantasiosa de messianismo, a sua hiperatividade que chega provocar vergonha no laborioso Freud nos faz considerar que além dos condicionamentos de caráter intelectual e religioso, encontramos elementos em sua personalidade que o diferenciam de Freud, a quem, com certeza, podemos situar no polo oposto, com uma tendência à depressão. Certamente, Pfister não permaneceu isento aos conflitos psíquicos, ainda que não pareça ter sido consideráveis. Não há indicações de que ele fosse mais neurótico do que os demais pioneiros da Psicanálise. Pfister é “um pouco neurótico, mas nada grave”³⁶ – comenta Jung a Freud. Não obstante, ao devido equilíbrio neurótico, em determinada época de sua vida, os próprios conflitos emergiram uma intensidade suficiente ao ponto de, finalmente empreender sua análise pessoal. “Pfister se encontra atualmente em análise com Riklin, já que, ao que tudo indica, está cansado de se cozinhar em fogo lento por causa de seus complexos”,³⁷ confia Jung.

Definitivamente, a amizade com Freud estabeleceu o encontro de duas cosmovisões claramente opostas, duas maneiras distintas de ser ético e duas estruturas psicodinâmicas antagônicas. Segundo Peter Gay (1992), de todas as amizades de Freud, era a que menos se podia esperar. Mas surpreendentemente, o clérigo cristão e o “judeu infiel”, estabeleceram um vínculo de amizade sincero e profícuo. Indubitavelmente, isso só ocorreu, porque de fato, ambos se complementavam nas suas posições mútuas, em suas controvérsias, nos embates travados, mas sobretudo, nas convergências pela busca da verdade do sujeito e o desejo de ajudar as pobres almas sofridas. A busca instigante pelo conhecimento lançou luz sobre o modo que ambos conduziam suas pesquisas. Contudo, a amizade nem sempre cordial entre Sigmund Freud e Oskar Pfister, nos deixou o aprendizado de que as diferenças podem co-existir, mas não necessariamente devem afastar as pessoas. Ao contrário, pode aproximá-las permitindo a ampliação do campo de visão em um processo de complementaridade, alteridade e respeito. Certamente, o Matterhorn prefigurava a firmeza de uma amizade que perduraria por mais de trinta

³⁶ McGUIRE, 1993, p. 218.

³⁷ McGUIRE, 1993, p. 465.

anos, firmado sob a rocha da confiança mútua e do compromisso pessoal que ambos obtiveram ao longo da história.

2.3.1 A amizade entre Freud e Pfister

As correspondências entre Sigmund Freud e Oskar Pfister no período de 1909 a 1939, certamente viabilizam uma compreensão muito mais ampla e profunda dos vínculos que constituíam as relações de nossos personagens. Ainda que, muitas cartas haviam sido destruídas a pedido do próprio Oskar Pfister, principalmente aqueles referentes a história afetiva íntima na qual bordejou Pfister. “Há pouco executei o trabalho de carrasco, que o senhor me solicitara pela senhora H. As cartas do ano de 1912 foram aniquiladas, somente uns poucos conteúdos impessoais ainda estão à minha frente. Eu fiz o que o senhor queria, mas não gostei de fazê-lo. Tive pena das cartas que li novamente depois de tantos anos”.³⁸ Outra parte das correspondências foram extraviadas por razões diversas que desconhecemos, mas o fato é que a insuficiência de materiais correspondentes de março de 1913 à outubro de 1918, deixam uma lacuna de cinco anos nos relevantes dados obtidos nas cartas. Por essas razões, as informações que encontramos de Oskar Pfister são predominantemente menores das que encontramos em Freud. Nesse caso, as observações diretas de Oskar Pfister são as reconstruções de suas anotações estenográficas.³⁹ O pastor suíço autorizou todas as publicações das correspondências de Freud, com a objeção de que nenhum texto deveria ser publicado, caso pudesse denegrir a imagem de alguma pessoa viva.

A relação de amizade entre Freud e Pfister era especialmente valiosa, subjacente a qualquer interesse pessoal nefasto e narcísico. “Com o distanciamento geográfico, facilmente a gente se afasta quando não se houve nada um do outro, quando não pode vivenciar nada junto”,⁴⁰ provavelmente porque a presença do pastor Pfister na casa da família Freud promovia a manifestação do calor humano, a alegria e talvez um pouco mais de otimismo, principalmente ao fundador da psicanálise. “Justamente nós dois, depois que nos conscientizamos das últimas diferenças

³⁸ FREUD, 1925/1924[2006], p. 140.

³⁹ Outros textos da correspondência, que não aparecem na publicação estão conservados em Sigmund Freud Copyrights, Wivenhoe.

⁴⁰ Correspondência de Freud a Pfister, 7 de Fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 171.

fundamentais de nossas concepções de vida, temos motivos especiais, mas também inclinações especiais, eu espero, para cultivar tais relações”.⁴¹ Parece que o impacto afetivo, que a pessoa de Pfister promovia, transcendia o mundo das ideias de Freud e recorda diante de uma escultura do Matterhorn colocadas sobre as correspondências enviadas por Pfister:

O Matterhorn, agora encobre minhas correspondências em débito sobre a escrivaniinha. Agrada-me pensar nesse pedacinho da Suíça no sentido simbólico ao qual o senhor me estimulou, ou seja, como uma homenagem do único país no qual sou agraciado ricamente em gozar o pensamento favorável e o afeto de homens bons e fortes. Não penso em defender minha pessoa. De propósito, sempre a expus apenas como exemplo, jamais como modelo, sem nem falar em objeto de veneração.⁴²

Ao recordar de Pfister, Freud lembra de um terceiro significado do Matterhorn:

Também quero considerar um terceiro significado do Matterhorn. Lembra-me um homem extraordinário, o qual certo dia me visitou, um verdadeiro servo de Deus, cujo conceito e existência eram-me muito improváveis. Isto é, no sentido de que ele tem necessidade de proporcionar algo de bom no caminho espiritual a cada um que encontra. Assim, o senhor fez também a mim. Após seus conselhos, perguntei-me por que realmente não me sentia feliz, e logo achei a resposta. Desisti do propósito inatingível de ficar rico por um modo honesto, e, após casual desistência de um paciente, resolvi não aceitar nenhum substituto no lugar dele. Desde então estou bem e animado, e lhe dou toda a razão. De lá pra cá, já por três vezes, permaneci fiel a esse propósito; sem sua visita e sua influência eu jamais o teria conseguido. Meu próprio “complexo paterno” – como diria Jung –, ou seja, a necessidade de corrigir meu pai,⁴³ não o teria permitido”.⁴⁴

“É um clérigo que se pode aceitar e que me faz bem, sabendo inclusive atuar de forma moderada sobre o impulso resultante de meu próprio complexo paterno. É um pouco arrebatado, mas a sua cordialidade não tem a falsidade presente nos exageros”.⁴⁵ Sobretudo, Pfister havia sido agraciado pela amizade de Freud, todavia, nem todos os clérigos desfrutavam da sua legitimação no círculo psicanalítico. Provavelmente a amabilidade, moderação e cordialidade de Pfister ultrajaram Freud a recebê-lo em seu convívio. A superação do complexo paterno havia se transformado num dilema profissional para Freud. A partir do instante que decidiu

⁴¹ Correspondência de Freud a Pfister, 7 de Fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 171.

⁴² Correspondência de Freud a Pfister, 10 de Maio de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 33.

⁴³ O “complexo paterno” se designa pelo fato de Freud, tentar superar as dificuldades materiais que seu pai enfrentou, com as tentativas frustradas de trabalho.

⁴⁴ Correspondência de Freud a Pfister, 10 de Maio de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 34.

⁴⁵ McGUIRE, 1993, p. 246.

trabalhar para sustentar a família, Freud percorreu o percurso de tornar-se rico às custas de seu trabalho honesto com a psicanálise. A elaboração do complexo ocorreu justamente numa intervenção do pastor. A maneira particular que Freud enxergava Pfister era bastante transparente. Pouco tempo depois de ter conhecido Pfister, declarou que havia recebido a visita de um homem extraordinário, um verdadeiro servo de Deus, cujo pensamento e existência me pareciam altamente improváveis, referindo-se ao fato de que Pfister tinha necessidade de proporcionar ajuda a todas as pessoas. Esse comportamento Pfisteriano também alcançou a Freud, promovendo bem-estar na relação de amizade. Além disso, a atitude altruísta de Oskar Pfister, pela necessidade de proporcionar ajuda espiritual a cada um que encontra também é destacada por Freud e pelo efeito benéfico que o pastor causa às pessoas, incluindo ele mesmo. Com efeito, a visita de Pfister havia atravessado os dilemas de Freud, pois deixou de cobrar honorários de alguns pacientes que se encontravam em circunstâncias difíceis. Declarou então que, sem a visita de Pfister e sua influência nunca teria feito atendimento voluntário devido ao seu complexo paterno. Não podemos afirmar com certeza, qual o lugar que Oskar Pfister ocupava na vida de Freud, mas o fato de Pfister tê-lo influenciado a superar o seu sintoma edípico, indica uma relação bastante íntima e pessoal, contudo uma indubitável relação de caráter filial. O clérigo podia despertar em Freud as mais distintas representações paternas, principalmente porque Pfister se conciliava com muita habilidade acerca dos delineamentos familiares. Inclusive, outro elemento fundamental no vínculo afetivo com Freud foi o impacto que Pfister havia provocado em seus filhos e filhas. A impressão que ficou marcada em Ana Freud, por ocasião da primeira visita do pastor protestante, com vestes talares e de aspecto litúrgico, à casa da família Freud demonstra uma atitude original, o seu modo humano de ser e de demonstrar o afeto, concomitante a capacidade de possuir interesses mais amplos de cunho estritamente científico ou intelectual. “O fato de eu lhe escrever tantas coisas pessoais deve-se a que nenhuma visita, desde a de Jung teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo”.⁴⁶ O entusiasmo que Pfister provocava nas crianças despertava indagações em Freud. “Não sei que promessas o senhor depositou junto às crianças, pois sempre de novo as ouço pronunciar desejos como: “no próximo ano eu vou visitar o doutor Pfister”, “irei com ele em excursão às montanhas” e coisas

⁴⁶ Correspondência de Freud a Pfister, 12 de Julho de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 38.

semelhantes”.⁴⁷ Parece que a visita daquele “flautista de Hamelim”, consegue despertar nas crianças, as fantasias mais intensas no coração dos pequenos e dos grandes. Novo ano inicia e Freud revela a Pfister o desejo que “ele se torne um ano merecidamente feliz para o senhor”.⁴⁸ Contudo, o máximo que seu pessimismo lhe permite, no incólume de seus complexos, é desejar a si, que no corrente ano, “eu consiga conquistar mais homens como o senhor como amigos, o que provavelmente é demasiado pretensioso, para ter expectativa de realização,”⁴⁹ revela a Pfister.

Se nos avistarmos novamente em Nuremberg, conversarei com o senhor a respeito dos nossos planos de verão e, em nome dos pequenos e dos grandes, pedirei seu apoio. Dessa vez, queremos ir a um lugar de 1.000-1200 metros de altitude, com bom hotel e belo lago (e obviamente bosques), uma abençoada região da Suíça francesa, para então, em setembro, descermos ao lago de Genebra. Durante a viagem, naturalmente faremos uma longa parada em Zurique e visitaremos nossos queridos. Os selvagens estão loucos de alegria, e até as mansas damas estão em grande expectativa. Talvez o senhor possa aconselhar-nos sobre a escolha do local; aceitaremos o mais belo com gratidão.⁵⁰

2.3.2 Confidências de uma amizade

A disponibilidade de Oskar Pfister em manter o diálogo aberto, franco e legítimo com Sigmund Freud foi endossado por uma amizade de cumplicidade e cordialidade. Apesar da relação de amizade com Freud, despertar em Pfister afeições paternas, não se vê constrangido ao abrir sua vida pessoal ao seu mestre e discorrer um caminho inibido de resistências. A ausência da figura paterna, desde sua infância, e a educação unilateral, ancorada nos princípios rígidos da mãe conservadora, encontra em Freud um amparo para suas fantasias paternas, uma vez que, Freud confere a Pfister, uma representação simbólica do pai estudioso, comprometido com a humanidade e principalmente, acolhedor dos seus desejos. Em alguns momentos, Pfister parece ser capturado pela amizade com Freud, ao ponto de demonstrar fidelidade, mesmo em circunstâncias completamente adversas. O vínculo de amizade com Freud, é tão intenso que não encontrou dificuldades em confiar plenamente no amigo. Em momento algum hesitou, depositar sua confiança em Freud, de modo que

⁴⁷ Correspondência de Freud a Pfister, 16 de Agosto de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 39.

⁴⁸ Correspondência de Freud a Pfister, 10 de Janeiro de 1910, FREUD; MENG, 2009, p. 43.

⁴⁹ Correspondência de Freud a Pfister, 10 de Janeiro de 1910, FREUD; MENG, 2009, p. 43.

⁵⁰ Correspondência de Freud a Pfister, 10 de Janeiro de 1910, FREUD; MENG, 2009, p. 44.

logo após conhecê-lo, relata suas dificuldades conjugais. Pfister confia a Freud a intenção de divorciar-se de sua esposa, Érika Wunderli, com quem era casado desde 1897 e tivera um filho. Posteriormente, confia que havia encontrado uma jovem que valia a pena a seus olhos e que está decidido finalmente, a divorciar-se.⁵¹

Quanto a Pfister, esqueci de mencionar que ele anda numa fase má porque a sua posição está em perigo. Ele tem sido muito imprudente. Está bastante feliz com a sua garota, mas ela é jovem e infantil demais e ainda não compreendeu qual é a situação; quis até mesmo acabar com tudo, pela segunda vez. O próprio Pfister é uma criança e precisa de uma mulher inteligente. Primeiro casou-se com uma mãe, agora é uma filha. Eu disse-lhe que ela é completamente infantil; ouvi dizer que ele entendeu isso como um sinal de encorajamento. Todo esse caso é decididamente perigoso. No entanto, a sua libido está presente, de modo que talvez se saia bem. Não estou me intrometendo, já que ele não me pediu para fazê-lo. A sua posição na paróquia é precária. Que irá ele fazer se for expulso? Diz que trabalharia com algum médico como psicanalista assistente. Com quem? Não há lugar para ele aqui, conosco. E o que diria sobre isso a sua jovem esposa ou noiva? Ele agora está terrivelmente apaixonado e imagina que não pode viver sem a garota. Espero que no fim tudo fique bem. Estamos muito preocupados com ele.⁵²

A influência que Oskar Pfister possuía na comunidade suíça, foi peremptoriamente imprescindível para o avanço da psicanálise. Principalmente, porque Pfister se tornou um psicanalista leigo – não fazia parte da comunidade médica. O rompimento de Pfister com a comunidade em Zurique, afeta diretamente os planos de expansão da psicanálise, contudo entre os leigos. Em uma carta enviada a Freud, Jung relata o perigo que Pfister está correndo ao envolver-se com a jovem. “Conheço esse pássaro encantador”, que enfeitiçou o coração de Pfister e o pretende desvirtuar para o caminho dos ímpios. “Tudo indica que ela só queira tirá-lo da gaiola e não se casar. Mas é justamente isso o que mais importa. Se ela tiver sucesso, Pfister pode se considerar feliz”.⁵³ Parece que o problema não está no desejo de Pfister em divorciar-se, mas na possibilidade de envolver-se com uma jovem infantil e que não está disposta em assumir e manter a relação com Pfister após o seu divórcio. Essa situação pode trazer consequências para o trabalho de Pfister na comunidade em Zurique. Parece que Pfister se envolve em uma relação arrebatadora, que o impede de enxergar os perigos da sua posição. No entanto, Pfister está decidido a ser movido pelo princípio do prazer e manter uma relação inconsequente e irracional. As escolhas

⁵¹ MORANO, 2008, p. 36-37.

⁵² McGUIRE, 1993, p. 561.

⁵³ McGUIRE, 1993, p. 513.

amorosas de Pfister são motivadas pelas marcas inscritas no inconsciente, principalmente àquelas que resultam de suas experiências do laço familiar.

Os planos de Pfister se mantêm, à medida que constrói meios de subsistência, em detrimento do divórcio e a possível exclusão dos trabalhos na paróquia. Em seguida, Freud recebeu uma correspondência de Pfister com a fotografia da garota e afirmando que protelaria seu divórcio por seis meses. Diante da situação expressivamente perigosa e a posição vulnerável assumida por Pfister em relação ao caso de amor, Jung prefere não intervir, há não ser que fosse convocado. O epílogo da história de amor e paixão avassaladora é difícil de ser investigado, uma vez que as correspondências entre Freud e Jung que tratam esse assunto, logo são interrompidas e as Correspondências entre Sigmund Freud e Oskar Pfister, datadas nesse período são destruídas por Freud a pedido de Pfister. Contudo, o que sabemos é que Pfister não conseguiu levar a cabo sua intenção de divorciar-se e permaneceu casado até 1929, quando então sua esposa faleceu. Não conhecemos de que maneira Pfister resolveu o imbróglio amoroso, contudo conseguiu recuperar seu prestígio e estabilidade profissional e pessoal. Um ano após a morte da esposa, casou-se com sua prima Martha Zuppinger-Urner, com a qual permaneceu casado até sua morte em 6 de agosto de 1956.

As dificuldades de Oskar Pfister, indubitavelmente não estão restritas as histórias de amor. Enquanto Pfister ascendia de maneira ativa no movimento psicanalítico tornando-se membro fundador da Seção Zurique da Associação Psicanalítica Internacional, enfrentou, incólume, aqueles que postulavam destruir a sua reputação. No princípio, a Psicanálise perscrutou um método científico afim de estabelecer-se como ciência em meio a uma cultura positivista. No entanto, enfrentou intensos embates nos campos social, cultural e científico. Qualquer infortúnio poderia desconstruir anos de trabalho e pesquisa dos seus fundadores. Em 1912, a Psicanálise foi violentamente vilipendiada, principalmente pelos periódicos de Zurique, projetando efeitos avassaladores nos consultórios de psicanálise. Os periódicos denunciavam as perversas teorias de origem vienense, e concomitantemente, proclamavam a insólita esperança, de que elas não perverteriam a alma asseada dos suíços. Oskar Pfister era um pastor criativo e inovador, que estava à frente de seu tempo “e nem sempre estava de acordo com as ideias teológicas

prevalecentes”.⁵⁴ Certamente os conflitos instaurados em Zurique contribuíram para a instabilidade nas relações de Pfister com a igreja oficial, principalmente dos embates no campo da teologia. Após superar a suspeita inicial de Freud, de relacionar-se com um teólogo e vincular-se de maneira amigável, Pfister encontra enormes dificuldades de convivência com os teólogos reformados.

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo lamentável. Há mais de dezoito anos estou no trabalho. Os pedagogos têm aceitado muitas coisas e, de todos os lados, ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses. Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio.⁵⁵

2.3.3 Discussões psicanalíticas

Após Oskar Pfister publicar em 1909, o primeiro caso de cura d'almas analítica, Friedrich Wilhelm Foerster, então professor da universidade de Munique, insurge a aplicação da psicanálise na cura d'alma, sob a alegação de perder a dimensão ética e racional da ação humana, uma vez que, se todo viver e pensar é regido por complexos e impulsos inconscientes, poderiam trazer consequências a saúde espiritual da humanidade.

A discussão torna-se pública, portanto, Pfister elabora um texto com fundamentações teórica e prática da psicanálise como princípio científico e método de cura de almas para responder as acusações de Foerster. Oskar Pfister também recebe duras críticas de teólogos, sobre o caso Zinzendorf, principalmente, porque havia muita resistência coletiva à abordagem da sexualidade, entretanto dificultava severamente a apreensão da teoria psicanalítica. Antagonicamente, segundo Nase (1993), Pfister é acusado de sexualizar e infantilizar a fé. As ameaças à atividade pastoral, o circundava e cogitou-se, inclusive, a possibilidade de Oskar Pfister perder o cargo de pastor na Predigerkirche, a principal igreja reformada da cidade de Zurique. Os teólogos conservadores, consideraram a prática da psicanálise na cura d'alma um perigo à idealização de algumas práticas religiosas. Além das críticas motivadas pelas interpretações psicanalíticas, Pfister foi então, considerado um devasso pela vinculação da psicanálise com a sexualidade.

⁵⁴ STETTENER apud WONDRACEK, 2005, p. 30.

⁵⁵ Correspondência de Pfister a Freud, 10 de Setembro de 1926, FREUD; MENG, 2009, p. 136.

Entretanto, a Psicanálise segue em expansão na Europa e na América e especialmente na década de 1920, houve uma profícua relação entre a psicanálise e a teologia. Determinadas igrejas reformadas da Europa enviam o convite ao pastor Oskar Pfister para ensinar o método psicanalítico de cura d'alma em suas comunidades. Posteriormente, ocorre um retrocesso da aplicação da psicanálise na cura d'alma, principalmente, devido a delimitação da psicanálise que ficaria estritamente restrita ao monopólio médico. Além do advento do nacional-socialismo, que atribui outros valores sociais em outras questões, a psicanálise, paulatinamente, perde terreno na cura d'alma. Certamente, todos os embates e contradições contribuem para a construção teórica de Pfister na psicanálise. As experiências e as situações de conflitos no ministério pastoral e na vida amorosa, produziram efeitos em Pfister que posteriormente, Freud relê as correspondências dessa época, antes de destruí-las, a pedido do próprio Pfister e lamenta que “mesmo que naquela época o senhor estivesse em perigo de cometer tolices e o destino depois se mostrasse mais benigno com o senhor, assim mesmo – eu não pude abandonar o lamento de que o senhor tenha sido privado daquela luta”.⁵⁶

Evidentemente, Freud demonstra na relação de amizade com Pfister um certo nível de alteridade, ao efetivar comentários empáticos acerca dos problemas enfrentado pelo amigo. Mas certamente o envolvimento pessoal de Freud em suas relações de amizade com as pessoas do gênero masculino, necessita ser analisadas a partir dos condicionantes prévios, concernentes ao desenvolvimento pessoal de Freud. Desde sua juventude, Freud necessitava de uma espécie de alter ego – outro eu, um substituto perfeito que permitiria reconhecer-se. Seus interlocutores realizavam uma espécie de suporte, que possibilitava a sustentação de Freud em seu labor científico. Em determinado momento declara a Fliess⁵⁷ que os “seus elogios são

⁵⁶ Correspondência de Freud a Pfister, 01 de Junho de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 141.

⁵⁷ FLIESS, W., foi um médico otorrinolaringologista, da cidade de Berlim, com quem Freud manteve uma estreita relação de amizade no período de 1887 – 1904, período que coincide com a auto-análise de Freud, de 1897 – 1900. Freud entregou-se ao relacionamento, quase sem reservas, enquanto Fliess era mais resguardado. Havia da parte de Freud, uma quase veneração a pessoa de Fliess. Afirmava que “gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo; o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo e minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiri por seu intermédio e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído!”. Durante esse longo período, foram trocadas 272 correspondências, que revelam a dinâmica afetiva experienciada por Freud nessa relação. Nas correspondências, percebemos Freud esboçar e aperfeiçoar as teorias, sentir a rejeição dos colegas de ciência e vivenciar seu isolamento profissional. À medida que a amizade com Fliess cresce e se aprofunda, os dois homens se encontram periodicamente para trocar ideias

néctar e ambrosia para mim, pois sei perfeitamente bem como lhe é difícil tecê-los – não, para ser mais correto, como você fala sério quando de fato os tece”.⁵⁸ Entretanto, diante de um perturbador cenário de solidão, Freud é afetado pelas sensações de isolamento, embotamento e resignação. Tão logo esse cenário era modificado, quando conversava com o Fliess “e percebia que era favorável sua opinião a meu respeito, eu costumava até atribuir-me uma certa importância, e o quadro de energia absolutamente convincente que o Sr. me ofereceu não deixou de surtir algum efeito em mim”.⁵⁹ Após a ruptura com Fliess, jamais Freud permitiu entregar-se novamente a uma relação de confidências e experiências mutuamente afetivas, quanto havia vivenciado anteriormente. Freud deixa claro sua mudança de postura nas suas relações pessoais quando Ferenczi queixa-se da sua falta de reciprocidade da comunicação pessoal. “O senhor não apenas observou, mas também compreendeu que agora não tenho necessidade alguma de desvelar completamente minha personalidade e de forma correta o senhor relaciona esse fato com sua origem traumática”.⁶⁰ Pressionado pelo término do relacionamento frustrado com Fliess, Freud se vê obrigado a superar a necessidade de co-dependência, possibilitando o fortalecimento do seu ego. Sua necessidade de obter amigos íntimos, foi aplacada pelas frustrações passadas, e foi progressivamente substituída por um tipo de amizade plural, com menor nível de comprometimento afetivo e com menor risco, portanto de sofrer novas decepções.

Esses desdobramentos da vida afetiva de Freud, revelam os motivos pelos quais, é Pfister que realiza as comunicações mais íntimas. Por essas razões, compreende-se, porque Pfister nunca obteve um maior nível de reciprocidade das questões confidenciais, além da estima que Freud demonstrava pelo amigo pastor. É evidente que após a ruptura com Jung e o grupo de psicanalistas de Zurique, a amizade entre ambos foi fortalecida, principalmente pela demonstração da fidelidade de Pfister, em permanecer ao lado do seu mestre. À medida que a relação se consolida, percebe-se mais franqueza e liberdade para interação das divergências de pensamento. É importante ressaltar que o conceito de sexualidade e as dissonâncias

e apoiar-se mutuamente em seus esforços. A amizade foi perdendo seu vigor, após a conclusão da auto-análise, em que Freud pode, então, perceber os meandros da intensa relação.

⁵⁸ Correspondência de Freud a Fliess, 14 de julho de 1894. Masson, 1986, p. 87.

⁵⁹ Correspondência de Freud a Fliess, 01 de agosto de 1890. Masson, 1986, p. 27.

⁶⁰ MANNONI, O. (1976) **Freud: El descubrimiento del inconsciente**, Buenos Aires, Nueva Visión, 1975, p. 108.

nas formas de conceber o fato religioso, são, com efeito, elementos críticos que provocam a cisma entre Freud e Jung. Não obstante, também constitui nesses aspectos as maiores divergências entre Freud e Pfister.

O grupo psicanalítico de Zurique gozava de um importante prestígio e reconhecimento internacional e oferecia maiores perspectivas de expansão da psicanálise para o exterior. O grupo de psicanálise de Viena possuía menos recursos financeiros e era mais provinciano. Peter Gay, ainda assevera que os zuriquenses não eram velhos, não eram vienenses e não eram judeus.⁶¹ Desde o princípio, contudo no primeiro Congresso de Salzburgo, em 1910, o grupo de psicanálise de Zurique demonstrou um importante impacto no contexto científico, mais importante que o grupo de Viena. “Que acontecerá se meus zuriquenses me abandonarem?”,⁶² exclama Freud.

Em tempos de acentuado antissemitismo, Freud tinha forte receio de que a psicanálise ficasse restrita apenas ao mundo judaico, principalmente porque ele era judeu e seu meio social e intelectual era formado por uma maioria de descendência judaica. Por essas razões, inicialmente a psicanálise foi considerada por muitos, uma ciência judaica. Freud, entretanto, encontrou em Jung e no grupo de Zurique a chave para estabelecer uma nova imagem para a ciência em construção. Ao analisar a configuração pessoal de Oskar Pfister podemos encontrar significativas discrepâncias entre a sua cosmovisão e a de Freud. O otimismo exacerbado em relação ao pessimismo resignado, o amor diante da provocação, o idealismo frente ao sarcasmo, a visão positiva em oposição ao espírito essencialmente crítico e negativo, principalmente sobre a vida e as pessoas. Essas diferenças pessoais são as bases estruturais fundamentais que marcam as posições das cosmovisões distintas e que demandam a essência para o enfrentamento das problemáticas dos campos teórico e prático da psicanálise. Pfister vislumbrava a possibilidade de realizar aproximações entre a Psicanálise e a Filosofia, que serviu de base em grande parte de sua formação acadêmica. Além de proporcionar uma ponte muito adequada entre a psicanálise e suas crenças religiosas. Entretanto, Freud buscava permanecer nos limites de uma ciência positivista, uma vez que, vigorosas elucubrações filosóficas poderiam provocar um mal-estar do mundo científico e reduzir a psicanálise a uma simples filosofia.

⁶¹ GAY, Peter, **Um Judeu Sem Deus**, Rio de Janeiro, imago, 1992, p. 89.

⁶² CLARK, R.W. **Freud. El hombre y su causa**, 1980, p. 162-163.

Contudo, era evidentemente divergentes suas posições filosóficas e a importância que concediam ao pensamento filosófico. “A sua falta de sabedoria me diverte”, afirma Pfister à Freud, demonstrando a distância que os separavam em relação ao pensamento filosófico, destacando que a formação acadêmica de Pfister o conduzia a uma relação mais profunda e inerente com a Filosofia. Embora Pfister reconheça a ideia freudiana da determinação inconsciente dos sistemas filosóficos, não os reduz apenas a isso. Para ele, o pensamento filosófico possui amplo significado, contudo, para a base lógica, para o credo racionalizado, para a epistemologia, a ontologia, e fundamentalmente, para a apreensão do sentido, dos valores e das normas. As posições e limitações filosóficas também determinam as divergências na teorização da psicanálise. O radical pessimismo de Freud, que se “expressava com uma teoria como a de pulsões de morte, era recusado quase alergicamente por uma visão da vida de tendência marcadamente idealista e por uma profunda e esperançosa convicção religiosa”.⁶³ Pfister expressa o seu pensamento em um comentário crítico da obra de Freud *O mal-estar da civilização*:

Com prazer faço uso do seu convite para exercer livre crítica ao seu livro. Há anos li no manual de Psicologia de Ebbinghaus: “A análise da vida amorosa conduz somente a futilidades” (II, 346). Assim acontece comigo na leitura do seu novo livrete, que sem dúvida contém muitíssimos pensamentos profundos e importantes, mas que, assim me parece, não acerta em tudo. Não posso entrar em detalhes, pois então surgiria um tratado. Permita-me apenas algumas generalidades. Na doutrina das pulsões o senhor tem pensamento conservador, eu progressista. Vejo, como na doutrina da evolução dos biólogos, uma tendência impulsionadora ascendente, tal como na primavera olímpica de Spitteler, em que os deuses, escalando penosamente e escorregando de volta, sobem mediante esforços indizíveis.⁶⁴

A seguir, Pfister prossegue afirmando que o ser humano necessita ser compreendido a partir de uma visão de mundo e inserir o indivíduo em uma totalidade.

A “pulsão de morte” vejo somente como declínio da “força vital”, não como uma pulsão propriamente dita, e [penso que] mesmo a morte dos indivíduos não pode deter o desenrolar da vontade universal, mas apenas fomentá-la. Vejo a cultura cheia de tensões: assim como no homem volitivo o status praesens contrapõe ao status futurus desejado, também na cultura. Assim como também seria errado ver nas realidades efetivas do indivíduo a sua totalidade, ignorando, porém, seus esforços, também seria incorreto julgar as abominações culturais presentes como sendo simplesmente a cultura, pois a elas também se contrapõem magnificências culturais.⁶⁵

⁶³ MORANO, 2008, p. 48.

⁶⁴ Correspondência de Pfister a Freud, 04 de fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 168.

⁶⁵ Correspondência de Pfister a Freud, 04 de fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 169.

Apesar da resposta de Pfister não ser totalmente satisfatória, Freud evidencia que “as relações pessoais são algo especialmente valioso, que não pode ser coberto por comunhão de trabalho ou de interesses. Justamente nós dois, depois de nos conscientizarmos de nossas concepções de vida, temos agora motivos especiais – mas também inclinações especiais, eu espero – para cultivar tais relações”.⁶⁶ Entrementes, com bases na biologia e na psicologia, Freud estaria convencido que a fatalidade das pulsões de morte era uma teoria fundamental para a psicanálise e pensar diferente dessa ideia, significaria adentrar ao campo da ilusão.

Quando duvido da disposição da humanidade de avançar no caminho da cultura para uma perfeição ainda maior, quando detecto na sua vida uma luta continuada entre Eros e pulsão de morte, cujo resultado me parece incerto, creio não ter dado com isso qualquer expressão das minhas próprias características constitucionais ou das disposições adquiridas de sentimentos. Não sou um autoflagelador nem um Bosnickel, quero de bom grado conceder algo de bom a mim e aos outros, e também acharia bem mais belo e consolador se pudéssemos contar com um futuro tão brilhante. Mas parece-me novamente um caso da luta entre a ilusão (cumprimento de desejo) e reconhecimento. Não se trata de modo algum de aceitar o que seja mais agradável ou mais cômodo e vantajoso para a vida, e sim o que mais se aproxima da enigmática realidade que existe fora de nós. A pulsão de morte não me é um anseio do coração, ela surge somente como uma hipótese inevitável a partir das razões biológicas e psicológicas. Disso se deduz todo o restante. Meu pessimismo aparece-me então como resultado; o otimismo dos meus adversários, como uma pressuposição. Eu poderia também dizer que fiz um casamento de conveniência racional com minhas teorias sombrias, [e que] os outros vivem com as suas um casamento por inclinação sentimental. Espero assim que eles se tornem mais felizes que eu.⁶⁷

Uma indubitável diferença marca a existência de nossos personagens, principalmente no que tange às questões sobre a moral. Ambos foram marcados por uma teia de significantes, de caráter moral da vida, contudo, perscrutavam perspectivas bastante distintas sobre os fundamentos dos aspectos da moral e sobre os seus objetivos últimos. No entanto, destaca-se o apaziguamento das ideias quanto aos seus conteúdos essenciais.

O êxito da psicanálise seguramente depende da ocorrência de dois resultados: que haja descarga de satisfação e que se domine e sublima a pulsão recalitrante. Se a maioria das vezes só temos sucesso com a primeira, a razão em grande parte reside no material: pessoas sofrendo gravemente há longo tempo, que não esperam do médico uma elevação moral, são muitas vezes, material inferior. Junto ao senhor encontra-se jovens

⁶⁶ Correspondência de Freud a Pfister, 07 de fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 171.

⁶⁷ Correspondência de Freud a Pfister, 07 de fevereiro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 171-172.

atraídos à sua pessoa, com conflitos recentes prontos para sublimação e para a forma mais cômoda da mesma, a sublimação religiosa. O senhor certamente não duvida de que seu sucesso tem sido alcançado através do mesmo caminho pelo qual o nosso é, ou seja, através da transferência erótica à sua pessoa⁶⁸.

Freud introduz algumas diferenças da prática da clínica psicanalítica produzida por um leigo e o cura d'almas.

O senhor, porém, tem a feliz possibilidade de conduzir para Deus, e de produzir num ponto o estado feliz de outrora, em que a fé religiosa sufocava as neuroses. Para nós não existe essa chance de resolver as coisas. Nosso público – independente da origem étnica – é não-religioso. Nós também o somos, na grande maioria, de forma radical, e, como os outros caminhos da sublimação pelos quais substituímos para nós a religião são demasiado difíceis aos nossos pacientes, a nossa cura, geralmente desemboca na busca da satisfação. A isto se acrescenta que nós não podemos ver na satisfação sexual em si algo proibido ou pecaminoso, mas que a reconhecemos como uma parte valiosa da realização de vida. O senhor sabe que nosso erotismo engloba o que vocês, na cura de almas, chamam de “amor” e não quer de modo algum ser limitado ao rude prazer sensual. Assim, os nossos doentes têm de procurar nas pessoas aquilo que não podemos lhes prometer de um lado mais elevado e aquilo que precisamos lhes recusar na nossa própria pessoa. Naturalmente, por isso, nosso trabalho é mais difícil, e na dissolução da transferência alguns êxitos submergem.⁶⁹

Assim Freud afirma que a psicanálise é um instrumento laico:

A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de ideias. Creio poder expressar a esperança de que o senhor não irá esmorecer no seu interesse, mesmo quando a primeira fase dos resultados mais felizes der lugar àquela conhecida segunda fase, na qual as dificuldades ocupam o primeiro plano. Após vencer essa última, chega-se ao sentimento de serena segurança.⁷⁰

Oriundo de formação liberal, Pfister procura minimizar as diferenças, expondo a Freud que suas posições não se encontram demasiadamente distantes. “Foi uma grande satisfação saber através de sua comunicação, que entendi corretamente a tarefa da psicanálise, de ser no fundo, um método de cura almas”. O interesse de Pfister pela psicanálise, encontra-se no aparato técnico de estabelecer uma ferramenta de cura d'alma. A posteriori, Pfister utiliza paralelamente o texto publicado

⁶⁸ Correspondência de Freud a Pfister, 09 de fevereiro de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 24.

⁶⁹ Correspondência de Freud a Pfister, 09 de fevereiro de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 24-25.

⁷⁰ Correspondência de Freud a Pfister, 09 de fevereiro de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 25.

anteriormente por Freud sobre Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna⁷¹ e realiza uma surpreendente análise, sobre as condições sociais que estabelecem a sexualidade.

A diferença ética entre sua e minha compreensão talvez não seja tão grande como parece pela minha posição profissional. A própria ética protestante, retirou do relacionamento sexual a mácula da impureza. A Reforma na essência, nada mais é do que uma análise da repressão sexual católica, lamentavelmente uma análise muito insuficiente, por isso a neurose de angústia da ortodoxia eclesiástica e seus sintomas correlatos, os processos de bruxaria, o absolutismo político, a sujeição social nas corporações etc. Nós, modernos pastores evangélicos, sentimo-nos completamente protestantes e somos regidos pela certeza de sermos muito pouco reformados. Estamos procurando um novo campo. Nossa igreja permite a nós, cidadãos de Zurique, absoluta liberdade. Em questões éticas podemos pensar livremente, sem sermos heróis.⁷²

A possibilidade de diálogo entre a psicanálise e a religião se distanciavam, quando ressaltava as diferentes disposições da vida moral, principalmente quando se concretizavam no campo da teoria e da prática psicanalíticas. Pfister enfrentava algumas dificuldades quanto à moral, provavelmente, do registro das marcas da infância e sua criação conservadora e fundamental. Ainda que procurava libertar-se de qualquer absolutismo conservador. De maneira provocativa, Freud afirma que “é necessário tornar-se um mau sujeito [...] Sem o mínimo dessa qualidade de malfeitor, não se pode obter uma produção correta”.⁷³ A produção de Pfister diante da árdua tarefa da psicanálise, encontra resistências diante de sua postura moralizadora, porquanto, Freud insiste em denunciar. Isso acontece quando Freud recebe o texto publicado por Pfister, sobre o papel das relações de amor no desenvolvimento infantil, e logo emite o comentário que “não se pode ser tão otimista na vida como o senhor. É claro que o senhor deseja produzir algo de edificante a partir dessa atitude. Apenas na velhice nos convertemos à terrível dualidade divina *logos kai ananke*”.⁷⁴ Substancialmente, não devemos buscar motivações éticas no inconsciente, mas, tampouco, reduzir a dimensão ética que a psicanálise deve comportar.

Ajudo-me muito mais considerando analiticamente o próprio mandamento moral, encarando-o como expressão inadequada de uma ordem imperativista

⁷¹ FREUD, Sigmund (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁷² Correspondência de Freud a Pfister, 18 de fevereiro de 1909, FREUD; MENG, 2009, p. 27.

⁷³ Correspondência de Freud a Pfister, 05 de JUNHO de 1910, FREUD; MENG, 2009, p. 52-53.

⁷⁴ Palavra do original grego traduzida em português para razão e necessidade.

que visa o bem-estar humano. Quando se desvincula a exigência moral dessa suprema determinação biológica e ética, ela tem um efeito repressor e formador de angústia. A restauração desse sentido supremo conduz à libertação, ao restabelecimento. É para a conquista da autonomia, em lugar da moral heteronômica, que a análise prepara. No intuito de concretizar essa vontade de bem-estar é necessário sublimar, ou melhor, organizar a personalidade toda, com inclusão das pulsões. Nisso, porém, a sublimação não vai longe, no sentido de uma passagem para as funções elevadas não sexuais. Quero dizer que até por trás da matemática tem de estar o amor às pessoas, senão surge a feia imagem do homem de números. Prefiro a moralização total, que sempre carrega no amor humano uma bela medida de investimento de libido, no sentido mais estrito.⁷⁵

Oskar Pfister, demonstra bastante dificuldade para aceitar e apreender claramente o princípio de neutralidade da análise. Após receber a obra de Pfister sobre psicanálise e educação, Freud considera a boa vontade de Pfister ao escrever sobre o tema. “Ele contém um calor que alegra o coração e mostra todas as belas qualidades que tanto apreciamos no senhor: sua capacidade de entusiasmo, seu amor pela verdade e pelas pessoas, sua coragem de professar-se, sua compreensão e também – seu otimismo”.⁷⁶ Contudo, após tecer um elogio bastante resumido, sua intervenção é seguida de uma intrépida crítica à questão da ética, resumidamente, e principalmente e mais detalhada à teoria sexual.

É possível que a terapia interna frequentemente tenha-se esquecido dessa correlação dos órgãos; a psicanálise empenha-se para não perder de vista essa conexão da vida pulsional sobre a separação das pulsões isoladas. Na ciência, primeiro é preciso decompor, depois reunir. Parece-me que o senhor quer uma síntese sem a análise prévia. Na técnica psicanalítica não há necessidade de um trabalho especial de síntese; isso o indivíduo autonomamente providencia melhor que nós.

Isso vale para todas as pulsões, até onde as conseguimos separar. Mas no pequeno livro o senhor não foi plenamente justo com as pulsões sexuais. O senhor não disse em nenhum lugar que essas realmente têm uma relação mais íntima e um significado maior – não para a vida anímica com tal, mas no que importa – para se adoecer a neurose. E isso justamente por causa da natureza conservativa delas, da sua relação mais íntima com o inconsciente, com o princípio do prazer e em consequência das particularidades do seu processo de desenvolvimento até as normas culturais. Nisso, penso eu, deve ter-se escondido no senhor o remanescente da sua resistência contra o sexual.⁷⁷

Freud finaliza sua réplica, afirmando sua consideração em termos terapêuticos, “só posso invejá-lo quanto a possibilidade de sublimação em direção à religião. Mas a beleza da religião não pertence à psicanálise. É natural e pode permanecer assim

⁷⁵ Correspondência de Pfister a Freud, 05 de setembro de 1930, FREUD; MENG, 2009, p. 177.

⁷⁶ Correspondência de Freud a Pfister, 09 de outubro de 1918, FREUD; MENG, 2009, p. 82.

⁷⁷ Correspondência de Freud a Pfister, 09 de outubro de 1918, FREUD; MENG, 2009, p. 82.

que, na terapia, nossos caminhos se separem”.⁷⁸ Parece que Freud demonstra algumas vezes estar cansado de confrontar Pfister repetidamente na mesma temática. Em determinado momento, confessa a Pfister que retardou em responder a uma carta sua, devido ao tempo que precisava para dirimir o sentimento de desgosto que lhe produzia, pelo pouco sucesso do seu esforço em admoestá-lo sobre as questões da teoria sexual. No entanto, Pfister continuava a censurar Freud que insistia em subestimar a importância da sublimação para o valor educativo.

Percebemos que as diferenças de cosmovisões, o valor à filosofia, à moral, e à religião são pertinentes aos nossos interlocutores, todavia poderiam ser compreendidos a partir dos aspectos da subjetividade de cada um. No entanto, uma questão mais problemática do que as divergências ontológicas, está relacionada a aspectos técnicos da psicanálise. “As questões relativas a conceitualizações psicanalíticas fundamentais e, mais ainda, às maneiras de exercer a prática psicanalítica eram objetos de maiores preocupações por parte de Freud e da maioria dos primeiros psicanalistas”.⁷⁹

Um princípio fundamental da técnica psicanalítica, da neutralidade, a qual o analista deve manter-se à margem de quaisquer considerações na ordem de valores, era facilmente questionado por Pfister com sua tendência a confundir a técnica psicanalítica com a cura d’almas. Dessa maneira, o afã de conciliar o paciente com os ideais éticos e morais, geralmente intervinham no seu trabalho de análise, dificultando uma aproximação efetivamente psicanalítica. Expressou ao psicanalista A. Aichhorn a seguinte frase:

O conteúdo ético da terapia psicanalítica coincide perfeitamente com o fundamento da mensagem cristã, exceto em dois aspectos. Em primeiro lugar, Jesus elaborou sua moral de forma científica e empírica, mas intuitivamente. Ele fundou sua Weltanschauung de maneira filosófica sobre as razões últimas do ser, isto é, sobre valores absolutos, enquanto Freud, positivista, rechaçou toda filosofia e, em particular, toda ontologia. Em segundo lugar, Freud concebeu sua tarefa de maneira negativa: seu objetivo é alcançado quando as motivações de origem inconsciente são retificadas ou quando a neurose é suprimida. Não se preocupa com o modo pelo qual o paciente assumirá sua existência. Considera que tudo aquilo que se relaciona com a moralidade ou a imoralidade ultrapassa o domínio do analista. Neste último ponto, todos os discípulos de Freud que se ocuparam da pedagogia adotaram um ponto de vista diferente. Indo além de seu mestre, consideram

⁷⁸ Correspondência de Pfister a Freud, 29 de outubro de 1918, FREUD; MENG, 2009, p. 84.

⁷⁹ MORANO, 2008, p. 57.

o indivíduo um ser social e julgaram que o estabelecimento de relações sociais é elemento essencial no tratamento.⁸⁰

Apesar dos esforços de Freud, os embates permaneciam nesse aspecto fundamental da técnica psicanalítica. Pfister persiste em encontrar um ideal de adaptação e normatização, ultrapassando os fundamentos essenciais que norteiam a prática analítica. O princípio da neutralidade, também era atravessado pela prática pastoral de cura d'almas, afetado pela proximidade pessoal que Pfister mantinha com seus pacientes. Em determinado momento, Pfister faz uma indagação a Freud sobre o método da relação que se deve estabelecer como analisando e comenta o sucesso que obteve na análise do “espirituoso filósofo e professor de psicologia de 32 anos, Harald Schjederup, que escreveu o primeiro manual de psicologia de orientação psicanalítica”.

Nesse verão ele veio a mim. Trabalhamos em análise arduamente e já após quatorze dias ocorreu o último acesso, significativamente atenuado. Desde então, seguiu em análise comigo por cerca de três semanas; mas não se mostraram mais os inicialmente violentos recalcamientos patogênicos, e, após três semanas, paramos. Schjederup me acompanhou, após o congresso de Locarno, até Zermatt, sem que nós prosseguíssemos a análise. Desde o início de julho a enxaqueca sumiu totalmente. A opinião sobre o Dr. H. não era negativa, mas sim de preponderante rejeição. Sobre a diferença de procedimentos escreveu-me Schjederup:

“[...] Penso que o tempo em que estive com o senhor será de grande significado para todo o meu futuro. Eu já havia feito uma análise com o Dr. H., mas tenho a impressão de que a diferença entre o procedimento do senhor e o dele é muito grande. A diferença não é somente o senhor interprete mais e através das interpretações avance não apenas para as orientações pulsionais genéricas, mas sim para as situações conflitivas específicas. Todo o modo da sua análise é mais ativo e eficaz. Havia em toda a análise de Viena algo muito insatisfatório e também depreciativo para a autoestima.⁸¹

Pfister mostra-se ativo no tratamento, interpretando e estimulando a atividade pessoal do paciente:

Quando vinha à tona uma orientação pulsional não bela ou um desejo infantil, eu nunca sabia ao certo o que fazer com eles. O fato simplesmente me era dado a conhecer. O senhor, porém, colocava a ênfase sobre a própria tomada de posição e a participação. Somente desse modo parece ser criada a possibilidade de realmente dar conta das atitudes inconvenientes. Através do estímulo à atividade própria também se consegue a impressão de um real trabalho em conjunto entre o analista e o analisando. Desaparece, por isso, em grande parte, o aspecto humilhante, e uma transferência sadia é tornada viável. Tenho a segura impressão de que, em termos práticos, mais, me

⁸⁰ WIDLÖCHER D, *Préface, in Correspondence avec le pasteur Pfister 1909-1939*, ed. Heinrich Meng, Gallimard, 1966, p. 40-41.

⁸¹ Correspondência de Pfister a Freud, 21 de outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 144.

ajudou a curta temporada com o senhor do que os sete meses de análise em Viena. A enxaqueca sumiu – espero que para sempre.⁸²

Parece-lhe mais natural e conveniente, sua atitude próxima e amistosa e acredita estabelecer uma transferência saudável. Diferentemente do distanciamento frio e distante preconizado pela maioria dos psicanalistas. “Para mim realmente não está em jogo fazer dos analisandos amigos, mas sim o bem dos clientes, e, portanto, trata-se também de uma questão terapêutica”. Finalmente, questiona a Freud sobre a importância de considerar o fato, de não interromper totalmente as relações com o paciente, mas mantê-la até que a transferência tenha sido depurada. “O senhor consideraria uma diferença entre o senhor e mim que eu não interrompo totalmente a relação, mas apenas purifique a transferência de tudo que não é autêntico?” Numa atitude de justificativa replica a Freud que “Sem dúvida o senhor concordará em que eu esteja sempre disposto a abranger todos os demais tesouros da vida, quando cliente não souber ajudar a si próprio, pois estou comprometido com isso como educador e cura d’almas”.⁸³

Quanto à pergunta sobre o método terapêutico, Freud não hesitou em expressar claramente sua resposta. “O senhor, como cura d’almas, tem naturalmente razão em recorrer a todas as tropas auxiliares que estão à sua disposição. Nós, como analistas, temos de ser mais reservados e deslocar a ênfase principal sobre o esforço de tornar o paciente independente, o que muitas vezes resulta num prejuízo para a terapia”. Freud continua abordando as dificuldades da transferência e das interpretações exageradas na análise. O senhor sabe da inclinação das pessoas a tomarem prescrições literalmente ou exagerá-las. E complementa que “não se deveria concluir desse caso que é necessário uma síntese após a análise; muito mais premente é uma análise mais profunda da situação transferencial. O que sobrar da transferência pode, sim, deve ter o caráter de uma relação humana cordial”.⁸⁴

Pfister tinha consciência da diferença que o desassociava de Freud, principalmente nesse ponto e não parecia disposto a renunciar ao seu modo de pensar, portanto, “à sua maneira particular de praticar a análise, partindo de certas posições que comprometiam seriamente o princípio analítico da neutralidade”. Considerando que, certamente esse princípio, do qual, tenta objetar Oskar Pfister em

⁸² Correspondência de Pfister a Freud, 21 de outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 145.

⁸³ Correspondência de Pfister a Freud, 21 de outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 146.

⁸⁴ Correspondência de Freud a Pfister, 22 de outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 147.

sua prática analítica constitui um ideal utópico, na medida em que a pura assepsia moral, religiosa, política etc. não será nunca possível para nenhum analista. Entretanto a maneira de situar-se mantendo essa aspiração (por mais ideal que seja) e “permanecer numa atitude autocrítica com respeito ao seguimento desse princípio será uma condição *sine qua non* no exercício de uma terapia genuinamente psicanalítica”.⁸⁵ Porém, Pfister não parece ter clareza da delimitação entre a psicoterapia e a cura d’almas e não se sente convencido da necessidade do fundamento técnico da neutralidade.

Portanto, persiste entre o senhor e mim essa grande diferença: Eu pratico a análise dentro de um plano de vida que o senhor, com bondosa consideração, tolera como servitut da minha profissão, enquanto eu não considero essa visão da vida apenas como poderoso fomento para a cura (na maioria das pessoas), mas justamente como consequência de uma filosofia mais condizente com a natureza humana e o cosmos, que ultrapassa o naturalismo e o positivismo, e que é bem fundamentada em termos de higiene da alma e da sociedade. Será tarefa do paciente o quanto ele desejará trilhar o caminho adequado às suas condições sociais e individuais, e dependerá dele o quanto necessitará de ajuda para encontrar o correto para ele”.⁸⁶

⁸⁵ MORANO. 2008 p. 60.

⁸⁶ Correspondência de Pfister a Freud, 22 de outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 151.

3 O FUTURO DE UMA ILUSÃO

A Psicanálise foi constituída em uma época sob forte influência do iluminismo num período marcado, predominantemente, pelo pensamento positivista. Entretanto, Freud procurou resguardar sua teoria dos incautos que ofereciam algum perigo da psicanálise se tornar, apenas, uma filosofia judaica e perder a credibilidade do mundo científico. Dentre os inimigos considerados por ele mesmo, destaca-se a religião. Freud aproveitara todas as oportunidades possíveis para ostentar sua descrença sobre a religião. Em um de seus trabalhos sobre a técnica psicanalítica ele conta uma história sobre o pastor e um corretor de seguros. Sua intenção era ilustrar e alertar os terapeutas para não ser displicentes em relação as austeras posturas da técnica da psicanálise, no entanto, coincidentemente a história ilustra a exuberante força de seu ateísmo. Por insistência de sua ansiosa e piedosa família, um corretor de seguros na angústia da morte aceita que um pastor venha visitá-lo. A esperança da família é de que o pastor consiga persuadir o doente, que era um descrente convicto, a tornar-se para Deus. A conversa reservada prolonga-se por tanto tempo que a família acredita que o enfermo aceitou finalmente, converter-se. “Por fim, a porta do quarto do doente abre-se”, relata Freud. “O descrente não se converteu, mas o pastor se despede levando consigo a sua apólice.”⁸⁷ Mesmo demonstrando total despreço a religião, de modo bastante significativo, alguns optaram em ignorar sua autodefinição, Entre os céticos que decidem duvidar de sua posição ateísta, incluem membros de sua própria família. Em 1956, durante uma entrevista, seu sobrinho Harry Freud destaca que “Sigmund Freud percebia-se conscientemente como judeu, mas era inteiramente anti-religioso, ainda que de modo algum pudesse ser considerado ateu. É que ele simplesmente não levava muito a sério os ritos e dogmas.”⁸⁸

Mesmo que alguém tão próximo a ele tenha coragem de contrapor a sua auto-definição, não foram suficientes para impedir que as interpretações acerca do judaísmo de Freud, e de modo mais abrangente quanto ao diálogo entre psicanálise e religião tenham proliferado e divergido tanto ao longo dos tempos. Ademais, o conflito em que se envolveram os leitores de Freud, deixou sem respostas

⁸⁷ FREUD, Sigmund (1912). A dinâmica da transferência. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 183.

⁸⁸ GAY, 1992, p. 21.

determinadas questões sobre o seu pensamento e a natureza essencial da psicanálise. Desde os tempos de Isaac Newton o diálogo entre a ciência e a religião tem se tornado uma tarefa difícil. O próprio Freud contribuiu para o avanço do desenlace, com seus comentários tendenciosos sobre o crescimento da cosmovisão científica, à qual ele sentia tão firmemente conectado e que o colocou, apesar de poucas vezes, do lado do saber científico convencional. Freud observa que a religião na cultura cristã-europeia não exerce mais a mesma influência. Todavia, essa mudança em direção ao secularismo não ocorre por falta de promessas da religião, mas porque a sua credibilidade havia diminuído diante do humano do século XX. O fortalecimento do espírito científico nas camadas mais altas da sociedade tornara-se – para Freud era realmente indubitável – uma poderosa força motriz desse ceticismo moderno. Freud tinha no confronto entre a ciência e a religião a marca de uma pura e permanente hostilidade. A crítica desconfigurou o valor probatório dos documentos religiosos, “a ciência natural demonstrou os erros neles existentes, e a pesquisa comparativa ficou impressionada pela semelhança fatal existente entre as ideias religiosas que reverenciamos e os produtos mentais de povos e épocas primitivos.”⁸⁹ Freud observa esse processo de laicização como um desenvolvimento lento, difícil, e por fim, excessivamente traumático.

O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita, e, finalmente, cruza-lhe também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais.⁹⁰

Contudo, apresentando uma ampla visão do processo histórico, Freud deixava claro sua diligência e, mesmo que se comprazia com desvelo em declarar na companhia de outros pensadores, o extraordinário avanço do mundo científico, recusava, entretanto, comprometer-se com o otimismo prematuro, parafraseando que a vitória ainda não estava à vista. “A batalha do espírito científico contra a cosmovisão religiosa, ainda não chegou ao seu final; ela continua a desenrolar-se no presente, diante de nossos olhos.”⁹¹ O período que se estendem entre a revolução Francesa e

⁸⁹ FREUD, Sigmund (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 47.

⁹⁰ FREUD, 1930 [1929] /2006, p. 47.

⁹¹ GAY, 1992, p. 23.

a Primeira Guerra Mundial precipitaram um intenso campo de batalha que evocou com muita eficiência a atmosfera belicosa, ultrapassando até mesmo, as barreiras do vocabulário beligerante dos combatentes. Freud denominava abertamente a religião de “*inimigo*”, e inevitavelmente esse termo abarcou frequentemente o diálogo entre a Psicanálise e a religião. Em 1873 – ano que Freud entrou para a universidade de Viena – T. H. Huxley, biólogo britânico que ficou conhecido como o *Bulldog de Darwin*, por se tornar o principal defensor público da teoria da evolução de Charles Darwin e um dos mais importantes cientistas ingleses do século XIX, escreveu a sua mulher: “o papel que me cabe desempenhar não é o de fundar uma nova escola de pensamento, ou de reconciliar os antagonismos da velha escola. Estamos no meio de um gigantesco movimento, maior que aquele que precedeu e produziu a Reforma, e que na verdade é apenas a continuação daquele.”⁹²

As ideias no fundo desse movimento não eram absolutamente novas, mesmo assim, eram evidentes para ele que não havia possibilidade de reconciliação entre o livre pensamento e a autoridade tradicional. Em algum momento, um deles iria sucumbir após uma batalha de duração desconhecida. Huxley acreditava que o livre pensamento poderia organizar a vida humana, e o mundo em sua totalidade entraria em um estado de harmonia, que por sua vez, sairia vencedor dessa guerra. Mas ele acreditava também que, antes da derrota final da autoridade, o mundo enfrentaria enormes problemas políticos e sociais. Absolutamente, a linguagem bélica parecia adequada naqueles tempos. A imperiosa guerra atraiu uma considerável Plêiade anticlericalistas que desprezavam a religião e que se espalhava por toda a Europa. Consideravelmente, o cristianismo registrava deserções, principalmente aqueles que se opunham contra o fundamentalismo. Mas os hereges enfrentavam a réplica dos devotos, daqueles que permaneciam convictos e que jamais titubearam acerca de sua fé. Esses, juntavam-se aos que retornavam à segurança no abrigo da fé. Os ecos da revolução Francesa, seguidas das perturbadoras guerras napoleônicas mostraram-se potentes avivadores para a causa da fé. Os militantes dessa guerra percebiam a importância de lutar esse combate porquanto, as fileiras da milícia aumentava, à medida que intelectuais e pessoas ligadas ao governo se alistavam, engrossando as fileiras dos hereges. Para qualquer horizonte avistado, percebe-se que esse período é marcado por controvérsias sobre a natureza de Deus e a autoridade das igrejas. Foi

⁹² Correspondência de T. H. Huxley a sua esposa, 8 de agosto de 1873, Leonard Huxley, ed., *Life and Letters of Thomas Henry Huxley*, 2 volumes. 1900, p. 397.

exatamente durante essas décadas que Freud cresceu, entrou para a universidade, formou-se em medicina, estabeleceu-se como médico e instituiu a psicanálise.

Interessantes desdobramentos dessas tensões reverberaram na família Freud. Seu pai, Jacob Freud gradualmente emancipava-se da fé de seus ancestrais. Aqueles que temiam as mudanças política e social comparavam a teologia liberal a ateísmo, e consideravam-na idêntica ao jacobinismo revolucionário. “A descrença trazia consigo o estigma e a força da subversão.”⁹³ No entanto, a alta frequência às igrejas da nobreza era uma prova menos ambígua de que o ateísmo ainda não havia prevalecido. Mas os incrédulos militantes grassavam ardentemente sua ausência de fé entre os cientistas da natureza, pavimentado pelas virulentas campanhas anticlericais e anti-religiosas realizadas pelos socialistas, articulistas e os radicais políticos burgueses. Um dos fundadores da Terceira República na França, conhecido como Léon Gambetta falou eloquentemente em nome da ciência quando caracterizou o clericalismo, como sendo “inimigo”, que a posteriori, ecoaram nas observações de Freud, quando queria se dirigir a religião, denominando-a de “inimigo”.⁹⁴

Consequentemente, as instituições religiosas permaneciam angustiadas por uma inquietação defensiva. As eventuais propostas de revisão doutrinária e reforma eclesiástica, por mais razoáveis ou modestas que fossem, eram respondidas imediatamente com austeras reprovações dos religiosos, que de modo algum dispunham-se em fazer concessões a pessoas que estariam infectadas pelas licenciosas doutrinas do Iluminismo. Em meio a tanta intransigência cabia aos moderados a tarefa de mediar o conflito. Os anglicanos liberais enfrentaram a austera reprovação da Igreja Superior Anglicana. Os judeus ortodoxos ficaram estarrecidos e resistiram tenazmente contra as inovações das reformas congregacionais, que procuravam avidamente ingressar simultaneamente na civilização ocidental e no século XIX. Os católicos liberais na França foram desprezados e em certo momento reprimidos pelo Papado, por pretender inserir no credo, ideias do pensamento moderno. Em Paris no ano de 1830, o abade Lammenais, escritor fluente, político e filósofo, esforçou-se para combinar a política liberal com o Catolicismo Romano. Após a Revolução Francesa, afirmou que Deus e a liberdade poderiam coexistir e declarou o catolicismo liberal um caminho viável. Na Inglaterra, o processo ocorrido pelos avanços do secularismo também foi marcado por cismas. Foram necessárias longas

⁹³ GAY, 1992, p. 25.

⁹⁴ GAY, 1992, p. 26.

e hesitantes décadas para que as instituições políticas e religiosas concedessem direitos civis aos não-conformistas, aos católicos romanos e até aos judeus, ou que as portas de Oxford e Cambridge fossem abertas para estudantes que não subscrevessem os trinta e nove artigos da Igreja Anglicana. Contudo, tanto na Inglaterra e em toda a parte, os herdeiros do Iluminismo continuavam avançando.⁹⁵ Por volta do final do século, o próprio Papado reconheceu que o liberalismo, principalmente quando se referia as questões sociais, não seria inteiramente diabólico. Em 1908, o influente pastor e líder político alemão Friedrich Naumann, observou com um misto de orgulho e resignação que o povo de sua época possuía uma imaginação um tanto diferente da que existira antes. De fato, a nova imaginação havia frequentado a escola das ciências naturais.

Contudo, Freud pode reconhecer o poder que a religião continuava a exercer sobre sua época e sua cultura, porém não conseguiu comunicar com razoabilidade as complexidades desse período. Sua visão limitada da confrontação histórica entre ateus cultos e cristãos iletrados carece da mesma argúcia em que ele descreve a sua análise das neuroses. Em determinado momento ele expressa sentimentos sutis numa carta encaminhada ao psicanalista Max Eitington em 1927, em que comenta “se a análise em si mesma deve realmente levar ao abandono da religião?”⁹⁶ Em 1928 Freud escreve a princesa Marie Bonaparte, afirmando que era arriscado superestimar a frequência da atitude anti-religiosa entre os intelectuais, haja visto as respectivas repercussões de sua publicação “O futuro de uma ilusão”.

Nas próximas semanas sairá uma brochura de minha autoria, que tem muito que ver com o senhor. Eu já teria escrito a tempo, nas adiei-a em consideração ao senhor, até que a pressão ficou forte demais. Ela trata – fácil de adivinhar – da minha posição totalmente contrária à religião – em todas as formas e diluições, e, mesmo que isso não seja novidade para o senhor, eu temia e ainda temo que uma declaração pública lhe seja constrangedora. O senhor me fará saber, então, que medida de compreensão e tolerância ainda consegue ter para com este herege incurável.⁹⁷

Assim, Freud anunciou a publicação de *O futuro de uma ilusão* ao pastor e psicanalista Oskar Pfister. Nessa mesma época o conteúdo dessa obra seria enviado à editora para ser publicado, e se tornaria, sem dúvida, a mais controversa e polêmica

⁹⁵ GAY, 1992, p. 27.

⁹⁶ GAY, 1992, p. 28.

⁹⁷ Correspondência de Freud a Pfister, 16 de Outubro de 1927, FREUD; MENG, 2009, p. 142-143.

entre as que havia escrito até o momento. Com o conhecimento que adquiriu de sua época sobre a origem e o processo de evolução do ser humano, em 1927, Freud faz uma tentativa de esboçar em *O futuro de uma ilusão* as transformações que a humanidade ainda pode sofrer no contínuo processo de civilização. Logo, porém, descobre que a abertura para essa indagação é uma tarefa difícil, “sobretudo pelo fato de apenas poucas pessoas poderem abranger a atividade humana em toda a sua amplitude.”⁹⁸ Freud considera difícil a tarefa de emitir juízo sobre o futuro, pois precisamente um juízo dessa natureza, “as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de fatores puramente pessoais de sua própria experiência.”⁹⁹ Freud, não distingue entre cultura e civilização, considerando-as como “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais.”¹⁰⁰ Entretanto, a civilização apresenta dois aspectos – “por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas”¹⁰¹ – e por outro lado, “inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível.”¹⁰² Essas duas perspectivas da civilização são interdependentes uma da outra. Em primeiro lugar, porque as relações humanas são profundamente influenciadas pela força da satisfação instintual que a riqueza existente torna possível. Em segundo, porque, um indivíduo pode vir a funcionar como riqueza em relação a outro indivíduo, na medida em que faz uso de sua capacidade de trabalho ou a escolha como objeto sexual. Em terceiro, porque todo o indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que essa perspectiva se constitui um objeto de interesse humano universal, contudo, a civilização impõe sacrifícios aos que dela participam, de modo que precisa se defender através de suas instituições.¹⁰³

Ainda que dificilmente o ser humano seja capaz de existir isoladamente, sintam, demasiadamente pesado os sacrifícios que a civilização deseja do indivíduo, a fim de tornar possível a vida em comunidade. Por isso, a civilização precisa ser protegida

⁹⁸ FREUD, Sigmund (1927) *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 15.

⁹⁹ FREUD, 1927[2006], p. 15.

¹⁰⁰ FREUD, 1927[2006], p. 15.

¹⁰¹ FREUD, 1927[2006], p. 16.

¹⁰² FREUD, 1927[2006], p. 16.

¹⁰³ FREUD, 1927[2006], p. 16.

contra o indivíduo, através de seus regulamentos e de suas instituições. Certamente, essas instituições visam efetuar a distribuição e a manutenção da riqueza e proteger a civilização contra os impulsos hostis do ser humano através de mecanismos de regulamentos. Indubitavelmente a civilização necessita manter-se permanentemente vigilante contra a agressividade dos indivíduos. As criações humanas são facilmente destruídas, e do mesmo modo que a ciência e a tecnologia podem ser utilizadas para o benefício da humanidade, também podem se transformar em ferramentas para sua aniquilação. Assim, parece que toda a civilização precisa se erigir sobre a égide da coerção e da renúncia pulsional, na medida em que o ser humano possui tendências destrutivas, anticulturais e antissociais, suficientemente potentes para determinar o comportamento do indivíduo na sociedade.¹⁰⁴ Esse fato psicológico desloca o enfoque da tarefa civilizatória de controle da natureza para o regulamento da humanidade, do campo material para o psíquico.

A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação. É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria, quanto dispensar a coesão no trabalho da civilização, já que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes; não tem amor à renúncia instintual e não podem ser convencidas pelo argumento de sua inevitabilidade; os indivíduos que as compõem apoiam-se uns aos outros em dar rédea livre a sua indisciplina. Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende. Tudo ocorrerá bem se esses líderes forem pessoas com uma compreensão interna (*insight*) superior das necessidades da vida, e que se tenham erguido à altura de dominar seus próprios desejos instintuais. Há, porém, o perigo de que, a fim de não perderem sua influência, possam ceder à massa mais do que esta a eles; por conseguinte, parece necessário que sejam independentes dela pela posse dos meios de poder à sua disposição. Expressando-o de modo sucinto, existem duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões.¹⁰⁵

Fundamentalmente, as instituições sociais exercem a função de coerção, uma vez que o indivíduo não consegue renunciar pacificamente as suas pulsões destrutivas, à qual é estabelecida pela civilização, cujo efeito é reconciliar o ser humano e recompensá-los por seus sacrifícios, denominado por Freud como “as

¹⁰⁴ FREUD, 1927[2006], p. 17.

¹⁰⁵ FREUD, 1927[2006], p. 17-18.

vantagens mentais da civilização”.¹⁰⁶ Contudo, ele investiga os aspectos da economia psíquica que possibilitam a existência da cultura e descreve a “frustração” como fato de um instinto que não pode ser completamente satisfeito; “proibição” é o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida e como “privação”, a condição produzida pela proibição. Freud distingue entre privações que afetam a todos e privações que afetam apenas alguns grupos, classes ou indivíduos. Para o pai da psicanálise, as privações que afetam a todos são as mais antigas e que estabeleceram a civilização em que “começou a separar o ser humano de sua condição animal primordial.”¹⁰⁷ Ainda assim, essas privações ainda estão presentes e constituem a essência da hostilidade para com a civilização. A cada criança que nasce, ressurgem os desejos instintuais primitivos, que reagem a essas frustrações através de um comportamento antissocial. Entretanto, o ser humano assinalou efetivos progressos mentais ao longo de sua história. “Achasse em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui entre seus mandamentos”¹⁰⁸ Através desse processo de transformação o indivíduo se torna um ser moral e social. O desenvolvimento do superego constitui uma capacidade cultural muito eficiente para a instância psíquica, no indivíduo em que operou, portanto, transformando-os em “veículos da civilização.”¹⁰⁹ Apesar dos benefícios suscetíveis a presença do superego Freud observa “com surpresa e preocupação que a maioria das pessoas obedece às proibições culturais apenas sob pressão da coerção externa, isto é, somente onde essa coerção pode fazer-se efetiva e enquanto deve ser temida.”¹¹⁰

Freud ainda destaca algumas restrições que só se aplicam às classes subprivilegiadas. Certamente elas invejam os privilégios das classes favorecidas e farão o possível para se liberarem de seu próprio excesso de privação. Contudo, não seja possível, uma permanente parcela de descontentamento persistirá dentro da cultura, o que pode conduzir a perigosas revoltas. Caso haja uma relação de opressão por uma das partes, indubitavelmente, “é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do

¹⁰⁶ FREUD, 1927[2006], p. 20.

¹⁰⁷ FREUD, 1927[2006], p. 20.

¹⁰⁸ FREUD, 1927[2006], p. 21.

¹⁰⁹ FREUD, 1927[2006], p. 21.

¹¹⁰ FREUD, 1927[2006], p. 21.

que uma quota mínima”.¹¹¹ Além do nível moral dos indivíduos de uma civilização, Freud também destaca outras vantagens da constituição psíquica sob a forma de ideais e criações artísticas, isto é, o gozo que pode ser derivado dessas fontes. As pessoas sempre estarão dispostas a incluir entre os atributos psíquicos de uma cultura os seus ideais. No entanto, as suas expectativas dependem do nível de comprometimento com as estimativas de realizações, pelos esforços que devem ser empreendidos, pela capacidade interna da cultura e das circunstâncias externas. Esses fatores podem indicar se o ideal é algo possível de avançar. “A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito.”¹¹² A extensão dessa satisfação “exige uma comparação com outras culturas que visaram a realizações diferentes e desenvolveram ideais distintos.”¹¹³ A intensidade dessas diferenças podem permitir que cada cultura demande um olhar de depreciação sobre outros ideais culturais, tornando-se fonte de conflitos entre culturas diferentes. Indubitavelmente, há um tipo diferente de gozo que é concedido aos indivíduos de uma cultura através da arte, embora, seja inacessível à maioria das pessoas, principalmente da classe trabalhadora e das que não possuem acesso à educação.

Como já descobrimos há muito tempo, a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas. E quando essas criações retratam as realizações de sua cultura específica e lhe trazem à mente os ideais dela de maneira impressiva, contribuem também para sua satisfação narcísica.¹¹⁴

Certamente, o empreendimento freudiano segue o seu objetivo principal, considerando “que talvez constitua o item mais importante do inventário psíquico de uma civilização, item este que consiste, no sentido mais amplo, em suas ideias religiosas, ou, em outras palavras (que posteriormente serão justificadas), em suas ilusões.”¹¹⁵

¹¹¹ FREUD, 1927[2006], p. 22.

¹¹² FREUD, 1927[2006], p. 22.

¹¹³ FREUD, 1927[2006], p. 22.

¹¹⁴ FREUD, 1927[2006], p. 23.

¹¹⁵ FREUD, 1927[2006], p. 23.

“Em que reside o valor peculiar das ideias religiosas?”¹¹⁶ Assim, Freud inicia sua abordagem para introduzir o tema central desse tratado. Ele retoma a ideia da “hostilidade para com a civilização, produzida pela pressão que esta exerce, pelas renúncias do instinto que exige. Se imaginarem suspensas as suas proibições – se, então, se pudesse tomar a mulher que se quisesse como objeto sexual.”¹¹⁷ O autor faz uma tentativa de exemplificar, através de um monólogo, a importância que a civilização exerce sobre o indivíduo, através da repressão dos instintos primitivos e que torna possível a vida em comunidade. “Se fosse possível matar sem hesitação o rival ao amor dela ou qualquer pessoa que se colocasse no caminho, e se, também, se pudesse levar consigo qualquer dos pertences de outro homem sem pedir licença.”¹¹⁸ Certamente a vida seria esplêndida, uma sucessão de satisfações. Logo, nossos desejos seriam amplamente satisfeitos. Contudo, todos os indivíduos desejam a mesma coisa e estão em busca da satisfação do seu desejo. Embora essa ideia pareça atraente, na realidade, somente um indivíduo poderia tornar-se irrestritamente feliz, com a remoção das proibições da civilização, “e essa pessoa seria um tirano, um ditador, que se tivesse apoderado de todos os meios de poder. E mesmo ele teria todos os motivos para desejar que os outros observassem pelo menos um mandamento cultural: não matarás.”¹¹⁹ Portanto, seria uma insensatez débil, lutar para a abolição da civilização, uma vez que ela protege o indivíduo contra a natureza. Foi precisamente por causa dos perigos da natureza que os indivíduos criaram a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a “tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d’être* real,”¹²⁰ é defender o ser humano contra a natureza.

Embora, saibamos o trabalho eficaz da civilização em proteger o indivíduo da natureza, seria ingenuidade sustentar uma ilusão de que a natureza já foi vencida ou se atrever a afirmar que um dia ela se submeterá inteiramente ao ser humano. Os fenômenos naturais parecem zombar de qualquer controle humano através dos terremotos, inundações, tempestades, doenças e, por fim, “o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será.”¹²¹

¹¹⁶ FREUD, 1927[2006], p. 24.

¹¹⁷ FREUD, 1927[2006], p. 24.

¹¹⁸ FREUD, 1927[2006], p. 24.

¹¹⁹ FREUD, 1927[2006], p. 24.

¹²⁰ FREUD, 1927[2006], p. 24.

¹²¹ FREUD, 1927[2006], p. 25.

“É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização.”¹²² Freud salienta ainda que um dos poucos benefícios que a humanidade pode oferecer, é que diante da iminência de uma catástrofe, o indivíduo “esquece as discordâncias de sua civilização, todas as suas dificuldades e animosidades internas, e se lembra da grande tarefa comum de se preservar contra o poder superior da natureza.”¹²³ Além das privações que a civilização impõe ao indivíduo, as aflições promovidas pelos danos da natureza indomada – conhecida como Destino – pode-se “supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural.”¹²⁴ Para Freud, a civilização oferece recursos para que o indivíduo consiga recuperar sua autoestima, através da consolação, despindo a vida e o universo de seus terrores, demandando interesse prático em busca de resposta. Indubitavelmente, Freud destaca que o primeiro passo da civilização é a humanização da natureza.

De forças e destinos impessoais ninguém pode aproximar-se; permanecem eternamente distantes. Contudo, se nos elementos se enfurecerem paixões da mesma forma que em nossas próprias almas, se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecemos em nossa própria sociedade, então poderemos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata ansiedade através de meios psíquicos. Talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir.¹²⁵

Freud, portanto, aponta para uma função psíquica que substitui a impessoalidade da natureza a elementos constituintes na cultura. Essa projeção torna possível que o indivíduo apazigue sua insensata ansiedade e não se encontre mais em total estado de desamparo. Ele aponta essa situação como uma experiência ulterior e que possui um protótipo infantil. “Já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temê-los, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos.”¹²⁶ Assim, o desejo desempenha a mesma

¹²² FREUD, 1927[2006], p. 25.

¹²³ FREUD, 1927[2006], p. 25.

¹²⁴ FREUD, 1927[2006], p. 25.

¹²⁵ FREUD, 1927[2006], p. 25.

¹²⁶ FREUD, 1927[2006], p. 26.

função da vida onírica, pois aquele que está em profundo sono pode ser tomado por um pressentimento da morte. Contudo, a elaboração onírica, pode selecionar uma condição que transformará uma traumática experiência onírica, em uma realização do desejo. Do mesmo modo “um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede um caráter de pai.”¹²⁷ No decorrer do tempo, as adaptações às leis nos fenômenos da natureza sucederam a perda dos traços humanos, todavia, o desamparo fundamental permaneceria, e junto dele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. No entanto, estes, mantêm a tríplice função de “exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impõe.”¹²⁸

Para Freud, houve, contudo, um deslocamento gradual de ênfase para a terceira função, a moralidade. “Observou-se que os fenômenos da natureza se desenvolviam automaticamente de acordo com as necessidades internas. Indubitavelmente, os deuses eram os senhores da natureza.”¹²⁹ Contudo, “ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina.”¹³⁰ É indubitável, para Freud, que o desamparo fundamental preceda a origem da religião, pois “foi assim que se criou um cabedal de ideias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana.”¹³¹ Segundo Freud, as ideias protegem o indivíduo contra os perigos da natureza, do destino e contra os danos que o ameaçam por parte da própria sociedade, nisso reside a essência da religião.

A vida neste mundo serve a um propósito mais elevado; indubitavelmente, não é fácil adivinhar qual ele seja, mas decerto significa um aperfeiçoamento da natureza do homem. É provavelmente a parte espiritual deste, a alma, que, no decurso do tempo, tão lenta e relutantemente, se desprende do corpo, que constitui o objeto desta elevação e exaltação. Tudo o que acontece neste mundo constitui expressão das intenções de uma inteligência superior para

¹²⁷ FREUD, 1927[2006], p. 26.

¹²⁸ FREUD, 1927[2006], p. 26.

¹²⁹ FREUD, 1927[2006], p. 26-27.

¹³⁰ FREUD, 1927[2006], p. 27.

¹³¹ FREUD, 1927[2006], p. 27.

conosco, inteligência que, ao final, embora seus caminhos e desvios sejam difíceis de acompanhar, ordena tudo para o melhor – isto é, torna-o desfrutável por nós. Sobre cada um de nós vela uma providência benevolente que só aparentemente é severa e que não permitirá que nos tornemos um brinquedo das forças poderosas e impiedosas da natureza. A própria morte não é uma extinção, não constitui um retorno ao inanimado inorgânico, mas o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado. E, olhando na outra direção, essa visão anuncia que as mesmas leis morais que nossas civilizações estabeleceram, governam também o universo inteiro, com a única diferença de serem mantidas por uma corte suprema de justiça incomparavelmente mais poderosa e harmoniosa.¹³²

Freud, assevera que tais ideias religiosas naturalmente, se constituíram a partir de um longo processo de desenvolvimento. Diversas civilizações aderiram a essas ideias em diferentes fases, mas de modo geral, cindiu aquilo que, segundo ele, “corresponde aproximadamente à forma final assumida por nossa atual civilização branca e cristã.”¹³³ Ainda que as ideias religiosas consistam em contradição entre si e a experiência cotidiana, “são prezadas como o mais precioso bem da civilização, como a coisa mais preciosa que ela tem a oferecer a seus participantes.”¹³⁴ Conforme Freud, “as pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas ideias o valor que é para elas reivindicado.”¹³⁵

Ao perceber os perigos que sua investigação poderia irromper ao progredir seu texto na forma de monólogo, Sigmund Freud convida um interlocutor¹³⁶ imaginário que assistirá seus argumentos com desconfiança, permitindo que realize algumas observações.¹³⁷ Diante do seu interlocutor, Freud afirma que as ideias religiosas surgiram da necessidade de proteção, contra a força descomunal da natureza, além do impulso de retificar as deficiências da civilização, que era percebido pela angústia. Essas ideias já estão presente na cultura e são transmitidos para o indivíduo como herança de muitas gerações, pois o indivíduo não seria capaz de descobri-las por si mesmo. Freud acrescenta que o sentimento de estranheza de seu interlocutor ocorre pelo fato de que o corpo de ideias religiosas, geralmente é apresentado como revelação divina. “Contudo, essa própria apresentação faz parte do sistema religioso

¹³² FREUD, 1927[2006], p. 27-28.

¹³³ FREUD, 1927[2006], p. 28.

¹³⁴ FREUD, 1927[2006], p. 28.

¹³⁵ FREUD, 1927[2006], p. 29.

¹³⁶ Diversos autores procuraram identificar nesse opositor o pastor Pfister – entre eles, Roudinesco & Plon, que afirmam que o interlocutor fictício “não é outro senão o pastor Pfister, psicanalista e amigo de Freud” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 287).

¹³⁷ FREUD, 1927[2006], p. 30.

e ignora inteiramente o desenvolvimento histórico conhecido dessas ideias e suas diferenças em épocas e civilizações diferentes.”¹³⁸

O interlocutor imaginário interpela a Freud sobre a origem da religião tratado em seu livro *Totem e Tabu*. “Lá, porém, ela aparecia sob uma luz diferente. Tudo era o relacionamento filho-pai. Deus era o pai exaltado, e o anseio pelo pai constituía a raiz da necessidade de religião.”¹³⁹ Entretanto, em *O futuro de um ilusão*, “segundo parece, você descobriu o fator da fraqueza e do desamparo humano, ao qual, na verdade, o principal papel na formação da religião é geralmente atribuído, e agora transpõe tudo que foi outrora o complexo paterno em função do desamparo.”¹⁴⁰ Em *Totem e Tabu*, considera Freud, que não era seu propósito explicar a origem da religião, mas apenas do totemismo. Ele considera fundamental o isolamento estrito, da contribuição específica da psicanálise, quanto à solução do problema da religião. “Se agora estou tentando acrescentar a outra parte, menos profundamente oculta, acho que você não deveria me acusar de estar me contradizendo, tal como antes me acusou de ser unilateral.”¹⁴¹ Naturalmente, o pai da psicanálise apresenta os vínculos entre *Totem e tabu* e *O futuro de uma ilusão*, do complexo paterno e o desamparo e a necessidade de proteção.

Essas vinculações não são difíceis de encontrar. Consistem na relação do desamparo da criança com o desamparo do adulto, que a continua, de maneira que, como era de esperar, os motivos para a formação da religião que a psicanálise revela agora, mostram ser os mesmos que a contribuição infantil aos motivos manifestos. Transportemo-nos para a vida mental de uma criança. Você se recorda da escolha de objeto de acordo com o tipo anaclítico [ligação], de que fala a psicanálise? A libido segue aí os caminhos das necessidades narcísicas e liga-se aos objetos que asseguram a satisfação dessas necessidades. Desta maneira, a mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade.¹⁴²

Logo, nessa função de proteção, a mãe é substituída pelo pai, mais forte e permanece essa posição até o final da infância. “Mas a atitude da criança para com o pai é matizada por uma ambivalência peculiar. O próprio pai constitui um perigo para a criança, talvez por causa do relacionamento anterior dela com a mãe. Assim, ela o

¹³⁸ FREUD, 1927[2006], p. 30.

¹³⁹ FREUD, 1927[2006], p. 31.

¹⁴⁰ FREUD, 1927[2006], p. 31.

¹⁴¹ FREUD, 1927[2006], p. 32.

¹⁴² FREUD, 1927[2006], p. 32.

teme tanto quanto anseia por ele e o admira.”¹⁴³ Segundo Freud, quando o indivíduo em desenvolvimento descobre que está destinado a permanecer na infância, e que dependerá da proteção dos poderes superiores, emprestará a esses poderes as características próprias à figura do pai. “Cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção.”¹⁴⁴ Segundo a psicanálise essa é “a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião.”¹⁴⁵

Ao retomar a finalidade de sua investigação, Freud procura delimitá-la à significação psicológica das ideias religiosas e sob sua classificação. Para ele “as ideias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença.”¹⁴⁶ Certamente essas condições revelam dados particulares da nossa realidade, que interferem altamente na vida do indivíduo. A falta de conhecimento sobre essa realidade pode gerar uma ignorância a respeito de nosso funcionamento e, no entanto, pois, ao contrário pode produzir esclarecimento. Em seguida, ele distingue as ideias religiosas do conhecimento científico, principalmente àquela, transmitido na escola. A educação escolar requer que o aluno tenha convicção dos ensinamentos do professor. Porém, a construção do conhecimento é um processo amplo, empírico, acessível à experiência pessoal e com o conhecimento de suas fontes. Então, ele verifica se os mesmos processos, podem ser identificados, também nos fundamentos das ideias religiosas. Quando pretende-se aplicar os mesmos critérios científicos aos ensinamentos da religião e indaga-se os fundamentos de sua reivindicação, logo, depara-se com três respostas problemáticas que não se harmonizam. Em primeiro lugar, “os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é proibido questionar a sua autenticidade.”¹⁴⁷

¹⁴³ FREUD, 1927[2006], p. 32.

¹⁴⁴ FREUD, 1927[2006], p. 33.

¹⁴⁵ FREUD, 1927[2006], p. 33.

¹⁴⁶ FREUD, 1927[2006], p. 34.

¹⁴⁷ FREUD, 1927[2006], p. 35.

Certamente, esse terceiro item pode abalar as convicções do indivíduo e despertar as mais fortes suspeitas. “Afinal de contas, uma proibição desse tipo só pode ter uma razão – que a sociedade se acha bastante cônica da insegurança da reivindicação que faz em prol de suas doutrinas religiosas.”¹⁴⁸ Caso contrário, haveria a disponibilidade dos dados necessários, a quem desejasse obter à convicção. Indubitavelmente, a sensação de desconfiança está atrelada aos outros dois fundamentos. Acreditar porque nossos antepassados acreditaram, não é tangível de credibilidade, pois nosso ancestrais eram muito mais ignorantes, além de que acreditavam em coisas que atualmente não é passível de credibilidade. É tangível que as próprias doutrinas da religião sofreram mutações ao longo da história.

As provas que nos legaram estão registradas em escritos que, eles próprios, trazem todos os sinais de infidedignidade. Estão cheios de contradições, revisões e falsificações e, mesmo onde falam de confirmações concretas, elas próprias acham-se inconfirmadas. Não adianta muito asseverar que suas palavras, ou inclusive apenas seu conteúdo, se originam da revelação divina, porque essa asserção é, ela própria, uma das doutrinas cuja autenticidade está em exame, e nenhuma proposição pode ser prova de si mesma.¹⁴⁹

Freud chega à conclusão de que, “de todas as informações proporcionadas por nosso patrimônio cultural, as menos autenticadas constituem precisamente os elementos que nos poderiam ser da maior importância, ter a missão de solucionar os enigmas do universo e nos reconciliar com os sofrimentos”¹⁵⁰ Ele considera que esse fato, é, em si mesmo, um problema psicológico, extremamente considerável. O pai da psicanálise não considera algo novo a sua declaração a respeito da impossibilidade de provar a verdade das doutrinas religiosas. Segundo ele, esse sentimento já foi percebido em todas as épocas, e, “indubitavelmente, também pelos ancestrais que nos transmitiram esse legado. Muitos deles provavelmente nutriram as mesmas dúvidas que nós, mas a pressão a eles imposta foi forte demais para que se atrevessem a expressá-las.”¹⁵¹ Certamente, incontáveis indivíduos sofreram tormentos por dúvidas semelhantes, e asseveraram em reprimi-las, em pensar que era seu dever acreditar incondicionalmente, e “muitos intelectos brilhantes

¹⁴⁸ FREUD, 1927[2006], p. 35.

¹⁴⁹ FREUD, 1927[2006], p. 35-36.

¹⁵⁰ FREUD, 1927[2006], p. 36.

¹⁵¹ FREUD, 1927[2006], p. 36.

sucumbiram a esse conflito e muitos caracteres foram prejudicados pelas transigências com que tentaram encontrar uma saída para ele.”¹⁵²

Se todos os argumentos apresentados em favor da autenticidade dos ensinamentos religiosos se originam no passado, é factível que se deslumbre o presente, sobre o qual, é mais tangível e capaz de fornecer argumentos exitosos, possíveis de esclarecer uma parte isolada do pensamento religioso, proporcionando maior credibilidade.

Em seguida, Freud menciona duas tentativas, que ele considera uma expressão do desespero para fugir do problema da religião. A primeira, de natureza violenta, o *Credo quia absurdum*, atribuída a Tertuliano¹⁵³, o primeiro padre da igreja. Sustenta que “as doutrinas religiosas estão fora da jurisdição da razão – acima dela. Sua verdade deve ser sentida interiormente, e não precisam ser compreendidas. Mas esse Credo só tem interesse como autoconfissão.”¹⁵⁴ Freud questiona o credo;

Devo ser obrigado a acreditar em todos os absurdos? E caso não, por que nesse em particular? Acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência? Pode-se exigir que todo homem utilize o dom da razão de que é possuidor, mas não se pode erigir, com base num motivo que existe apenas para poucos, uma obrigação que se aplique a todos. Se determinado homem obteve uma convicção inabalável a respeito da verdadeira realidade das doutrinas religiosas, a partir de um estado de êxtase que o comoveu profundamente, que significação isso tem para os outros?¹⁵⁵

A segunda tentativa é efetuada pela filosofia conhecida de “como se”, e considera que as ideias religiosas necessitam ser tratadas com toda a credibilidade, por razões práticas, mesmo ideias infundadas. Porém, Freud afirma que “um homem cujo pensar não se acha influenciado pelos artifícios da filosofia nunca poderá aceitá-la; na opinião de tal homem, a admissão de que algo é absurdo ou contrário à razão não deixa mais nada a ser dito.”¹⁵⁶ Atualmente, porém, as ideias religiosas ainda se conduzem de modo inteiramente diferente que, conforme os tempos passados, não obstante, sua incontestável falta de autenticidade, exerceram a mais forte influência

¹⁵² FREUD, 1927[2006], p. 36.

¹⁵³ Araújo indicou que tal sentença não representa a doutrina cristã, que afirma a importância da relação entre fé e razão, sendo outra a expressão mais adequada para expressá-la: *Fides quaerens intellectum* [A fé que procura a inteligência] (ARAÚJO, 2014, p. 165).

¹⁵⁴ FREUD, 1927[2006], p. 37.

¹⁵⁵ FREUD, 1927[2006], p. 37.

¹⁵⁶ FREUD, 1927[2006], p. 37.

possível sobre a humanidade. Trata-se, então, de um novo problema psicológico. Devemos compreender onde reside a força interior das doutrinas religiosas e qual a origem de sua eficácia, independente, como no reconhecimento por intermédio da razão.

Freud afirma ter preparado com consistência o caminho para as respostas sobre a origem psíquica das ideias religiosas. Estas, ainda que sejam proclamadas como ensinamentos, não se constitui da experiência ou de resultados finais de pensamento. Porquanto “são ilusões¹⁵⁷, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos.”¹⁵⁸ Indubitavelmente, a ideia aterrorizante de desamparo na infância instituiu a necessidade de proteção – proteção através do amor –, “a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso.”¹⁵⁹ Entretanto, Freud afirma que a constituição de um pai superior, estabelece uma ordem moral universal, que mitiga o medo dos perigos da vida e atenua os conflitos da infância que surgem no complexo paterno.

Assim o governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida; o estabelecimento de uma ordem moral mundial assegura a realização das exigências de justiça, que com tanta freqüência permaneceram irrealizadas na civilização humana; e o prolongamento da existência terrena numa vida futura fornece a estrutura local e temporal em que essas realizações de desejo se efetuarão. As respostas aos enigmas que tentam a curiosidade do homem, tais como a maneira pela qual o universo começou ou a relação entre corpo e mente, são desenvolvidas em conformidade com as suposições subjacentes a esse sistema. Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente -, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita.¹⁶⁰

Em seguida, Freud enuncia o significado de ilusão, diferenciando-a da linguagem cotidiana. “Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é

¹⁵⁷ Sigmund Freud já havia feito referências à noção de ilusão na Carta a Fliess, em 12 de dezembro de 1897. “Você consegue imaginar o que sejam “mitos endopsíquicos”? São o último produto de meu esforço mental. A tênue percepção interna do [nosso] próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que, naturalmente, são projetadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e o além. A imortalidade, a recompensa e todo o além, tudo são reflexos de nosso [mundo] psíquico interno. *Meschugge?* Psicomitologia. (MASSON, J. M. 1986, p. 287).

¹⁵⁸ FREUD, 1927[2006], p. 39.

¹⁵⁹ FREUD, 1927[2006], p. 39.

¹⁶⁰ FREUD, 1927[2006], p. 39.

necessariamente um erro.”¹⁶¹ O conceito psicanalítico de ilusão não se refere, necessariamente, à definição sobre verdade ou erro de um enunciado, mas à sua potencialidade psíquica, isto é, sua capacidade de afetação psíquica. Assim, Freud subverte o significado de ilusão e a torna uma expressão de uma realidade incontestável – a realidade psíquica. Portanto, a ordem da ilusão é, por excelência, da ordem psíquica, do inconsciente, insuscetível de erro ou equívoco, proveniente da linguagem comum. Em Freud, o conceito de ilusão é marcado pelo componente “desejo”, anunciado sempre que o tema é discutido. A formação da ilusão, entretanto, expressa um desejo.

"A relação entre a fantasia e o tempo é muito importante. Pode-se dizer que uma fantasia flutua, por assim dizer, entre três tempos, os três momentos temporais de nosso modo de representar. O trabalho anímico une a uma impressão atual, uma ocasião [vivida] no presente, que foi capaz de despertar um dos principais desejos do sujeito. Daí, o desejo retrocede à lembrança de uma experiência anterior, ao mais das vezes, infantil, na qual aquele desejo foi realizado. Então ele cria uma situação referida ao futuro, que se apresenta como a realização daquele desejo, justamente o devaneio, ou a fantasia, que a partir da situação e da lembrança traz em si os traços de sua origem. Dessa forma, passado, presente e futuro alinhavam-se uns aos outros no colar do desejo que os percorre.”¹⁶²

“O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. Com respeito a isso, aproximam-se dos delírios psiquiátricos, mas eles diferem também, à parte a estrutura mais complicada dos delírios.”¹⁶³ Freud enfatiza que o fato principal dos casos de delírios psiquiátricos, é o de se encontrar em contradição com a realidade. No entanto “as ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade.”¹⁶⁴ Segundo Freud, devemos “chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.”¹⁶⁵

Para Domínguez, “o desejo constitui, portanto, o motor da ilusão. Um desejo que prefere ignorar, desconhecer, dar as costas à realidade. Porque, de fato, a ilusão – Freud encarrega-se de destacar – não se constrói contra a realidade, mas à margem

¹⁶¹ FREUD, 1927[2006], p. 39.

¹⁶² FREUD, Sigmund. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908). Edição Standard Brasileira das obras completas, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. P. 153.

¹⁶³ FREUD, 1927[2006], p. 39.

¹⁶⁴ FREUD, 1927[2006], p. 40.

¹⁶⁵ FREUD, 1927[2006], p. 40.

dela.”¹⁶⁶ Entretanto “o grau, porém, em que as expectativas humanas se distanciam ou se aproximam da realidade é dificilmente mensurável.”¹⁶⁷ Indubitavelmente, classificar uma ideia de ilusão ou algo análogo a um delírio dependerá de nossa atitude pessoal.

Após delimitar a noção de ilusão, Freud retoma a abordagem da religião e afirma que todas as doutrinas religiosas são ilusões e insuscetíveis à prova. Além de que ninguém pode ser coagido de adotá-las como verdade e acreditar nelas. O pai da Psicanálise considera algumas doutrinas religiosas tão improváveis e incompatíveis com o saber científico, que podem ser comparados a delírios. Entretanto, não está no escopo dessa investigação, avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas. Contudo, essencialmente, é suficiente que se obtenha o conhecimento de sua natureza psicológica, a ilusão.

Após identificar as doutrinas religiosas como ilusões, Freud questiona se a nossa relação com alguns seguimentos da cultura, incluindo a ciência, não poderiam ser também de natureza semelhante. Após despertar suspeita, “não nos esquivaremos de perguntar se nossa convicção de que podemos aprender algo sobre a realidade externa pelo emprego da observação e do raciocínio no trabalho científico, possui um fundamento melhor.”¹⁶⁸ Afinal, são necessárias as indagações para a construção de uma cosmovisão e fundamentação científica. Apesar de perceber que a ilusão pode estar presente em outras áreas, como política, no amor e na ciência, Freud pretende se limitar ao tema da religião, que o identifica como apenas um dos desdobramentos da ilusão. Dessa vez, o opositor imaginário interrompe Freud, exigindo uma explicação, pois considera que as doutrinas religiosas não constituem um tema sobre o qual se possa tergiversar como qualquer outro. “Nossa civilização se ergue sobre elas e a manutenção da sociedade humana se baseia na crença da maioria dos homens na verdade dessas doutrinas.”¹⁶⁹ Em caso de desconstrução de um Deus todo-poderoso e justo a humanidade poderá se sentir isenta de qualquer responsabilidade civilizatória. Se não houver a inibição de seus instintos sociais e egoístas, retornaremos ao caos que outrora fora banido através de muitos anos de trabalho civilizatório. Mesmo que pudéssemos provar que a religião não é a verdade,

¹⁶⁶ MORANO, 2008, p. 143.

¹⁶⁷ MORANO, 2008, p. 143.

¹⁶⁸ FREUD, 1927[2006], p. 43.

¹⁶⁹ FREUD, 1927[2006], p. 43.

deveríamos ocultar esse fato, sob o interesse da preservação da humanidade. Certamente há pessoas que encontram consolação apenas na religião e nela encontra recursos para suportar a vida. Porventura, não seria favorável despojar de seu apoio, sem obter nada melhor para oferecer em seu lugar.

Freud inicia sua réplica afirmando que a que “a civilização corre um risco muito maior se mantivermos nossa atual atitude para com a religião do que se a abandonarmos.”¹⁷⁰ Mesmo assim, ele considera improvável que algum devoto abandonará sua fé, devido seus argumentos. Herdeiro de um legado intelectual, proveniente do Iluminismo, Freud afirma que “não disse nada que outros homens, melhores do que eu, já não tenham dito antes de mim, de modo muito mais completo, energético e impressionante.”¹⁷¹ Considera que sua colaboração consiste apenas em acrescentar uma base psicológica às construções intelectuais de seus antecessores.

Essa analogia aforística é simples, talvez um pouco simples demais. Se é persuasiva ou não, dependerá em larga medida das convicções com que o leitor se aproxima do texto. Mas, em *O futuro de uma ilusão*, Freud não deixou dúvidas sobre a sua convicção de que não estava apenas apontando semelhanças interessantes. Os homens inventam deuses, ou aceitam passivamente os deuses que sua cultura lhes impõe, exatamente por terem crescido com tal deus dentro de casa. Tal como as fantasias da criança, ao enfrentar o poder dos outros e seus próprios desejos, e seguindo o modelo dessas fantasias, a religião é fundamentalmente uma ilusão – uma ilusão infantil. A análise psicológica das doutrinas religiosas demonstra que “elas não são cristalizações da experiência ou resultados finais do pensamento; são ilusões, realizações dos desejos mais antigos, mais fortes e prementes da humanidade; o segredo de sua força é a força desses desejos”. Freud orgulhava-se desses argumentos psicológicos e apontava-os como sua contribuição original ao estudo científico da religião. A ideia de que os homens fazem os deuses à sua própria imagem podia ser tão velha quanto os gregos antigos, mas Freud acrescentou que os homens fazem seus deuses à imagem de seus pais.¹⁷²

Freud considera que pode ser a única pessoa prejudicada por essa publicação. E será “obrigado a ouvir as mais desagradáveis censuras por causa de minha superficialidade, estreiteza de espírito e falta de idealismo ou compreensão dos mais altos interesses da humanidade.”¹⁷³ Contudo, já estava apropriado a receber críticas desde sua juventude e a se sobrepor a desaprovação de seus contemporâneos.

¹⁷⁰ FREUD, 1927[2006], p. 44.

¹⁷¹ Apesar de não mencionar “os nomes desses homens “notórios”, para que ninguém pensasse que estivesse tentando “me colocar entre suas fileiras”. Mas é fácil nomeá-los: Spinoza, Voltaire, Diderot, Feuerbach, Darwin.” (GAY, 1989, p. 479).

¹⁷² GAY, 1989, p. 481-482.

¹⁷³ FREUD, 1927[2006], p. 44.

Contudo, Freud ainda questiona se a publicação da obra não poderia trazer prejuízos à causa da psicanálise, uma vez que ele teria sido o inventor da teoria e já havia se deparado com muita desconfiança e indisponibilidade. Ele tinha preocupação de que diante de seus pronunciamentos desagradáveis, as pessoas poderiam deslocar sua figura à psicanálise. “Agora estamos vendo, dirão, onde a psicanálise conduz. A máscara caiu; conduz a uma negação de Deus e de um ideal moral, como sempre desconfiamos.”¹⁷⁴

Certamente, nada do que Freud havia falado sobre o valor da verdade das religiões precisou necessariamente do subterfúgio da psicanálise. Outro psicanalista poderia sustentar um ponto de vista diferente também recorrendo aos conceitos psicanalíticos, contudo, “se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião,” entretanto, “os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas.”¹⁷⁵ O pai da psicanálise prossegue destacando que a religião obviamente desempenhou importantes contribuições à civilização. “Contribuiu muito para domar os instintos sociais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar.”¹⁷⁶

É indubitável que, se a religião tivesse conseguido “tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes.”¹⁷⁷ Entretanto, grande parte da humanidade se mostra insatisfeita com a civilização. Além disso, o domínio da religião em outras épocas não garantiu um nível moral elevado. Analisando a civilização Cristã Europeia, Freud admite que a religião não possui mais a mesma influência que costumava ter sobre as pessoas. Certamente, isso não

¹⁷⁴ FREUD, 1927[2006], p. 45.

¹⁷⁵ FREUD, 1927[2006], p. 45.

¹⁷⁶ FREUD, 1927[2006], p. 46.

Peter Gay descreve a comparação de Freud entre a psicanálise e o cálculo infinitesimal da seguinte maneira: “Dada a militância de Freud, essa afirmação não era neutra. Definir as ciências, inclusive a psicanálise, como isentas de tendenciosidade era levantar uma pretensão política, sustentar que estão livres de distorções ideológicas auto-protetoras. Se a religião – desde o sacrifício, mas primitivo até a teologia mais elaborada – é medo, reverência e passividade infantis transferidos para a vida adulta, nesse caso a ciência, como poderia dizer um psicanalista, é um esforço organizado para ir além da infantilidade. A ciência despreza o esforço patético do crente em realizar as fantasias por meio de uma esfera piedosa e encenações rituais, por meio de súplicas e da queima de hereges” (GAY, 1989, p. 484-485).

¹⁷⁷ FREUD, 1927[2006], p. 46.

ocorreu porque suas promessas desfaleceram, “mas porque as pessoas as acham menos críveis. Admitamos que o motivo – embora talvez não o único – para essa mudança seja o aumento do espírito científico nos estratos mais elevados da sociedade humana.”¹⁷⁸ O pensamento crítico “desbastou o valor probatório dos documentos religiosos, a ciência natural demonstrou os erros neles existentes,” Além de que “a pesquisa comparativa ficou impressionada pela semelhança fatal existente entre as ideias religiosas que reverenciamos e os produtos mentais de povos e épocas primitivos.”¹⁷⁹ Freud considera que as pessoas instruídas possui menor resistência à substituição da religião por comportamentos civilizados, através de motivos seculares. No entanto, “a coisa já é outra com a grande massa dos não instruídos e oprimidos, que possuem todos os motivos para serem inimigos da civilização.”¹⁸⁰ Parece que há um perigo das massas populares aderir as ideias do pensamento científico, mas sem que ela produza os efeitos críticos e intelectual para a mudança de pensamento do indivíduo. Se as massas descobrirem que não existe Deus e que não haverá castigo por suas atitudes, infringiremos sem hesitação as regras, então, seremos impedidas apenas, pela força da Lei terrena. Segundo Freud, devido ao perigo representado por essas massas, elas deverão ser “severamente submetidas e com todo cuidado mantidas afastadas de qualquer possibilidade de despertar intelectual, ou então o relacionamento entre civilização e religião terá de sofrer uma revisão fundamental.”¹⁸¹

A civilização formulou o mandamento de que o sujeito não deve matar o outro a quem odeia, que encontra em seu caminho ou cuja propriedade cobiça. A constituição dessa Lei foi evidentemente formulada para o interesse civilizatório do ser humano, a fim de tornar praticável o exercício comunal. Desse modo, “o assassino atrairia para si a vingança dos parentes do morto e a inveja de outros, que, dentro de si mesmos, se sentem tão inclinados quanto ele a tais atos de violência.”¹⁸² Assim, o assassino não desfrutaria de sua vingança ou roubo por muito tempo, pois teria possibilidade de ser morto em breve por outra pessoa. Segundo o autor, “se uma combinação desse tipo não se efetuasse, o homicídio continuaria a ser praticado de modo infundável e o resultado final seria que os homens se exterminariam

¹⁷⁸ FREUD, 1927[2006], p. 47.

¹⁷⁹ FREUD, 1927[2006], p. 47.

¹⁸⁰ FREUD, 1927[2006], p. 48.

¹⁸¹ FREUD, 1927[2006], p. 48.

¹⁸² FREUD, 1927[2006], p. 49.

mutuamente.”¹⁸³ Desse modo, a insegurança da vida, que constitui um perigo semelhante a toda a humanidade, une todas as pessoas “numa sociedade que proíbe ao indivíduo matar, e reserva para si o direito à morte comunal de quem quer que viole a proibição. Aqui, então, temos justiça e castigo.”¹⁸⁴ Indubitavelmente, se a humanidade desce vazão a suas moções hostis, o resultado final seria o seu extermínio mútuo.

Freud assevera que a explicação racional da proibição do homicídio não recebe a mesma relevância que recebera a proibição emitida pela religião. Assim, ele defende uma explicação racional e puramente humana para a proibição do homicídio numa sociedade laica. Comportando-nos assim, revestimos a proibição cultural de um caráter muito especial, mas, no entanto, tendemos a tornar sua observância dependente da religião. Certamente, atribuir a Deus uma proibição cultural, e revesti-lo de caráter de santidade e inviolabilidade afetou todas as outras regulamentações, leis e ordenações culturais. Contudo, “é fácil identificar nelas coisas que só podem ser produto de uma compreensão míope, de uma expressão de interesses egoisticamente restritos, ou de uma conclusão baseada em premissas insuficientes.”¹⁸⁵ Entretanto, Freud, considera que os regulamentos da civilização possuem origem exclusivamente humana e observa o entrelaçamento entre a política e religião, de um ponto de vista temerário. Segundo Freud, “constituiria vantagem indubitável que abandonássemos Deus inteiramente e admitíssemos com honestidade a origem puramente humana de todas as regulamentações e preceitos da civilização.”¹⁸⁶ Seus mandamentos e leis flexibilizariam sua rigidez e imutabilidade. As pessoas compreenderiam o sentido das leis e proibições, portanto, “adotariam uma atitude mais amistosa para com eles e, em vez de visarem à sua abolição, visariam unicamente à sua melhoria. Isso constituiria um importante avanço no caminho que leva à reconciliação com o fardo da civilização.”¹⁸⁷

Em seguida, Freud invoca em favor da atribuição dos motivos estritamente racionais, para a origem da proibição do homicídio e com o auxílio da psicanálise se

¹⁸³ FREUD, 1927[2006], p. 49.

¹⁸⁴ FREUD, 1927[2006], p. 49.

¹⁸⁵ FREUD, 1927[2006], p. 50.

¹⁸⁶ FREUD, 1927[2006], p. 50.

¹⁸⁷ FREUD, 1927[2006], p. 50.

refere à quarta seção de *Totem e tabu*¹⁸⁸, onde sustenta que a origem dessa proibição foi o remorso pelo assassinato do pai primitivo.

Com o auxílio da psicanálise, efetuamos um estudo precisamente dessa parte da história cultural da humanidade, e, baseando-nos nele, somos obrigados a dizer que, na realidade, as coisas aconteceram de outro modo. Mesmo no homem atual os motivos puramente racionais pouco podem fazer contra impulsões apaixonadas. Quão mais fracos, então, eles devem ter sido no animal humano das eras primevas! Talvez seus descendentes ainda hoje se matassem uns aos outros sem inibição, não fosse o fato de entre aqueles atos homicidas ter ocorrido um – a morte do pai primitivo – que evocou uma reação emocional irresistível, com consequências momentosas. Foi dele que surgiu o mandamento. Não matarás. Sob o totemismo, esse mandamento estava restrito ao substituto paterno, mas posteriormente foi estendido às outras pessoas, embora ainda hoje não seja universalmente obedecido.¹⁸⁹

Assim, Freud considera que “o pai primevo constituiu a imagem original de Deus, o modelo a partir do qual as gerações posteriores deram forma à figura de Deus. Daí a explicação religiosa ser correta.”¹⁹⁰ Fundamentalmente, através de sua influência, Deus desempenhou uma função na *gênese* dessa proibição. Assim, o deslocamento da vontade humana para Deus é plenamente justificado, pois os homens tinham consciência que haviam se libertado do pai através da violência. Contudo, em reação a esse ato abominável, decidiram respeitar doravante sua vontade. Dessa maneira, a religião nos arremete a uma verdade histórica – ainda que dissimulada – ao nível que não conseguimos descrevê-la racionalmente. Desse modo, as ideias religiosas não incluem apenas o desejo, mas também as significativas reminiscências históricas, de passado e presente, que concede à religião uma autoridade incomparável. Embora não considere adequada a política de transplantar ideias para longe do campo em que se desenvolveu, Freud refere uma analogia entre a história de desenvolvimento humano e o indivíduo.

Sabemos que a criança humana não pode completar com sucesso seu desenvolvimento para o estágio civilizado sem passar por uma fase de neurose, às vezes mais distinta, outras, menos. Isso se dá porque muitas exigências instintuais que posteriormente serão inaproveitáveis não podem ser reprimidas pelo funcionamento racional do intelecto da criança, mas têm de ser domadas através de atos de repressão, por trás dos quais, via de regra, se acha o motivo da ansiedade. A maioria dessas neuroses infantis é superespontaneamente no decurso do crescimento, sendo isso especialmente verdadeiro quanto às neuroses obsessivas da infância.¹⁹¹

¹⁸⁸ FREUD, 1912-1913[2006].

¹⁸⁹ FREUD, 1927[2006], p. 50-51.

¹⁹⁰ FREUD, 1927[2006], p. 51.

¹⁹¹ FREUD, 1927[2006], p. 51.

O conteúdo remanescente pode ser elaborado posteriormente, através do tratamento psicanalítico. Assim, semelhantemente a cultura parece atravessar um estágio de transição entre a neurose infantil e a maturidade.

Exatamente do mesmo modo, pode-se supor, a humanidade como um todo, em seu desenvolvimento através das eras, tombou em estados análogos às neuroses, e isso pelos mesmos motivos – principalmente porque nas épocas de sua ignorância e debilidade intelectual, as renúncias instintuais indispensáveis à existência comunal do homem só haviam sido conseguidas pela humanidade através de forças puramente emocionais. Os precipitados desses processos semelhantes à repressão que se efetuou nos tempos pré-históricos, ainda permaneceram ligados à civilização por longos períodos.¹⁹²

Desse modo, Freud conceitua a religião como a neurose obsessiva universal da humanidade, tendo origem no complexo de Édipo – do relacionamento paterno – tal como a neurose obsessiva da criança. Levando em consideração esta analogia, Freud compreende, a priori, que a religião, assim como a neurose obsessiva da criança pode desaparecer com inevitabilidade de um processo de crescimento.

Decerto nossa analogia não esgota a natureza essencial da religião. Se, por um lado, a religião traz consigo restrições obsessivas, exatamente como, num indivíduo, faz a neurose obsessiva, por outro, ela abrange um sistema de ilusões plenas de desejo juntamente com um repúdio da realidade,¹⁹³ tal como não encontramos, em forma isolada, em parte alguma senão na amênia, num estado de confusão alucinatória beatífica. Mas tudo isso não passa de analogias, com a ajuda das quais nos esforçamos por compreender um fenômeno social;¹⁹⁴

Inevitavelmente as constatações clínicas que a analogia entre a religião e a neurose obsessiva pode efetuar para a compreensão da formação da religião, harmoniza-se com o fato de os devotos “serem em alto grau salvaguardados do risco de certas enfermidades neuróticas; sua aceitação da neurose universal poupa-lhes o trabalho de elaborar uma neurose pessoal.”¹⁹⁵ Essencialmente, Freud reconhece o valor histórico da religião, mas não invalida sua percepção puramente racional dos preceitos da civilização.

¹⁹² FREUD, 1927[2006], p. 51-52.

¹⁹³ Observamos que no mesmo ano da publicação de ***O futuro de uma ilusão***, Freud publicou também o artigo *Fetichismo* (FREUD, 1927b [2006]), no qual tratou sobre o tema do repúdio da realidade através do mecanismo da *Verleugnung*, que simultaneamente reconhece e renega a realidade – da castração.

¹⁹⁴ FREUD, 1927[2006], p. 52.

¹⁹⁵ FREUD, 1927[2006], p. 52.

Imediatamente, Freud é interpelado pelo seu interlocutor imaginário, e o contesta nas suas contradições, afirmando que são difíceis de reconciliá-las. Então, é questionado inicialmente por ter considerado seu trabalho inócuo e a posteriori teria sustentado o abandono a religião. Também lhe parece estranho, que o mesmo Freud, que formulou as teorias da constituição pulsional, “propõe substituir a base afetiva de sua obediência à civilização por uma base racional.”¹⁹⁶ Além disso, o interlocutor acusa Freud de não conseguir aprender com a história, pois já houve tentativas efêmeras e ineficazes através da Revolução Francesa de substituir a religião pela razão, e depois na Rússia, repetindo a mesma experiência. E, finalmente, o interlocutor acrescenta que Freud afirmou que a religião vai além de uma neurose obsessiva, porém não tratou desse assunto. Havia se contentado em elaborar a analogia com a neurose, mas, enfim, o ser humano deve ser libertado da neurose e desconsiderou completamente o que o indivíduo pode perder no decorrer do processo.

A aparente contradição, segundo Freud, provavelmente surgiu porque lidou apressadamente com assuntos complicados. Mas permanece sustentando que o assunto não oferece perigo e nenhum devoto se permitirá desviar-se de sua fé, pois o crente está ligado aos ensinamentos da religião por determinados vínculos afetivos.¹⁹⁷ Contudo, existem inumeráveis outras pessoas que não são devotos, na mesma essência. “Obedecem aos preceitos da civilização porque se deixam intimidar pelas ameaças da religião e têm medo dela enquanto se vêem obrigados a considerá-la como parte da realidade que as cerca.”¹⁹⁸ Essas pessoas abandonam, tão logo, lhes é permitido abdicar sua crença no valor de realidade da religião. Contudo, elas também não são afetadas por argumentos. Assim, “deixam de temer a religião quando observam que os outros não a temem, e foi a respeito delas que afirmei que acabariam por saber do declínio da influência religiosa mesmo que eu não publicasse meu trabalho.”¹⁹⁹ Para Freud, a educação religiosa é culpada pelo aviltante contraste entre a inteligência radiante de uma criança saudável e a frágil intelectualidade do adulto intermediário. Seria necessário muito tempo para que uma criança, que não fosse

¹⁹⁶ FREUD, 1927[2006], p. 54.

¹⁹⁷ Analisando a neurose obsessiva de conteúdo religioso na infância do Homem dos Lobos em História de uma neurose infantil, Freud havia indicado que, tanto nos momentos em que aderiu à fé religiosa quanto nos momentos em que aderiu ao ateísmo, estavam em jogo motivações edípicas e inconscientes na dinâmica psíquica de seu paciente (FREUD, 1918/1914[2006]).

¹⁹⁸ FREUD, 1927[2006], p. 55.

¹⁹⁹ FREUD, 1927[2006], p. 55.

influenciada se preocupasse com a religião. Talvez seus pensamentos sobre esses aspectos seguissem então os mesmos caminhos que os de seus antepassados. “Mas não esperamos por um desenvolvimento desse tipo; introduzimo-la às doutrinas da religião numa idade em que nem está interessada nelas nem é capaz de apreender sua significação.”²⁰⁰ Desse modo, “à época em que o intelecto da criança desperta, as doutrinas da religião já se tornaram inexpugnáveis.”²⁰¹

Freud admite a possibilidade de que suas próprias ideias também representem uma ilusão e considera que o efeito da proibição religiosa do pensamento não tenha um impacto tão negativo quanto supõe. Ele reconhece que não são apenas os conflitos da vida que parecem insolúveis e que muitas questões menos relevantes, também são difíceis de responder. Entretanto precisamos admitir que, “aqui, estamos justificados em ter esperanças no futuro – a de que talvez exista, ainda a ser desenterrado, um tesouro capaz de enriquecer a civilização, e de que vale a pena fazer a experiência de uma educação não religiosa.”²⁰² Freud considera insensato começar a eliminar a religião pela força, pois “o crente não permitirá que sua crença lhe seja arrancada, quer por argumentos, quer por proibições.”²⁰³ Contudo, Freud insiste em discordar que o indivíduo é completamente incapaz de viver sem a consolação da ilusão religiosa, e que, sem ela não suportariam as dificuldades da vida e da realidade hostil. “Isso é certamente verdade quanto aos homens em que se instilou o doce (ou agridoce) veneno desde a infância.”²⁰⁴ No entanto, Freud considera possível para aqueles que não padecem da neurose, que foram tratados mais sensatamente, que estes, não necessitam da religião para sobreviver às circunstâncias da vida. Porém, “terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente.”²⁰⁵ Mesmo se encontrando “na mesma posição de uma criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado.”²⁰⁶ Indubitavelmente o ser humano não pode permanecer na infância para sempre, mas

²⁰⁰ FREUD, 1927[2006], p. 55.

²⁰¹ FREUD, 1927[2006], p. 55.

²⁰² FREUD, 1927[2006], p. 56.

²⁰³ FREUD, 1927[2006], p. 57.

²⁰⁴ FREUD, 1927[2006], p. 57.

²⁰⁵ FREUD, 1927[2006], p. 57.

²⁰⁶ FREUD, 1927[2006], p. 57.

precisa superar e sair para a “vida hostil”. Freud, confessa, então, que o seu propósito é indicar a necessidade de uma “educação para a realidade.”²⁰⁷

Em seguida, o opositor de Freud considera deslumbrante a ideia da construção de uma sociedade que “renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de fazer tolerável sua existência na terra.”²⁰⁸ No entanto, o interlocutor imaginário segue discordando de Freud e afirma que a esperança de que ele detém de uma educação não religiosa na infância, favoreça a primazia da inteligência sobre as pulsões é ilusão, pois não está baseada na educação para a realidade, e sim, na influência dos desejos. Nesse aspecto, “a natureza humana dificilmente tem probabilidade de mudar. Se não estou equivocado – conhece-se tão pouco sobre as outras civilizações – ainda hoje existem povos que não se desenvolveram sob a pressão de um sistema religioso e que, contudo, não se aproximam mais do seu ideal do que do resto.”²⁰⁹

Se você quiser expulsar a religião de nossa civilização européia, só poderá fazê-lo através de outro sistema de doutrinas, e esse sistema, desde o início, assumiria todas as características psicológicas da religião – a mesma santidade, rigidez e intolância, a mesma proibição do pensamento – para sua própria defesa.²¹⁰

O interlocutor defende a ideia de que a educação passa pelo mesmo caminho da religião e que seria improvável o indivíduo civilizar-se sem a educação.

Há que possuir algo desse tipo, a fim de atender aos requisitos da educação. E é impossível passar sem educação. O caminho que vai da criança de peito ao homem civilizado é longo; não poucos jovens se desviariam dele e fracassariam no cumprimento de suas missões na vida, na época correta, se fossem deixados sem orientação quanto a seu próprio desenvolvimento. As doutrinas que tivessem sido aplicadas à sua criação, sempre estabeleceriam limites ao pensar de seus anos de maturidade – que é exatamente o que você censura à religião fazer hoje.²¹¹

O interlocutor interroga a Freud se ele não percebe que se “trata de um defeito inato e inestimável de nossa e de qualquer outra civilização, o fato de impor às crianças, que são movidas pelo instinto e fracas do intelecto, a tomada de decisões que só a inteligência madura dos adultos pode reivindicar?”²¹² Observa que a civilização não pode operar de outro modo, uma vez que, o desenvolvimento do

²⁰⁷ FREUD, 1927[2006], p. 57.

²⁰⁸ FREUD, 1927[2006], p. 59.

²⁰⁹ FREUD, 1927[2006], p. 59.

²¹⁰ FREUD, 1927[2006], p. 59.

²¹¹ FREUD, 1927[2006], p. 59.

²¹² FREUD, 1927[2006], p. 59.

indivíduo está comprimido a um período breve da infância, portanto, somente através das forças afetivas que a criança pode ser induzida a se submeter. Assim ele afirma que continuará advogando em favor da religião como base da educação e da vida social, pois trata-se de um problema prático, e não de uma questão de valor de realidade.

Já que, para preservar nossa civilização, não podemos adiar a influência sobre o indivíduo até que ele esteja maduro para a civilização (e, ainda assim, muitos nunca estarão), já que somos obrigados a impor à criança em crescimento um sistema doutrinário que nela funcione como um axioma que não admita crítica, parece-me que o sistema religioso é, de longe, o mais apropriado para esse fim. E o é, naturalmente, exatamente por causa de sua realização de desejo e seu poder consolatório, devido aos quais você reivindica identificá-lo como sendo 'ilusão'.²¹³

E finalmente, o interlocutor encerra suas objeções considerando outra vantagem da educação religiosa, que reside no refinamento e na sublimação das ideias, tornando possível a depuração da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil.

O que então sobra é um corpo de ideias que a ciência não mais contradiz e que é incapaz de refutar. Essas modificações da doutrina religiosa, que você condenou como meias-medidas e transigências, tornam-lhe possível evitar a cisão entre as massas não instruídas e o pensador filosófico, e preservar o vínculo comum entre eles, tão importante para a salvaguarda da civilização.²¹⁴

Imediatamente, Freud reconhece a dificuldade de evitar a ilusão e, portanto, confessa que sua posição também pode ser de natureza ilusória. Apresenta, porém, a distinção de que, diferentemente das doutrinas religiosas que são incapazes de correção, o conhecimento científico está deliberadamente acessível a revisões.²¹⁵ Em

²¹³ FREUD, 1927[2006], p. 60.

²¹⁴ FREUD, 1927[2006], p. 60.

²¹⁵ Indubitavelmente, Freud retoma essa questão com maior abrangência na conferência *A questão de uma Weltanschauung*. Para o pai da Psicanálise, a ciência aponta para o mundo externo, enquanto a religião emana sua força do mundo interno. "Nenhum menosprezo à ciência pode de algum modo alterar o fato de que ela está procurando levar em conta nossa dependência do mundo externo real, ao passo que a religião é uma ilusão e deriva sua força da sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos pulsionais plenos de desejos" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.170). Desse modo, Freud irá aproximar a construção científica do processo analítico, afirmando que, em ambos, os principais traços são negativos, pois "a psicanálise não precisa de uma *Weltanschauung*; faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica. Esta, porém, dificilmente merece um nome tão grandiloquente, pois não é capaz de abranger tudo, é muito incompleta e não pretende ser auto-suficiente em construir sistemas. [...] Uma *Weltanschauung* erigida sobre a ciência possui,

seguida, Freud descreve um breve resumo sobre o caminho que o conduziu na construção das hipóteses do lugar da religião na cultura, através da metapsicologia que construiu a partir da clínica psicanalítica.

Um psicólogo que não se ilude sobre a dificuldade de descobrir a própria orientação neste mundo, efetua um esforço para avaliar o desenvolvimento do homem, à luz da pequena porção de conhecimento que obteve através de um estudo dos processos mentais de indivíduos, durante seu desenvolvimento de crianças a adultos. Ao agir assim, impõe-se a ele a idéia de que a religião é comparável a uma neurose da infância, e é otimista bastante para imaginar que a humanidade superará essa fase neurótica, tal como muitas crianças evoluem de suas neuroses semelhantes. Essas descobertas derivadas da psicologia individual podem ser insuficientes, injustificada sua aplicação à raça humana, e infundado otimismo o dele.²¹⁶

Na continuação, Freud se detém em dois pontos de sua argumentação. Em primeiro lugar, ele considera que a fraqueza de sua posição não fortalece seu interlocutor. “Acho que você está defendendo uma causa perdida. Podemos insistir, tão frequentemente quanto quisermos, em que o intelecto do homem não tem poder, em comparação com sua vida instintual, e podemos estar certos quanto a isso.”²¹⁷ Não obstante, ele afirma que, existe algo típico nessa fraqueza. A voz do intelecto é suave, porém, insistente. “Finalmente, após uma incontável sucessão de reveses, obtém êxito.”²¹⁸ Para Freud, o êxito do intelecto sobre as pulsões está destinado a um futuro muito distante. Mas, presumivelmente, “ela estabelecerá para si os mesmos objetivos que aqueles cuja realização você espera de seu Deus (naturalmente dentro de limites humanos, na medida em que a realidade externa, ‘*Avayχη*’²¹⁹, permita), a saber, o amor do homem e a diminuição do sofrimento.”²²⁰

Contudo, Freud considera que ambos, tanto ele mesmo, quanto seu interlocutor desejam as mesmas coisas, porém, seu opositor é mais impaciente, exigente e

excetuada a sua ênfase no mundo externo real, principalmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões” (FREUD, 1933a/1932[2006], p. 177).

²¹⁶ FREUD, 1927[2006], p. 60-61.

²¹⁷ FREUD, 1927[2006], p. 61.

²¹⁸ FREUD, 1927[2006], p. 61.

²¹⁹ Em 1920, Freud escreve o *Além do princípio do prazer*, e a priori a teoria psicanalítica abandona o modelo físico, assumindo o mítico. Portanto o mito, tal como a ciência, explica-se com esquema de interpretação do mundo. É "a aplicação fora do campo observável, dos esquemas de pensamento que permitiram organizar os conhecimentos no campo de observação". (CHILAND, 1970, p.407-418). Desse modo, a teorização de 1920, *Ananke* é descrita como "a soberana e implacável lei natural" (p. 256). O que se esgotava na prova sensorial da realidade, já não cabe nos limites de um princípio do funcionamento psíquico. *Ananke* traduz o estabelecimento de uma realidade despojada de toda ilusão. (FREUD, 1920[1996]), p. 11-75.

²²⁰ FREUD, 1927[2006], p. 61.

egoísta do que aqueles que trabalham pela razão. Admite que o religioso “faria o estado de bem-aventurança começar diretamente após a morte; espera dele o impossível e não desiste das reivindicações do indivíduo.”²²¹ No entanto, Freud entende que a evolução do indivíduo ocorre de maneira natural e gradativa, ainda que inevitavelmente, se estenda há um futuro distante. Além disso, a razão não promete compensação pelos sofrimentos da vida, ao contrário da proposta da religião. Assim, acreditando no triunfo da razão sobre a religião, Freud continua asseverando que no futuro a humanidade abandonará a religião. “No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis.”²²²

Indubitavelmente, “a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. Mesmo as ideias religiosas purificadas não podem escapar a esse destino, enquanto tentarem preservar algo da consolação da religião.”²²³ Assim, se a religião enlaçar sua crença apenas em um ser espiritual supremo, cujas qualidades sejam indefiníveis e cujos desígnios não possam ser discernidos, além de estar à prova do desafio da ciência perderá sua influência sobre o desejo humano.

Em segundo lugar, Freud distingue a diferença apresentada por ele e seu interlocutor, a respeito da atitude religiosa de ambos.

Você tem de defender a ilusão religiosa com todas as suas forças. Se ela se tornar desacreditada – e, na verdade, a ameaça disso é bastante grande – então seu mundo desmoronará. Nada lhe resta a não ser desesperar de tudo, da civilização e do futuro da humanidade. Dessa servidão, estou, estamos livres. Visto estarmos preparados para renunciar a uma boa parte de nossos desejos infantis, podemos suportar que algumas de nossas expectativas mostrem que não passam de ilusões.²²⁴

Freud reconhece que é possível que uma educação religiosa, autônoma da ortodoxia, não provoque intensas alterações na natureza psíquica do indivíduo. Sua justificativa é que talvez a ciência não esteja totalmente apta em responder todas as questões do mundo. No entanto, se isso acontecer, a ciência aceitará com resignação. Certamente não será por essa razão que a ciência perderá o interesse no mundo e

²²¹ FREUD, 1927[2006], p. 61.

²²² FREUD, 1927[2006], p. 62.

²²³ FREUD, 1927[2006], p. 62.

²²⁴ FREUD, 1927[2006], p. 62.

na vida, pois dispõe de um método seguro. Freud acredita ser possível à ciência “conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida.”²²⁵ No entanto, se essa crença for uma ilusão, ele admite encontrar-se na mesma posição que seu interlocutor. Apesar de reconhecer que a ciência, através de inúmeros e importantes sucessos, já se certificou de não ser uma ilusão.

Em seguida, Freud se refere a hostilidade que enfrenta a ciência, pelo fato de ter enfraquecido o poder da religião e manifestar suas falibilidades. Freud considera injusto exigir do método científico algo que ele não se propõe realizar, pois o conhecimento que produz é parcial e doravante proporciona perene evolução. E, finalmente, tentou-se inexoravelmente menosprezar o esforço científico, “com o fundamento de que, achando-se ele ligado às condições de sua própria organização, não poderia produzir nada mais senão resultados subjetivos, ao passo que a natureza real das coisas a nós externas permanece inacessível.”²²⁶ Freud, então, se dedica em escrutinar as condições que a ciência dispõe para investigar a realidade externa.

Em primeiro lugar, acentua Freud, a estruturação do aparelho psíquico desenvolveu-se amiúde, no esforço de perscrutar a realidade externa, e, portanto, teria concebido em sua estrutura um certo grau de utilitarismo. Em segundo lugar, ele destaca que o próprio aparelho psíquico – a posteriori, é denominado de inconsciente – é parte constituinte da realidade externa – isto é, a própria cultura – que Freud dispõe a investigar e que admite prontamente tal investigação. Em terceiro lugar, a tarefa da ciência terá absoluta abrangência, se conseguir demonstrar como a realidade externa deve aparecer em decorrência do caráter específico do funcionamento do aparelho psíquico. Em quarto, argumenta Freud, as descobertas que a ciência tem produzido, e principalmente pelo modo que foram alcançadas, são determinadas fundamentalmente pelos motivos que influenciaram a estruturação do aparelho psíquico. Em último, Freud afirma que o problema da percepção da realidade externa, “sem levar em consideração nosso aparelho psíquico não passa de uma abstração vazia, despida de interesse prático.”²²⁷

²²⁵ FREUD, 1927[2006], p. 62.

²²⁶ FREUD, 1927[2006], p. 63.

²²⁷ FREUD, 1927[2006], p. 63.

Indubitavelmente, não, conclui Freud, “nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar.”²²⁸

²²⁸ FREUD, 1927[2006], p. 63.

4 A ILUSÃO DE UM FUTURO

Publicado originalmente em 1928, pela revista *Imago*, o periódico de Oskar Pfister *A ilusão de um futuro: um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud*, contém a apresentação pública da crítica contra *O futuro de uma ilusão* de Sigmund Freud. A publicação inicia com uma carta aberta a Freud, na qual Pfister agradece a oportunidade de tornar pública sua crítica.

Com a amabilidade com que me acostumou nestes dezenove anos de trabalho conjunto, o senhor declarou que seria desejável que eu apresentasse ao público meus argumentos contra seu livreto "O futuro de uma ilusão", e com uma liberalidade que é natural para sua forma de pensar, colocou à minha disposição para esta finalidade um dos periódicos editado pelo senhor. Agradeço-lhe afetuosamente por esta nova prova de amizade, que não me surpreendeu de modo algum. Desde o princípio o senhor não fez nenhum segredo a mim e a todo mundo acerca da sua decidida incredulidade, de modo que sua profecia atual de um futuro sem religião não traz nenhuma novidade.²²⁹

Oskar Pfister não se surpreendeu de modo algum com a publicação, pois desde o princípio Freud já aspergia sua incredulidade e seu posicionamento sobre um futuro sem religião. De acordo com o que já havia expressado anteriormente a Freud, o pastor Pfister considera o método psicanalítico um excelente instrumento para depurar e desenvolver a religião e relembra os tempos em que ambos caminhavam amistosamente pelas trilhas do Matterhorn e não conseguiam convencer ao outro sobre as ideias religiosas. *O Futuro de uma ilusão* era um livro que Freud necessitava publicar. Interpela a Pfister, se ele havia percebido a convergência entre a Análise leiga e Ilusão. "Na primeira, quero proteger a análise dos médicos, na segunda, dos sacerdotes. Quero entregá-la a uma categoria de curas de alma seculares, que não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes".²³⁰ Após receber inúmeras e contundentes críticas sobre *O futuro uma Ilusão*, confessa a Pfister: "Alegro-me pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigerio em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado. Sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homens."²³¹

²²⁹ PFISTER, O. **A ilusão de um futuro** (1928). In: WONDRACEK, K. *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-18.

²³⁰ FREUD, 2009, p. 163.

²³¹ FREUD, 2009, p. 146.

Seu livro significou para o senhor uma necessidade íntima, um ato de honestidade e de coragem confessional. A titânica obra da sua vida teria sido impossível sem destroçar as imagens de ídolos, mesmo que estivessem situadas em universidades ou átrios de igrejas. Cada pessoa que desfruta da felicidade de estar próximo do senhor sabe que pessoalmente o senhor serve à ciência com veneração e fervor, pelo que seu gabinete é elevado a templo. Dito francamente: Tenho a firme suspeita de que o senhor combate a religião – a partir da religião.²³²

Do ponto de vista da fé, Pfister não percebe nenhum motivo para concordar com os ataques sofridos por Freud por sacerdotes e religiosos.

Ainda mais do ponto de vista da fé, não vejo nenhum motivo para concordar com a gritaria de alguns vigilantes de Sião. Afinal, quem lutou de modo tão gigantesco pela verdade e brigou tão heroicamente pela redenção do amor, este é, quer queira sê-lo ou não, segundo os parâmetros do evangelho, um fiel servo de Deus. E não está longe do reino de Deus quem, pela criação da psicanálise, elaborou o instrumento pelo qual são serradas as cadeias das almas sofredoras e são abertas as portas do cárcere. Desse modo podem correr à terra ensolarada de uma fé vivificante.²³³

Não obstante, Pfister reage com toda a determinação contra a apreciação de Freud sobre a religião. Contudo, o faz com modéstia e com o prazer com que se defende uma causa desejada, e com o rigor da verdade que havia sido fomentada pela escola psicanalítica. Espera que alguns que haviam ficado insipiente à psicanálise pela rejeição de Freud à religião, possam mitigar a amizade com a ciência, como método e síntese de reconhecimentos empíricos. Desse modo, Pfister decide escrever a favor da causa da psicanálise, lutando ao lado de Freud, com o propósito firme em seu coração de derrotar a ilusão através da verdade. “Um tribunal superior decidirá se o senhor com seu *“Futuro de uma ilusão”*, ou eu com a *“Ilusão de um Futuro*, chegamos mais perto do ideal.”²³⁴

²³² PFISTER, 1928[2003], p. 18.

²³³ PFISTER, 1928[2003], p. 18.

²³⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 19.

4.1 A CRÍTICA À RELIGIÃO

4.1.1 A religião e a ilusão

Após as considerações realizadas na correspondência a Freud, Oskar Pfister começa seu ensaio centrado na crítica freudiana à Religião, principalmente no conceito de ilusão instituído por Freud. Ele enfatiza que em *O futuro de uma ilusão*, Freud define o conceito de ilusão de modo diferente do usual.

No uso corriqueiro o conceito traz consigo as conotações do engano e da invalidade. Freud, porém, ressalta: “Uma ilusão não é necessariamente um equívoco”. “Chamamos uma crença de ilusão, quando na sua motivação prevalecer a realização de desejo, e prescindimos da sua relação com a realidade, do mesmo modo como a própria ilusão renuncia a suas comprovações”. Em outro contexto Freud se nega a tomar posição, em sua obra, quanto à veracidade das doutrinas religiosas.²³⁵

De acordo com Pfister, “com isto poderíamos contar com a possibilidade de que ainda é concedida validade à religião.”²³⁶ Para demonstrar, ele utiliza o exemplo de Freud referente a ilusão de Colombo para encontrar uma nova rota para as Índias.

Pois ainda que o descobridor da América não tenha alcançado a Índia, outros o fizeram no caminho por ele aberto. O genovês igualmente evoca que na ilusão pode estar investido muito raciocínio realista excelente. Sem a constatação da superfície encurvada do mar e da conseqüente forma cilíndrica da terra não teria sido empreendida a ousada viagem para Oeste. Desde já chamo atenção para o íntimo entrelaçamento do pensamento de desejo e do pensamento realista, e vejo surgir a pergunta, se haveria na religião, como em grande parte da ciência, uma dissociação clara, ou se, de modo amplo, em ambas as áreas o pensamento realista se esforçaria em vão para dissecar a objetividade pura além do desejo ou de seu resultado.²³⁷

No entanto, a esperança de que Freud tenha deixado à religião um altar não se estende muito tempo, pois logo ele compara a religião a uma neurose infantil, e dificilmente essa fase neurótica será superada. “A neurose representada pela religião é descrita com mais precisão como a “neurose obsessiva universal da humanidade” e, assim como a da criança vem do complexo de Édipo, esta deriva da relação com

²³⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 20.

²³⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 20.

²³⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 20.

pai.”²³⁸ O prognóstico desse conceito é o afastamento da religião, que está fadado a ocorrer com a inevitabilidade do processo de crescimento. Indubitavelmente, segundo Freud, nos encontramos exatamente nessa junção, no meio dessa fase de desenvolvimento. Para Pfister, o ápice da crítica freudiana da religião encontra-se na afirmação de que se por um lado a religião traz consigo restrições obsessivas, exatamente como ocorre em uma neurose obsessiva individual, e por outro, ela compreende um sistema de ilusões de desejo com negação da realidade – assim como não encontramos isoladamente de modo algum, apenas na amênia – num estado de confusão alucinatória religiosa. E, finalmente, “a religião é apreciada como uma proteção cultural, mas nesse sentido refutada de modo insuficiente, visto que através dela as pessoas tampouco encontram a desejada felicidade e a restrição moral.”²³⁹

4.1.2 A religião e a neurose obsessiva

Oskar Pfister começa analisando o caráter de neurose obsessiva atribuído à religião. “Sem dúvida Freud tem toda a razão, e com esta descoberta alcançou um grande mérito na psicologia da religião, visto que muitas expressões da vida religiosa estão imbuídas desse caráter.”²⁴⁰ A neurose obsessiva é reconhecida em vários segmentos religiosos, desde as religiões primitivas, que ainda não possui nenhuma constituição eclesiástica e, também nas religiões estruturadas na ortodoxia. Indubitavelmente, esse infortúnio foi introduzido no nascimento da religião como efeito do recalçamento das pulsões, fundamental para o progresso ético-biológico da humanidade. No entanto, constitui uma nefasta fatalidade de nossa espécie que os desvios no desenvolvimento da religião, apenas seja descoberto tardiamente. A história dos povos e das concepções morais demonstram visivelmente o desenvolvimento das religiões.

No entanto, *o cura d’almas* questiona se a neurose obsessiva é constituinte fundamental à religião, e, ou, os traços neuróticos prejudicam, uma vez que seus desdobramentos, descobertos pela psicanálise poderia resultar em amadurecimento

²³⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 20.

²³⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 21.

²⁴⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 21.

da religião. Certamente a renúncia às pulsões precedem a religião, é intrínseca a natureza humana, portanto fundamental à cultura. Assim, Pfister discorda de Freud em *Atos obsessivos e práticas religiosas*, de que “o surgimento da religião tem por base a renúncia à expressão de pulsões egoístas, enquanto a neurose pressupõe o recalçamento exclusivamente de funções sexuais.”²⁴¹ Contudo, a renúncia às pulsões que produzem recalçamentos relativamente amplos e profundos, deve contribuir em toda elaboração da religião.

Justamente a história da orientação edípica evidencia que a sexualidade constitui uma parte integradora das pulsões do eu e vice-versa. A seleção de pulsões isoladas deve ser feita apenas como abstração. Tão logo se pensa as pulsões (excluídas suas moções mais primitivas) realmente em separado, incorre-se em engano sobre engano. Este “ponto de vista orgânico”, como chamo o modo correto de apreciação, é imprescindível para a compreensão da gênese da religião. Não creio que nesse ponto atualmente haja ainda uma diferença entre Freud e mim. Visto que agora ele apresenta a ligação negativa com o pai como o determinante principal da religião, também deixa valer as forças libidinais. Creio que se deva procurar num círculo muito amplo as recusas pulsionais que conduzem à religião, como por outro lado também as trilhas que são seguidas na elaboração da religião apresentam uma diversidade extraordinária.²⁴²

Com efeito, Pfister questiona, apesar da renúncia pulsional, em sua origem, toda a formação religiosa implica necessariamente em neurose obsessiva? Certamente não, segundo ele, pois pelo contrário, “*as mais sublimes elaborações religiosas justamente suspendem a compulsão.*”²⁴³ (grifo original). Para sustentar sua posição de que a religião pode suspender a neurose obsessiva, Pfister recorre ao mandamento do amor figurado no cristianismo genuíno. “Pensemos no cristianismo genuíno! Jesus contrapõe seu “mandamento” do amor ao nomismo? neurótico compulsivo, que impõe um pesado jugo através das crenças ao pé da letra e do meticuloso cerimonialismo.”²⁴⁴ Para fundamentar sua ideia de que a religião pode superar uma neurose obsessiva, Pfister, então, menciona o posicionamento de Jesus nas escrituras: ““Vocês sabem, foi dito aos antigos – mas eu digo a vocês”²⁴⁵ – Está aí a poderosa ação redentora. E ela não acontece por força da demanda de um novo vínculo, mas graças à autoridade da liberdade conquistada por um amor vitorioso e

²⁴¹ PFISTER, 1928[2003], p. 22.

²⁴² PFISTER, 1928[2003], p. 22-23.

²⁴³ PFISTER, 1928[2003], p. 23.

²⁴⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 23.

²⁴⁵ Mt 5, 21s.

pelo reconhecimento da verdade.”²⁴⁶ Para Pfister, “segundo os bons parâmetros psicanalíticos, Jesus venceu a neurose coletiva de seu povo introduzindo no centro da vida o amor que, na verdade, é moralmente purificado.”²⁴⁷ Assim, concepção de Jesus à respeito de Deus, totalmente purificada das toxinas da elaboração Edípica é capaz de conduzir em direção a cura da neurose obsessiva da religião. Certamente o que se espera das “pessoas não é outra coisa que aquilo que corresponde à sua essência e sua vocação verdadeira, o que favorece o bem comum e – para também dar lugar ao ponto de vista biológico – uma saúde máxima do indivíduo e da coletividade.”²⁴⁸ Segundo Pfister, constitui um equívoco hermenêutico compreender o mandamento do amor, a partir dos evangelhos com espírito legalista. Nos evangelhos, a forma do imperativo da Lei Mosaica é conservada, mas o conteúdo do amor enquanto realização espontânea do desejo pode anular o caráter de Lei.

Em seguida, Pfister refere a sua publicação *Analytische Seelsorge* [Cura de almas psicanalítica] em que apresenta forma excelente que Jesus exerce a psicanálise, muito tempo antes de Freud, ainda que a expressão não seja conceituada por Ele.²⁴⁹ E, recorda que Jesus, “não apenas sugestionou ao paralisado o desaparecimento do sintoma, mas se inseriu no conflito religioso-moral subjacente, apazigua-o, vencendo assim a paralisia a partir de dentro.”²⁵⁰ Diante do discurso transcendente, dos relatos de exorcismo operados por Jesus, Pfister está convencido que se tratavam de fenômenos metafísicos reconhecidos pela ciência. A atitude crítica histórico-psicológica em que Jesus analisa as autoridades religiosas e políticas de sua época legitima seu lugar diante da psicanálise. E, finalmente, Pfister considera que os psicanalistas ficariam admirados se observassem o tratamento de Jesus para a neurose obsessiva, a partir da transferência, daqueles que vêm a ele demandando cura. Desse modo, a neurose obsessiva é substituída pela rendição ao Pai absoluto, que é amor.

Segundo Pfister, as escrituras registram diversos desdobramentos sobre a substituição da neurose obsessiva e da depuração da religião elaborada por Jesus. Ainda seria possível provar como sua ideia de Pai, é livre de todos os sintomas

²⁴⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 23.

²⁴⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 23.

²⁴⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 23.

²⁴⁹ Para estabelecer um paralelo entre Jesus e o psicanalista, Peter Gay escreveu: “Na visão de Pfister, Jesus, que elevava o amor a princípio fundamental de seus ensinamentos, fora o primeiro psicanalista” (GAY, 2012, p. 202).

²⁵⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 24.

reativos ao ódio edípico, pois o amor perfaz – no sentido mais amplo e profundo – a marca mais íntima da doutrina cristã. Recorda ainda que, “o alvo e bem supremo de toda a busca e anseio não residem na satisfação pessoal, mas no reino dos céus, isto é, na soberania do amor, da verdade e da justiça, tanto no indivíduo como na comunidade universal.”²⁵¹

É lamentável que Freud tenha esquecido justamente das mais sublimes expressões da religião, declara Pfister, e que no desenvolvimento histórico não há evidências de que a religião conduza as pessoas para a neurose. “Pelo contrário, é a vida pré-religiosa que cria compulsões neuróticas, que então conduzem a concepções religiosas e rituais correspondentes.”²⁵² Para Pfister, o desenvolvimento edípico ainda não consiste na religião e quando instaurada, ela pode contribuir para a cura da neurose obsessiva. Justamente através do desenvolvimento da religião surge uma nova força com tendências superior e ética, portanto sociobiológica, a qual busca superar a neurose até que sejam forjados novos laços através das angústias da vida, para uma nova concepção religiosa que corresponde ao desenvolvimento da humanização. Ainda, acrescenta Pfister, a religião não está separada do desenvolvimento sócio-histórico-cultural, desse modo seria equivocado afirmar que a religião possui intrinsecamente um caráter obsessivo.

Tampouco devemos esquecer que a religião não pode percorrer um desenvolvimento encerrado em si! Se em determinadas épocas os cristãos competiam em crueldade com os bárbaros mais selvagens, isto não aconteceu em decorrência da prática conseqüente de seu princípio religioso, mas em virtude de adoecimentos neuróticos, que desfiguraram e devastaram a religião cristã, da mesma maneira como a pesquisa e a criação artísticas foram expostas e sucumbiram às mais abomináveis deformações. Por isto nego cabalmente que seja próprio da religião como tal o caráter compulsivo neurótico.²⁵³

4.1.3 A religião e o desejo

Indubitavelmente, Freud não reivindica exclusividade para a ideia de que a religião seja uma representação do desejo. Ludwig Feuerbach, antes de Freud, em *A essência do cristianismo*, afirma que “a religião é um sonho da mente humana.”²⁵⁴ “O

²⁵¹ PFISTER, 1928[2003], p. 25.

²⁵² PFISTER, 1928[2003], p. 25.

²⁵³ PFISTER, 1928[2003], p. 26.

²⁵⁴ FEUERBACH, L. (1841) *La essência del cristianismo*. Salamanca, Sígueme, 1975, p. 29-30.

homem — esse é o mistério da religião — projeta o seu ser na objetividade e, a seguir, faz-se objeto dessa imagem projetada de si mesmo, agora transformada em sujeito.”²⁵⁵

O desejo no campo do imaginário é atribuído a dimensão especular, uma vez que o sujeito ainda está constituindo suas identificações, no entanto, possui a necessidade de ancorar-se em algo que está situado fora de si mesmo para modelar-se a imagem e semelhança de um pequeno outro. Diante do empréstimo do outro semelhante, o sujeito identifica-se a essa imagem e torna assimilar as marcas para sua conduta. O outro semelhante se constitui como um ponto de apoio para que o sujeito destituído de uma identidade se ancore a uma imagem que ele supõe ser mais consistente do que ele mesmo, a imagem de um outro que o fascina, justamente por representar a unidade que lhe falta²⁵⁶ de modo que, a representação da falta é fundamental para a constituição do eu do sujeito. É necessário ressaltar que a busca do sujeito pelo objeto de desejo vai além de qualquer objeto positivamente fixado, pois o que interessa é o enlaçamento pelo objeto de desejo do outro. No entanto, o sujeito deseja o que o outro também deseja ou o objeto que o outro está fixado, pois o que lhe falta é aquilo que falta ao outro. Esse registro marca um impasse insolúvel e ambivalente, que se instaura no desejo de aniquilação do outro, uma vez que apropriar-se desse objeto lhe traria a completude da falta. Por outro lado, existe um investimento emocional que possui a intenção de promover a auto-proteção, pois é no outro que o sujeito encontra suporte para sua identificação e a manutenção da constituição do eu. Então, a saída é assemelhar-se ao outro como uma medida comum de comparação em que se considera o valor comparativo peremptoriamente fálico, tendo em vista que o falo é justamente aquilo que é invocado no outro ou o

²⁵⁵ FEUERBACH, 1841[1975], p. 29-30.

²⁵⁶ O conceito de falta é inaugurado em Lacan (1959-1960), que coloca esse termo de maneira bastante interessante no seminário da Angústia, em que ele afirma que o que gera a angústia é a falta da falta. Conforme Násio (2003), o que realmente nos gera angústia é a falta da falta e surge sobretudo na nossa relação com o Outro. Para Freud, a angústia ocorre quando há uma separação, uma perda. Freud estrutura a angústia na relação Mãe-bebê, e o rompimento da relação simbiótica. O bebê, a criança, separara-se da mãe, perde o corpo da mãe. A partir desse rompimento se constitui a angústia. Lacan afirma que, o excesso de presença sem a possibilidade de que haja a falta, faz surgir a angústia, porque vai faltar a possibilidade de construir algo da ordem do simbólico. Para a constituição do simbólico, é necessário que haja presença-ausência. Essa transitoriedade é imprescindível para o sujeito em constituição. Se há só presença e falta a ausência, essa presença pode representar o engolfamento do sujeito. O fato de não haver o desaparecimento da presença é que provoca a angústia, a presença em excesso. A partir da formulação de ausência surge a representação, que é um processo psíquico cuja finalidade é distinguir entre a necessidade e o desejo. O desejo só pode surgir diante do desaparecimento. Portanto, a falta é constituinte da psiquê, e através dela o sujeito torna-se um sujeito do desejo.

objeto que escolhera para fixar o desejo, principalmente para os critérios de rivalização. Desse modo os juízos de comparação são tipicamente da ordem do imaginário e pode se transformar em recurso psíquico para superar esse dilema da falta.

Oskar Pfister identifica a atuação dos desejos na religião e reconhece que a abordagem teórico-clínica da psicanálise esclarece a dinâmica e a influência do inconsciente para a formação da religião. No entanto, ele questiona se todo o pensamento religioso se encerra na própria explicação da psicanálise. Além disso, para ele, pode haver um entrelaçamento entre pensamento de desejo e pensamento de realidade, tanto na religião quanto na arte e na ciência.

Nesse aspecto não podemos nos entregar a nenhum engano. A simples exposição dos desejos latentes e sua reelaboração com o propósito de torná-los conscientes, como também o desvelamento da situação edípica, do sadismo e do masoquismo recalcado impossibilitam totalmente que se neguem projeções de desejos na formação de religiões. Mas, será que com isso se esclarece todo o pensamento religioso? E será patrimônio exclusivo da religião essa confusão entre desejar e ser? Ou será que haveria na religião e na ciência, sim, até na arte e na moral o recalco posterior do pensamento de desejo pelo pensamento real, e a mobilização do pensamento real pelo pensamento do desejo formariam o ideal, ao encontro do qual o desenvolvimento mental se dirige de modo ofegante, esperançoso e sempre de novo penosamente decepcionado?²⁵⁷

Pfister relembra de um passeio com Freud, no ano em que se conheceram e que Freud lhe advertiu sobre o perigo de Pfister abandonar sua fé, em consequência de seu envolvimento com a psicanálise: “Nunca esquecerei aquela ensolarada manhã de domingo da primavera de 1909 no Parque Belvedere em Viena, quando Prof. Freud me alertou com seu modo amável e paternal para os perigos que a pesquisa por ele empreendida continha.”²⁵⁸ Porém, Pfister reconhece a necessidade de abandonar as ilusões e amparado na nova ciência, admite a possibilidade de abandonar o pastorado, diante da impossibilidade de justificar sua fé em detrimento da razão. Pfister concorda com Freud em boa parte do seu pensamento, apesar de que a algum tempo já havia constatado a origem dessas representações nos desejos em sua atividade de *Analysenpfarrer*²⁵⁹ e, antes disso, no estudo comparado das religiões e das culturas e conclui que as representações da religião e da vida no porvir “são

²⁵⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 26.

²⁵⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 27.

²⁵⁹ *Analysenpfarrer* tradução em alemão para “Pastor analista”.

pintadas com as cores da paleta do desejo”²⁶⁰ Posteriormente, Pfister se refere aos ateus que frequentemente o buscavam para análise, e destacou a similitude em que eram dirigidos pelo desejo, igualmente aos crentes e indica com frequência, um ateísmo ancorado na projeção da rivalização com o pai²⁶¹. Desse modo, seria equivocado sintetizar toda a rejeição da religião no esquema do desejo.

Em seguida, Pfister dedica-se a analisar um pouco mais de perto os desejos que regem a religião e, reconhece a necessidade “de admitir que eles a princípio são, em sua grande parte, de natureza egoísta.”²⁶² Pfister observa que a partir do desenvolvimento moral, também ocorre o desenvolvimento religioso e, assim, “os desejos egoístas passam cada vez mais para segundo plano, mesmo que sempre de novo haja recaídas ao pensamento egoísta. Isto é um sinal de que é difícil extinguir o selvagem e o primitivo.”²⁶³

Portanto, Pfister recorre as escrituras para mostrar que Jesus combatia os desejos egoístas através do amor. “No evangelho vemos como os desejos pulsionais são combatidos poderosamente, e com força tanto maior quanto mais avança o desenvolvimento de Jesus na luta permanente contra a tradição.”²⁶⁴ Contudo, a repressão rigorosa e imperativa despreza o amor. “O que Jesus exige em nome da sua religião em grande parte opõe-se diretamente ao egoísmo, ainda que Jesus, com grande sabedoria, não deixe de considerar de forma alguma o amor próprio.”²⁶⁵ Para Pfister, algumas virtudes cristãs como “a mansidão e a humildade, a negação de si

²⁶⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 27.

²⁶¹ Freud havia sinalizado as origens edípicas do ateísmo, da ordem inconsciente, no caso do Homem dos Lobos (FREUD, 1918[1914] /2006, p. 75). E ainda no relato da experiência religiosa de um médico que lhe escrevera: “Suas ideias de ‘pai’ e ‘Deus’ ainda não se tinham separado inteiramente, de modo que seu desejo de destruir o pai podia tornar-se consciente como dúvida a respeito da existência de Deus” (FREUD, 1927[1928] /2006, p. 177). Peter Gay afirma que para Freud, havia uma diferença entre o ateísmo edípico, da ordem do inconsciente, do ateísmo consciente: “Freud tinha uma vaga ideia de que o ateísmo também poderia se mostrar vulnerável à ideologia: podia ser usado, novamente tomando de empréstimo a linguagem psicanalítica, como um estratagema defensivo, espécie de reação típica do adolescente em revolta contra o pai. Aqueles que brigam com Deus podem estar reencenando na esfera religiosa a luta edipiana que não conseguiram vencer em casa. Mas Freud não se entregava a tais brigas; não iria lutar com quimeras. O ateísmo, a seu ver, era algo melhor: o pré-requisito para a investigação impiedosa e fecunda do fenômeno religioso. Freud, como sabemos, não envergou o manto do reformador social. Mas, como herdeiro moderno dos philosophes, estava convencido de que um dos encargos da ciência era empregar suas ideias para o alívio do sofrimento mental. Oculta na crítica psicanalítica de Freud à fé, encontra-se a esperança de que a descoberta e a divulgação da verdade acerca da religião possam ajudar a libertar a humanidade dela” (GAY, 2012, p. 537).

²⁶² PFISTER, 1928[2003], p. 28.

²⁶³ PFISTER, 1928[2003], p. 28.

²⁶⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 28.

²⁶⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 28.

mesmo e a recusa de acumular tesouros, a entrega da própria vida por amor aos mais sublimes bens morais, em suma, toda a atitude de vida, como o crucificado de Gólgota a demanda dos seus discípulos,²⁶⁶ é fundamentalmente oposto aos desejos egoístas. Certamente, corresponde a uma outra concepção dos desejos pulsionais egoístas que deriva de um ideal conquistado através de um longo processo de aceitação dolorosa da realidade. Percebe-se que “na oração de Jesus desaparece toda a dimensão egoísta – a prece pelo pão diário, este mínimo para a subsistência, não é mais egoísta - reinam os ideais éticos universais, e acima de tudo está a sujeição à vontade divina.”²⁶⁷

Para Pfister, é falsa a asserção de que, segundo a concepção cristã, toda a renúncia à vida terrena terá recompensas no além. Referenciando-se a sexualidade humana, ele afirma que “Jesus ressalta enfaticamente que devem ser descartadas as expectativas sensuais da vida após a morte [Mateus 22.30].”²⁶⁸ Ele enfatiza que para Jesus o “ideal mais sublime, o reino de Deus, tem como cenário a terra e como conteúdo bens ideais éticos e religiosos, que não têm nada a ver com desejos pulsionais.”²⁶⁹

A seguir, Pfister pressupõe que o seu interlocutor imaginário acredite que, corresponda à religião, apenas desejos de natureza superior. Não obstante, é necessário esclarecer a diferença entre desejo e o postulado. O desejo busca sua satisfação na ilusão e nos demais fenômenos abordados pela psicanálise, desconsiderando a realidade. Contudo, verifica-se também que muitos fenômenos religiosos que buscam sua satisfação através da ilusão. Porém, não são todos os desejos satisfeitos pela dinâmica da pulsão. “É possível buscar a satisfação dos desejos de um modo muito condizente com a realidade.”²⁷⁰ Assim, o postulado, diferentemente do desejo, “parte do existente que é reconhecido ou pressuposto como assegurado e tira a conclusão de outro dado existente, logicamente resultante do primeiro.”²⁷¹ Desse modo, a ciência trilha por um caminho análogo através de suas hipóteses, que são necessariamente consolidadas e a priori transformadas em teorias. Nesse caso, porém, trata-se de dados existentes, dos quais progride em

²⁶⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 28.

²⁶⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 28.

²⁶⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 29.

²⁶⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 29.

²⁷⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 29.

²⁷¹ PFISTER, 1928[2003], p. 30.

desdobramentos. No postulado, no entanto, o ponto de partida é formado por um imperativo. Para exemplificar o postulado, Pfister recorre à filosofia de *Immanuel Kant*, e como o filósofo trata o categórico “tu deves” como o ponto arquimediano e a partir dele postula uma Lei universal. Entretanto, Pfister partiu de outra certeza ética, que justamente se impôs a ele a partir da apreciação tanto psicanalítica quanto sociológica: o amor. Ele firma que “nessa norma, que resulta da particularidade do ser humano, porque o seu ser contém um dever, encontrei o lugar, a partir do qual tive de inferir um absoluto como origem do ser e do dever, como aliás de todos os valores.”²⁷²

Para Oskar Pfister, a ciência também trabalha com hipóteses dissimuladas e lembra da grata admiração com a qual leu a pesquisa de Robitsek, em *Symbolisches Denken in der chemischen Forschung* [Pensamento simbólico na pesquisa química], publicado na primeira edição da Imago, sobre a produção científica do químico Kekulé von Stradowitz. Segundo a pesquisa, a teoria da estrutura do benzeno surgiu a partir de “fantasias visuais de pares e cobras dançantes”²⁷³, que foram posteriormente examinadas pela razão. Assim, Pfister conclui que é necessário “ter o cuidado de não ver imediatamente como produtos do desejo todas as concepções primitivas.”²⁷⁴ Em seguida, o psicanalista suíço questiona se a projeção é um mecanismo exclusivo da religião ou também se apresenta em outras áreas como na ciência e na filosofia, quando se refere a fenômenos naturais utilizando termos antropomórficos como força, causa, efeito e lei, entre outros conceitos “que há muito já foram considerados pela teoria do conhecimento antropomorfismos bastante grosseiros, mesmo que imprescindíveis. Não é da mesma natureza o conceito de “censura”?”²⁷⁵ No entanto, se a religião se estabelece pela realização dos desejos, a ciência em sua luta incessante com antropomorfismos e outras projeções inconcebíveis, também se encontram estruturadas pelo desejo.

Entretanto, a pergunta é se a teologia, que se ocupou com a religião, teria ficado com um pé no estágio dos desejos. Sendo assim, temo seriamente (ou deveria esperá-lo?) que ela partilharia esta sorte, lamentável para uma ciência, com as demais ciências, não excluídas as ciências naturais e a história. Decididamente posso assegurá-lo com respeito à filosofia, e mesmo que se possa admitir que as ciências naturais, rigorosamente exatas, tenham uma vantagem de objetividade pura, ainda assim carecem daquilo que o

²⁷² PFISTER, 1928[2003], p. 30.

²⁷³ PFISTER, 1928[2003], p. 30-31.

²⁷⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 31.

²⁷⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 31.

criticismo empirista procurou tão apaixonada e infrutiferamente: a experiência pura, da qual ficariam eliminados os acréscimos da subjetividade humana.²⁷⁶

Ao tecer uma crítica a noção de objetividade pura, Pfister considera impossível de acontecer, pois o pragmatismo científico estaria eliminando a subjetividade humana. Indubitavelmente, as contribuições da ciência corroboram com as pesquisas da psicanálise, na qual asseguram a nossa disposição para a satisfação do desejo. No entanto, o pragmatismo, mesmo contrariado apresenta o lado positivo de ter desvelado o interesse da objetividade pura por uma exaustiva aplicabilidade da realidade, ou seja, desvelou, através do conhecimento, o pano de fundo do desejo. Segundo Pfister “com a teologia também a religião se submeteu aos sacrifícios mais radicais e mais dolorosos para o desejo.”²⁷⁷ Ele considera que desde o princípio a “religião foi capaz de absorver intensamente o saber sobre a natureza e os valores.”²⁷⁸

Certamente o cristianismo resistiu demasiadamente, por longo período, às teorias de Copérnico e da evolução²⁷⁹, porém, Pfister não considera nenhum demérito, pois a ciência está em constante transformação, enquanto, as mudanças das concepções religiosas são mais morosas e aguardam a validade das hipóteses científicas. Apesar da opinião comum de alguns cientistas de formação mais superficial, que consideram a incompatibilidade, muitos pesquisadores proeminentes não encontram dificuldade para o diálogo entre a ciência e a religião. Em seguida Pfister, refere-se a crítica de Freud sobre as contradições do pensamento religioso e considera que a teologia tem realizado um esforço honesto em superá-las, apesar de ser difícil verificar se esse objetivo foi alcançado. Ele considera “ter chegado a uma religiosidade que dominou as contradições, mesmo que tenham sobrado enigmas não resolvidos a cada passo, como em todas as áreas do pensamento humano.”²⁸⁰ Então,

²⁷⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 31.

²⁷⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 32.

²⁷⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 32.

²⁷⁹ Em sua obra **Uma dificuldade no caminho da psicanálise** (FREUD, 1917[2006], p. 149), Freud propõe descrever como o narcisismo universal da humanidade sofreu os três severos golpes da ciência. O primeiro refere-se a obra de Copérnico no sec. XVI e afirma que a terra era muito menor que o sol e movia-se ao redor desse corpo celeste. Essa descoberta atingiu o narcisismo da humanidade que sofreu com o *golpe cosmológico*. Em segundo relaciona-se com as pesquisas de Charles Darwin que presume que a natureza humana não é diferente dos animais, e esse foi o *golpe biológico* no narcisismo da humanidade. Em terceiro e talvez o que mais fere é o *golpe psicológico* que acentua as duas descobertas da psicanálise — a importância psíquica da sexualidade e o inconsciente —, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa. “É somente por esse motivo, no entanto, que atrai sobre si a aversão e as resistências que ainda se detém, com pavor, diante do nome do grande filósofo” (FREUD, 1917[2006], p. 153).

²⁸⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 33.

o analista suíço argumenta que a ciência empírica também está inerente a contradições. Para Pfister, a ciência também contém contradições, mas considera que existe dois pesos e duas medidas no que tange a conceitos reconhecidos pelos cientistas sem rigor teórico e metodológico e que indica injustiça e parcialidade para traduzir a ciência e a religião.

Talvez, porém, cause uma impressão que renomados pesquisadores da natureza e da alma, como por exemplo Herbart e Wundt, não atribuem à filosofia outra tarefa que superar as contradições subjacentes aos conceitos empíricos, e harmonizar os conceitos empíricos assim depurados. Então, não se deveria tratar de modo mais condescendente também a religião dos incultos e dos teólogos?²⁸¹

Pfister admite que não pode empreender uma análise da realidade no campo da religião nas questões particulares, tendo em vista que a crítica de Freud foi generalizada, além de que ele “não pretendia examinar as contradições em particular, limitando-se a declarar a maioria das doutrinas religiosas como indemonstrável e irrefutável”²⁸², portanto, o cura d’almas não poderia ingressar com uma defesa da realidade da religião em casos isolados. Ele denuncia, entretanto, que a ciência exija da religião o que ela própria não é capaz de oferecer: “no nosso problema é necessária máxima cautela, para que de modo algum exijamos de outros campos o que não temos em nosso próprio, e acusemos outros daquilo que nós mesmos praticamos.”²⁸³ Ao contrário, Freud em sua moderação exemplar, demonstra resiliência e humildade na construção de sua ciência. E, finalmente, declara que devemos ter a mesma atitude, além de questionar a unanimidade entre as autoridades científicas.

Em seguida, Oskar Pfister admite que Freud, sem dúvida, tem razão em acusar a religião de *confusão alucinatória*, em muitos de seus desdobramentos, então, se dedica a analisar essa abordagem da religião. Para ele, existe uma multiplicidade de formas de religião, no entanto Freud as desconhece. “Novamente parece que o grande mestre tem perante seus olhos formas bem definidas e as generaliza. Creio até que ele foi um frequentador raro de cultos protestantes e que também honrou raramente com sua visita a teologia crítica.”²⁸⁴ Pfister, considera que através da psicanálise, Freud atribuiu um destino equivalente a fenômenos semelhantes à

²⁸¹ PFISTER, 1928[2003], p. 33.

²⁸² PFISTER, 1928[2003], p. 33.

²⁸³ PFISTER, 1928[2003], p. 33.

²⁸⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 34.

alucinação. A investigação da paranoia no caso Schreber, Freud havia indicado que, através do método psicanalítico, foi possível identificar no delírio uma tentativa de cura, diferentemente da psicopatologia paranoide. “A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução.”²⁸⁵ Pfister conclui que é imprescindível submeter a religião, ao princípio da realidade com maior rigor possível, mesmo que haja o risco de sofrer transformações. E, finalmente, ele conclui que as hipóteses científicas podem ser recusadas e substituídas, exceto as questões existenciais — cuja resposta depende a construção da vida — que demandam uma aposta mesmo sem a validação da ciência.

4.1.4 A religião e a ciência

Pfister, ao contrário de Freud, não consegue aceitar que a religião em si é inimiga da ciência. Por sua vez, quando o pai da psicanálise questiona sobre os fundamentos da religião, nos deparamos, segundo Freud, com três respostas excepcionalmente incognoscíveis, que não se articulam:

Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade.²⁸⁶

Em reação à resposta de Freud, Pfister afirma que o protestantismo, absolutamente, não se contentou a essas respostas e com a mesma firmeza que critica a ciência e a filosofia, também o faz com a Bíblia e os dogmas. “Podemos como filósofos negar a necessidade racional dessa apologética, como alunos de Freud diagnosticá-la como racionalização, como protestantes rejeitar ao menos uma parte dela como *lettre de cachet*.”²⁸⁷ Sobretudo, certamente permanecerá um trabalho intelectual digno de respeito. O protestantismo conhece significativamente quanto deve à ciência. A religião dos reformadores também foi o resultado de seu pensamento, que adquiriram de professores com formação científica. A teologia

²⁸⁵ FREUD, 1911[2006], p. 78.

²⁸⁶ FREUD, 1927[2006], p. 35.

²⁸⁷ Carta com o sinete do rei, contendo uma ordem de prisão ou exílio sem julgamento.

crítica, que produziu e ainda produz frutos consideráveis, é consciente de que contribui à religião justamente através de seu rigoroso pensamento da realidade.

Assim, Pfister percebe com muita estranheza a declaração de que a religião é inimiga da razão. Pois nos círculos eclesiásticos, não apenas pastores liberais, mas também os conservadores, aderiram ao livre pensamento crítico que busca o amadurecimento da fé através da razão. Embora, Freud considere que a religião prejudica o pensamento científico, e sustenta a ideia de uma educação livre da religião, historicamente podemos indicar uma série de intelectuais, dos mais profundos e independentes, que indubitavelmente enriqueceram inexoravelmente a vida intelectual da humanidade e que mantiveram permanentemente o diálogo entre a ciência e a religião. Em seguida, o *Analysenpfarrer* apresenta uma lista de nomes de intelectuais que não manifestam deficiências intelectuais, apesar de terem crido em Deus. Médicos como Herrman Lotze, Wundt, Kocher; físicos como Descartes e Newton; químicos como Justus Liebig; biólogos como Darwin e Pasteur; matemáticos como Leibnitz e Pascal; geógrafos como Ritter; historiadores como Johannes von Müller, Carlyle, Niebuhr, L. von Ranke; estadistas como Lincoln, Gladstone, Bismarck; filósofos como Kant, Hegel, Schelling, Ruskin e Bergson; poetas como Goethe, Schiller, Gottfried Keller e K. F. Meyer. Assim, ele questiona se a educação religiosa prejudica o desenvolvimento do indivíduo, conforme ressaltava Freud. “Ademais ressalto que no ensino religioso sempre indicamos que Deus age nos *fenômenos da natureza e através do agir humano*.”²⁸⁸ Referindo ao experimento sugerido por Freud, Pfister comenta que frequentemente analisou pessoas educadas sem religião, mas realmente não assegura que tenha encontrado nelas um acréscimo de inteligência, respectivamente um desenvolvimento mais avançado nas estruturas do raciocínio.

4.1.5 A religião e a cultura

Oskar Pfister se dedica em analisar a religião como proteção da cultura. Segundo ele, com essa designação, Freud lhe atribui uma função protetora, sobre a qual, o analista suíço concorda plenamente que a religião não foi suficientemente competente ao desempenhar sua função de proteção da cultura. Entretanto, não

²⁸⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 37, grifo original.

considera que tenha sido um fracasso da religião em cumprir sua tarefa, mas simplesmente não cabe a ela essa função.

A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos associativos. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar. Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes. Mas, em vez disso, o que vemos? Vemos que um número estorrecedoramente grande de pessoas se mostram insatisfeitas e infelizes com a civilização, sentindo-a como um jugo do qual gostariam de se libertar; e que essas pessoas fazem tudo que se acha em seu poder para alterar a civilização, ou então vão tão longe em sua hostilidade contra ela, que nada têm a ver com a civilização ou com uma restrição do instinto.²⁸⁹

Desde a modernidade os discursos se estruturam em torno do significante²⁹⁰ sujeito. No entanto, Freud não utiliza esse termo nos seus escritos, não apenas pelo fato de não ser filósofo, mais precisamente por discordar do significado que havia se tornado vigente na cultura contemporânea, a partir de uma compreensão filosófica do sujeito cognoscente, como sinônimo de consciência, indivíduo autocentrado e livre, senhor de si, capaz de produzir a sua própria história de maneira autônoma e permanentemente temporal. No entanto, a noção de sujeito na Psicanálise emerge das elaborações do psicanalista francês Jacques Lacan. Apesar de não haver esta formulação nas obras de Sigmund Freud, Lacan cunhou o termo sujeito, exatamente a partir da obra freudiana ancorando-se, especialmente, em suas experiências clínicas. Lacan postula que “o sujeito é efeito do significante”²⁹¹, e segue o caminho de Lévi-Strauss, indicando a constituição de um sistema de relações pré-existentes ao sujeito e de uma ordem que o antecede, pois o Outro²⁹² que lhe precede está marcado pela linguagem. Desde o nascimento o ser humano é inserido em uma ordem humana que lhe é anterior, um ditame social na qual ele adentra através da linguagem

²⁸⁹ FREUD, 1927[2006], p. 46.

²⁹⁰ Significante, conceito postulado por Lacan sob a ótica psicanalítica como “elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, palavras e destino do sujeito” (ROUDINESCO, 1944/1998, p. 708).

²⁹¹ Lacan, J. (1988). **O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1964), p. 25.

²⁹² O termo “Outro”, com letra maiúscula foi instituído por Lacan para fazer a diferenciação do “outro” com letra minúscula. Lacan inaugurou o trabalho de enunciação epistemológica da obra de Freud e para esse fim, o autor pensou num modelo estrutural no campo da psicanálise que desse conta do Inconsciente. Portanto, o “Outro” é fundado por Lacan como um elemento dessa estrutura. Assim podemos afirmar que o “Outro” é a própria cultura, o lugar em que se situa a cadeia do significante e onde o sujeito aparece. Sendo assim, o “Outro” é o próprio Inconsciente. (ROUDINESCO, 1944/1998).

e da família. Consequentemente, a história do sujeito é antecedida pelo mito familiar, e que passa a recobri-lo a partir de seu nascimento. O sujeito sobre o qual se ocupa a psicanálise é, antes de tudo, o sujeito pensado a partir da concepção do inconsciente e que se constitui na relação com o Outro através da linguagem. Para Sidi Askofaré²⁹³, Lacan considera a historicidade do sujeito e constrói um caminho a partir da articulação entre estrutura e história, pois os significantes são instituídos por essa perspectiva.

As elaborações sobre o sujeito, pré-existentes às formulações da psicanálise não possibilitavam que o sujeito pensado do modo como é concebido pela teoria psicanalítica fosse apreendido. Certamente, a principal distinção ocorre na concepção de origem filosófica, em que o sujeito é identificado como o sujeito da consciência e é representado, sobretudo pelo cogito cartesiano “Penso, logo sou”. Essa concepção está muito mais atrelada àquele que tem consciência de seus atos ou consciência de si. No entanto, Lacan propõe especialmente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998) um sujeito para-além da consciência, a partir do reconhecimento da estrutura da linguagem. Portanto, diferentemente da posição cartesiana, que pensa o sujeito sob a lógica da consciência de si, no viés psicanalítico, essa posição foi sendo renunciada na medida que Lacan traz uma concepção de sujeito atravessado pela cultura em que sua posição em relação ao Outro é mediada pela linguagem.

Certamente, a maior preocupação de Freud sempre foi empreender a psicanálise no estatuto científico, motivo pelo qual realizou diversos rompimentos durante sua construção teórica, a fim de evitar a ligação de sua ciência com a religião ou qualquer ideologia, tampouco considerava uma visão de mundo ou um sistema filosófico, pois a psicanálise não se encarrega em responder as demandas universais. No entanto, ela aborda o que há de inconsciente na cultura, daquilo que se manifesta em seu discurso. Embora a ciência se ocupe muito mais com o campo da objetividade, a psicanálise se preocupa em considerar o sujeito do inconsciente e o mal-estar na relação com a cultura.

Freud compreende de cultura “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais.”²⁹⁴ Para ele, não há

²⁹³ ASKOFARÉ, S. (2009). **Da subjetividade contemporânea. A Peste: revista de psicanálise e sociedade**. São Paulo: EDUC. 1 (1). 165-175.

²⁹⁴ FREUD, 1927[2006], p. 15.

diferença entre cultura e civilização. “Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas.”²⁹⁵ e por outro, “inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível.”²⁹⁶ Pfister destaca que algumas atitudes que distingue o ser humano dos animais, são vergonhosas e nocivas. Ele elenca algumas delas: “Conhecimento e capacidades, os bens para a satisfação das necessidades humanas, as instituições para regulamentar as relações sociais e a distribuir os bens, tudo me parece tão impregnado de crueldade, injustiça e germes tóxicos”²⁹⁷ que a religião, absolutamente, não tem razões para se dedicar pela preservação do estado atual da civilização.

Em seguida o *Analysepfarrer* analisa a formulação que Freud postula sobre a religião como proteção da cultura. Segundo Pfister, Freud atribui à religião uma missão policial, “sobre a qual Pfister concorda que a religião não realizou adequadamente. Entretanto, o pastor não considera que isto se deva ao fracasso da religião em cumprir sua missão, mas simplesmente que sua tarefa não é esta.”²⁹⁸

Consigno concordar plenamente com Freud quanto ao fato de que a religião às vezes não comprovou singularmente sua competência como polícia cultural. No entanto, acrescento: parece-me uma felicidade que tenha sido assim, pois a religião tem coisas mais importantes a fazer que proteger a mistura de sublimidades e atrocidades que hoje se chama cultura.²⁹⁹

Segundo ele, “o cristianismo levado a sério pode aspirar revoluções muito profundas em relação à nossa cultura, que se mostra tão superficial e tão atrofiada de valores interiores e principalmente dos valores de caráter.”³⁰⁰ Ele considera que essa ideia foi reforçada pelo encontro com a psicanálise. E, finalmente, compreende que a religião não deveria assumir uma função protetora, mas, certamente, um guia para a verdadeira cultura, coerente com a realidade. Para Pfister, destinar à religião a tarefa de confortar os indivíduos pelas renúncias pulsionais exigidas pela cultura é

²⁹⁵ FREUD, 1927[2006], p. 16.

²⁹⁶ FREUD, 1927[2006], p. 16.

²⁹⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 39.

²⁹⁸ ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião**. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. p. 188.

²⁹⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 39.

³⁰⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 40.

desconsiderar a essência religiosa de promover recursos simbólicos que favoreçam a sublimação.

Pelo contrário, dominar os instintos animais (até onde prejudicam o bem-estar e a dignidade humanas) deve ser somente o reverso da solução de uma tarefa positiva: A religião deve desencadear as mais sublimes forças intelectuais e de caráter, fomentar as realizações mais elevadas na arte e na ciência, preencher a vida de todos, também dos mais pobres, com os bens máximos da verdade, da beleza e do amor, ajudar a vencer as aflições reais da vida, abrir caminho para novas formas mais substanciais e autênticas de vida social. Assim pode dar vida a uma humanidade mais nobre e rica interiormente, que corresponda melhor às exigências da natureza humana e da ética.³⁰¹

Através da obra Freudiana, da neurose obsessiva universal, compreendemos os motivos que levaram o indivíduo à deturpação da religião cristã. “*Não há realismo mais autêntico que o cristianismo.*”³⁰² Pfister conclui que, não devemos, apenas, considerar pertencente a realidade aquilo que é concreto, substrato da vida orgânica, perceptível pelos órgãos sensitivos, dos sentidos, mas aquilo que no fundo da alma, e atrás das fontes de estímulo dos nossos sentidos. “Obviamente há necessidade de uma visão essencial mais profunda e de uma filosofia de valores, para compreendermos que abandonar essas realidades superiores situadas além do palpável e maciço apenas conduz a um realismo ruim.”³⁰³

4.1.6 Freud e o inconsciente histórico

Pfister lembra que o ideal científico perseguido por Freud, teve início na filosofia. A primeira reflexão sistematizada de Freud sobre a consciência aparece no texto “*projeto para uma psicologia científica*” escrito em 1895, mas publicado somente em 1950. Nesse período a ciência é fortemente influenciada pelo cogito cartesiano da teoria de René Descartes. O conceito cartesiano apresenta um sujeito fundamentalmente pensante e o pensamento seria sua marca fundamental. Entretanto, o pensamento cartesiano apresenta o sujeito configurado como *eu(ego)* e postulado no centro do psiquismo. *A priori*, a consciência é, até então, a centralidade dos estudos freudianos e no texto “Sobre a concepção das afasias” Freud (1891)

³⁰¹ PFISTER, 1928[2003], p. 40.

³⁰² PFISTER, 1928[2003], p. 40. [grifo original]

³⁰³ PFISTER, 1928[2003], p. 41.

identifica claramente que o psiquismo está atrelado a consciência. Desse modo, todo processo psíquico que emerge de seu substrato neural é necessariamente uma produção consciente. Progressivamente, observamos que nos textos freudianos dedicados às primeiras fundamentações teóricas, suas afirmações da centralidade da consciência começam a ser questionadas. Desde então, os estudos psicanalíticos passam a considerar a possibilidade da existência de um inconsciente e partir dessa descoberta, Freud define a consciência como uma qualidade ou resultado dos processos mentais.

Enquanto o século XVII presenciou um progressivo declínio do pensamento aristotélico, o modelo mecânico da física Newtoniana estava se transformando numa nova concepção do corpo e desde então, se constituía um novo saber sobre o humano. Enquanto a nova física transportava o universo para o caminho do conhecimento infinitivo, Descartes propunha investigar o campo da subjetividade. Assim, o campo da subjetividade se constituía e transformava-se em um referencial, às vezes suplantado para o conhecimento e a verdade. Uma análise histórica e filosófica do conceito de subjetividade surge com a filosofia moderna de Immanuel Kant. Ele lança dúvidas sobre as condições para a produção de verdades sólidas, objetivas e universais, que desconsidera o conhecimento como produto de sujeitos singulares e histórico, portanto, inerente a falibilidade. Desse modo a subjetividade surge no contexto filosófico, a partir das questões epistemológicas quanto a produção de conhecimento, ou seja, àquilo que precisa ser neutralizado e superado para haver acesso a uma verdade objetiva. Também a filosofia kantiana apresenta o conceito de sujeito cognoscente – aquele que conhece e enuncia verdades. Similarmente o sujeito e o objeto do conhecimento são o núcleo da epistemologia clássica, que permanece no centro das epistemologias contemporâneas, ainda que atualizada. A realidade cognoscível, conforme Kant, depende estruturalmente das condições do sujeito e consequentemente todas as coisas se tornam objetos para o sujeito. No entanto, não se refere ao sujeito empírico, limitado ao fluxo instável do conhecimento sensível, pois em Kant aparece um novo modo de subjetividade ou uma nova dimensão do ser humano, que ultrapassa a singularidade do sujeito, mas continua limitado aos domínios da existência humana, ou seja, não se eleva aos aspectos últimos da transcendência como fenômeno absoluto. Essa esfera transempírica é concebida

como “subjetividade transcendental”³⁰⁴. O fato de que o ser humano pode transcender as suas individualidades desperta em si mesmo a presença de uma vontade pura, uma razão prática capaz de lhe impor uma lei moral universal. Nesse fato reside o fundamento racional da ética, que consiste em jamais submeter o universal em detrimento do particular e o fim aos meios. Entretanto, concernente a concepção Kantiana do “sujeito transcendental”, este encontra-se cindido em duas vertentes. Em primeiro lugar o “sujeito cognoscente”, que conhece por meio da razão teórica a unidade da natureza e a universalidade de suas leis. Em segundo o “sujeito agente” que por meio da razão prática, pensa a unidade da humanidade e a universalidade de seu princípio moral.

O grande empreendimento filosófico de Hegel (1980) era conceber a história na condição de ser apreendida no pensamento (*Begriffene Geschichte*) porquanto, as rupturas, as cisões e os conflitos também deveriam ser conceptualizáveis, pois são inerentes a história humana. No entanto a tarefa da dialética enquanto modo de pensar seria considerar as contradições, pois delas imanam a própria força da razão. Desse modo, a história atravessa a vida humana no seu ínterim, constituindo o sujeito transcendental dentro da sua própria história, ou seja, constituindo um sujeito histórico e estruturalmente cindido. Essa cisão não pode ser constituída unilateralmente porque o sujeito se constitui pela mediação do outro, numa dialética do desejo.

Desejar o desejo do outro é, em última análise, desejar que o valor que eu sou ou que represento seja o valor desejado por esse outro: quero que ele reconheça meu valor como seu valor, quero que me reconheça como um valor autônomo. Isto é, todo desejo humano, antropogênico, gerador da consciência-de-si, da realidade humana é, afinal, função do desejo de reconhecimento.³⁰⁵

Desse modo, o desejo é a força motriz do processo de constituição da subjetividade. Lacan (2004), afirma que “o desejo é o desejo do Outro”³⁰⁶, e assinala que a subjetividade como signo da irreducibilidade do humano só pode ser pensada na relação com o Outro³⁰⁷. No entanto, o Outro não pode ser esvaziado à relação

³⁰⁴ KANT, E. (1980). **Critique de la raison pure**. In Emmanuel Kant. Oeuvres philosophiques I. (p. 719-1470). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1781.) p. 404.

³⁰⁵ KOJÉVE, A. (2002). **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduerj p. 14.

³⁰⁶ LACAN, J. (2004). **Le séminaire: Livre 10: L'angoisse**. Paris: Seuil. (Originalmente publicado em 1962-1963), p. 32.

³⁰⁷ O termo “Outro”, com letra maiúscula foi instituído por Lacan para fazer a diferenciação do “outro” com letra minúscula. Lacan inaugurou o trabalho de enunciação epistemológica da obra de Freud e para esse fim, o autor pensou num modelo estrutural no campo da psicanálise que desse conta do

extrínseca entre sujeitos previamente constituídos, uma vez que o sujeito é constituído a partir dos processos de subjetivação que ocorrem no campo social e histórico, no entanto, o desejo necessita do Outro para se constituir.

Contudo, “o criador da psicanálise talvez tenha empreendido apenas um aguçamento, na medida em que, no seu positivismo, isolou mais fortemente do que foi usual o conceito de ciência diante da filosofia.”³⁰⁸ No entanto, o psicanalista suíço indica que, apesar das concepções freudianas ter origem no Iluminismo, o empirismo do pai da psicanálise torna-se fundamentalmente mais radical. Oskar Pfister considera que o empirismo de Freud é totalmente diferente de outros empiristas, que se submetem “com máxima precisão do mundo da experiência, mas que paralelamente, no agir, deixavam a condução não mais à ciência, mas ao instinto natural e à consciência,”³⁰⁹ e mesmo alguns, educado absolutamente sem religião, ainda buscavam apoiar-se nela. Para Pfister, “*O Futuro de uma Ilusão* também se afasta totalmente do positivismo de *Augusto Comte*³¹⁰, que primeiro destroça o patamar do pensamento mitológico e depois o metafísico, para entoar o louvor das ciências específicas como único caminho de salvação.”³¹¹ Oskar Pfister também assemelha o pensamento freudiano com a do teólogo alemão *David Friedrich Strauss* e seu materialismo mecânico, que faz uma “incursão na filosofia apenas mediante a suposição de um “universo sensato e bondoso”, a qual o adversário da ilusão religiosa dificilmente poderia compartilhar, postula uma ética que de forma alguma se satisfará plenamente com a produção científica.”³¹² Porém, dos filósofos conhecidos por Pfister, o que mais se aproxima com o pensamento freudiano é do *Barão Von Holbach*, “porque já deriva o surgimento da ideia de Deus a partir do desejo de, humanizando as forças da natureza, tornando-as acessíveis à influência pela oração e pelos

Inconsciente. Portanto, o “Outro” é fundado por Lacan como um elemento dessa estrutura. Assim podemos afirmar que o “Outro” é a própria cultura, o lugar em que se situa a cadeia do significante e onde o sujeito aparece. Sendo assim, o “Outro” é o próprio Inconsciente (ROUDINESCO, 1944/1998).

³⁰⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 43.

³⁰⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 43.

³¹⁰ Foi um filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. Ele é considerado o primeiro filósofo da ciência moderna. Influenciado pelo socialismo, trabalhou intensamente na criação de uma filosofia positiva como tentativa de remediar o mal-estar social da Revolução Francesa, criando uma doutrina social baseada nas ciências.

³¹¹ PFISTER, 1928[2003], p. 43.

³¹² PFISTER, 1928[2003], p. 43.

sacrifícios.”³¹³ Pfister conclui que Holbach combate o pragmatismo da religião e por isso busca aniquilá-la, introduzindo a razão como alvo do anseio humano.

4.1.7 Freud e a nova ilusão

Em seguida, Pfister se detém diante da tarefa de analisar o otimismo de Freud em relação da ciência. Primeiramente a intenção é focalizar claramente o que o pai da psicanálise compreende por ciência e a posteriori, analisar a intensidade de seu otimismo. Certamente em relação ao primeiro ponto, Oskar Pfister considera improvável obter informações detalhadas sobre a compreensão de Freud acerca da ciência, principalmente pela sua atitude decididamente refratária à filosofia. Diante do segundo ponto, o psicanalista Suíço admite ficar surpreso com Freud, pois a princípio ele mostra disposição em atribuir validade à *teoria do conhecimento*³¹⁴ a medida em que dispõe examinar através da teoria do inconsciente, as capacidades do indivíduo de experimentar e apreender a realidade. Embora Freud se exima humildemente da tarefa, ele declara que a ciência deve restringir-se às explicações empíricas comprováveis sobre a realidade aplicável no desenvolvimento psíquico e que o problema de uma cosmovisão que desconsidera a realidade do aparelho psíquico pode ser tornar apenas abstração. Nesse caso, é evidente em Freud, que só devemos considerar os aspectos da realidade. Entretanto, Pfister questiona se a ciência não consiste condicionalmente, em decompor a realidade e contrapor as abstrações, proporcionando um maior entendimento da realidade?

Pfister argumenta sua posição coma própria ciência, exemplificando que “a ótica decompõe as cores em vibrações de “corpos” incolores, que novamente são privados de sua “corporalidade” pela física e química e decompostos em energias, elétrons e outras abstrações não corpóreas.”³¹⁵ Similarmente, os conceitos teóricos utilizados pelas ciências também são abstrações e modos de interpretação da realidade, pois “em lugar algum vemos ou cheiramos a causalidade, em nossa interpretação a introduzimos nas aparências.”³¹⁶ O aparelho psíquico perceptivo que segundo Freud, deve ser considerado em toda a investigação sobre a constituição da

³¹³ PFISTER, 1928[2003], p. 43.

³¹⁴ Grifo original.

³¹⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 45.

³¹⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 45.

realidade, “de modo algum representa uma figura nítida, protegida de equívocos.”³¹⁷ “Será que ainda não compreendemos em que labirintos científicos nos metemos quando acolhemos levemente conceitos da teoria do conhecimento e da metafísica sob o destaque enganador das ciências naturais?”³¹⁸ Assim, Pfister conclui que a ciência também pode falhar na elaboração dos conceitos.

Para o *Analysenpfarrer* não existe ciência sem metafísica. Ele mesmo admite ter frequentado a escola do criticismo empírico e buscado a experiência pura, “no sentido de um conhecimento da realidade que estivesse completamente livre de todos os ingredientes subjetivos.”³¹⁹ Pfister afirma que a realidade é acessível, apenas através do desenvolvimento psíquico e os processos que envolvem a subjetividade. A ciência implica necessariamente em abstrações e torna-se imprescindível para o labor científico. Desse modo o empirismo radical torna-se insustentável. Para Pfister, a dificuldade que Freud apresenta em aprofundar os fundamentos filosóficos da ciência o torna um laico confuso.

Nossas categorias de pensamento, independente de as pensarmos à maneira de Kant ou de outro, sempre interferem. Por isso temos de fomentar a crítica epistemológica. Além disso precisamos de conceitos como o de causa e efeito, mesmo que tenham sido classificados como antropomorfismos pela sua origem. Precisamos de átomos e moléculas, e assim por diante. Quem teme a abstração, precisa tirar as mãos da ciência. O próprio ato de medir e pesar tem a ver com abstrações, pois conceitos numéricos, como todos os conceitos, naturalmente são abstratos. A filosofia encetada imediatamente onde termina a experiência entrelaça-se com as ciências empíricas, e quem não se aprofunda seriamente em problemas filosóficos o faz como um laico confuso.³²⁰

Após a breve incursão em filosofia da ciência, Oskar Pfister retorna ao tema da religião demonstrando que essas áreas estão intimamente entrelaçadas. Para ele, é impossível solucionar a questão religiosa se desconsiderarmos a filosofia da ciência. Oskar Pfister assinala que a filosofia não se ocupa apenas do cotidiano ou de ilusões, mas da realidade cuja existência não pode ser descartada facilmente. “A meu ver este mundo de ordem intelectual, que pode ser apreendido do mundo empírico, se apresenta a nós com mais segurança que o mundo dos sentidos, que com certeza é enganador.”³²¹ Obviamente, a saída para simplificar o conhecimento filosófico é aderir

³¹⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 45.

³¹⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 45.

³¹⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 45.

³²⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 45-46.

³²¹ PFISTER, 1928[2003], p. 46.

ao agnosticismo, porém, a declaração de falência da razão não é algo simples de ser declarado. Consequentemente, Pfister suspeita do conceito de ciência que Freud se refere e até que nível de conhecimento e confiabilidade pode ser atribuído à sua teoria.

Em seguida Pfister passa a se ocupar com o “*prognóstico científico* de Freud.”³²² Inicialmente ele afirma que Freud é um homem honesto com sua ciência e com a auxílio dela a humanidade poderá ampliar suas capacidades e aprender a suportar resignadamente as contingências da vida. Contudo, depois que a guerra desvelou as paixões selvagens da humanidade, é improvável que a ciência consiga construir valores éticos imprescindíveis à sociedade. Segundo Oskar Pfister, o prognóstico científico de Freud baseia-se em uma dedução por analogia que ele, particularmente não considera confiável, “de que até presente, o desenvolvimento científico trouxe vantagens aos humanos, o mesmo também acontecerá no futuro.”³²³ Para Pfister, as formulações de Freud encontram uma crença na ciência, cuja base está formulada na filosofia de *Friedrich Nietzsche*.

O psicanalista suíço também recebe com desconfiança a previsão de Freud de que a humanidade aprenderá a suportar com resignação as contingências da vida. Ainda que muitos tenham sido capazes desde antes da ciência, e mesmo Freud, de exercer com muita propriedade essa resignação, a ciência não é capaz de oferecer recursos psíquicos suficientes para apaziguar o ódio selvagem contra a vida. Finalmente, o *Analysenpfarrer* sugere que no bojo da crença de Freud sobre o triunfo da ciência é mobilizada pelo desejo e, portanto, engloba o surgimento de uma “*nova ilusão, a saber a ilusão científica*”.³²⁴ Desse modo, Pfister diverge do prognóstico de Freud como consequência de sua reflexão filosófica: “Contudo, não consigo aderir, justamente porque o princípio da realidade se interpõe como advertência.”³²⁵

4.1.8 Freud e a “*onipoteciência*”

Em Freud, a fé religiosa interdita a fé no poder da ciência como fonte de felicidade. Segundo Pfister, o pai da psicanálise evitou uma abordagem exaustiva sobre conceito de ciência. Para ele, a compreensão de Freud sobre a ciência está

³²² PFISTER, 1928[2003], p. 46.

³²³ PFISTER, 1928[2003], p. 47.

³²⁴ Grifo original.

³²⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 48.

centrada no paradigma positivista, embora, o cura d'almas reconheça que o inventor da nova ciência, tenha logrado êxito na sua pesquisa por sua dedicação concentrada no empirismo. No entanto, ele admite que um desbravador como Freud, genial e bem-sucedido, torna-se contraditório, pois do mesmo modo que tenta desconfigurar a ilusão da religião, acaba cedendo ao desejo à ilusão da ciência. De fato, Freud é uma pessoa genial, e não estaria disposto em ceder ingenuamente à fé vulgar e acrítica na onipotência da ciência.

E, uma vez despertada nossa suspeita, não nos esquivaremos de também perguntar se nossa convicção de que podemos aprender algo sobre a realidade externa pelo emprego da observação e do raciocínio no trabalho científico, possui um fundamento melhor. Nada deveria impedir-nos de dirigir a observação para nossos próprios eus e de aplicar o pensamento à crítica dele próprio. Nesse campo, uma série de investigações se abre a nossa frente, cujos resultados não podem deixar de ser decisivos para a construção de uma 'Weltanschauung'. Imaginamos, ademais, que um esforço desse tipo não seria vão e que, pelo menos em parte, justificaria nossas suspeitas.³²⁶

Assim, Freud admite que está acessível a crítica de seu opositor e reconhece a dificuldade de evitar ilusões, inclusive a ilusão da ciência. “Talvez as esperanças que confessei também sejam de natureza ilusória.”³²⁷ Contudo, Freud não dispõe dos recursos adequados para empreender tarefa tão abrangente, portanto, ele necessita limitar seu trabalho apenas ao seguimento da ilusão da religião. Desse modo, Pfister questiona se não estaríamos apenas alternando a ilusão da religião para a ilusão da ciência. Assim, Freud afirma que não é somente a religião que sabe consolar. “A voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência. Finalmente, após uma incontestável sucessão de reveses, obtém êxito.”³²⁸ Pfister conclui que sob uma “excelente consequência lógica, Freud encerra sua profecia do naufrágio da religião, e do glorioso absolutismo da ciência. O deus Logos [razão] derruba do trono o Deus da religião e governa no reino da necessidade, sobre cujo sentido por enquanto ainda não sabemos o mínimo.”³²⁹

“Seria ilusão o crer que podemos obter de outro lugar aquilo que ela — a ciência — não é capaz de nos dar.”³³⁰ Para Oskar Pfister, nessas palavras culmina a confissão de fé de Freud. Indubitavelmente ele não depreende à ciência, apenas como uma

³²⁶ FREUD, 1927[2006], p. 43.

³²⁷ FREUD, 1927[2006], p. 60.

³²⁸ FREUD, 1927[2006], p. 61.

³²⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 43.

³³⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 48.

possibilidade de conhecimento do mundo, mas, em sua declaração Freud está pensando no substitutivo pleno para a religião. Assim, Pfister afirma que apesar de acompanhar Freud no caminho da construção da psicanálise, ele discorda de sua posição otimista sobre a ciência, e considera que a atitude de Freud excede a natureza epistemológica da psicanálise. Pfister considera que o ser humano não se realiza apenas com a sua intelectualidade.

Nós pessoas não somos apenas aparelhos racionais, somos entes vivos, sensitivos e volitivos. Precisamos de bens e valores, necessitamos de algo que satisfaça nossas emoções, anime nosso querer. Também o pensar precisa nos oferecer valores, tanto os lógicos quanto também outros. Não tratamos, na análise, com frequência de pessoas que pensam com clareza, e que no seu raciocínio quase morrem inanição e quase se desesperam? Não trazemos dentro de nós uma consciência que nos julga ou recompensa? Não foi comprovado justamente pela psicanálise o poder do sentimento de culpa? Não é Freud que explicita de modo mais claro que qualquer outro no mundo o significado supremo da valoração, dos sentimentos, dos afetos e das pulsões?³³¹

Para o *Analysenpfarrer*, Freud não conseguiu abarcar suficientemente no seu conceito de ciência os valores afetivos, ao contrário dos quais sua própria vida evidencia uma opulência fascinante. Tampouco a arte recebeu de Freud as devidas considerações nas formulações psicanalíticas que segundo Pfister, não percebe “onde ele deixa colocados os templos da arte.”³³² Em seguida ele sugere que a arte não é apenas o sinal de uma neurose obsessiva e de fraqueza e passa a citar alguns artistas regido sob o seguinte questionamento:

Poderia a ciência substituir a perda de sinfonias de Beethoven ou sonatas de Reger? E as maravilhosas obras de arte egípcias, helênicas, cristãs, deveríamos sacrificá-las em troca de princípios e achados científicos? As maravilhosas catedrais, que perfazem o orgulho e deleite de nossa geração, as pinturas inspiradas pelos sentimentos cristãos de Fra Angelico, Leonardo da Vinci, Albrecht Dürer, Holbein, até Gebhardt, Thoma, Steinhausen, a Pietá de Miguelângelo, do Criminoso na Cruz ou o Pródigo de um Meunier, etc., tudo isso deveria desaparecer? Haveria de secar a vertente da poesia cristã, promanada nas ondas prateadas do Natã de Lessing, do Fausto de Goethe, do Idiota de Dostojewski, da Ressurreição de Tolstói, etc.³³³

Então, Pfister conclui que sem a presença da arte o mundo não teria vida e se colocaria em estado de vulnerabilidade, a ponto de a humanidade viver sob constante

³³¹ PFISTER, 1928[2003], p. 49.

³³² PFISTER, 1928[2003], p. 49.

³³³ PFISTER, 1928[2003], p. 49-50.

ameaça. Para ele, “a arte continua sendo o arauto bendito de profundos mistérios e preciosos tesouros, que escapam e escaparão aos óculos dos eruditos.”³³⁴ Segundo Pfister a arte é recurso para cura da neurose e que jamais será substituída pela ciência, “porque seguramente pertencem mais à verdadeira realidade que as materialidades palpáveis e demais falsificações dos sentidos.”³³⁵ Indubitavelmente, a psicanálise demonstrou que não é suficiente perscrutar a dinâmica inconsciente para substituir a neurose obsessiva. Apesar da psicanálise assumir uma finalidade ética — caso contrário poderia definir em um empreendimento estritamente especulativo — Pfister não encontra na publicação *O futuro de uma ilusão*, a dimensão ética de uma cosmovisão. “Também o conhecimento analítico da dinâmica do inconsciente e das suas raízes mais profundas por si só ainda não auxilia, como hoje sabemos, na libertação do seu jugo. Freud nos ensina que as pulsões aprisionadas igualmente precisam ser redimidas na *transferência*”³³⁶ Diante do avanço da ciência, questiona Pfister, é possível a humanidade superar a neurose? No entanto ele argumenta que, apesar dos avanços acadêmicos e do crescimento da intelectualidade, com o surgimento da escola pública não houve uma significativa diminuição da violência.

Para Pfister, não há certeza de que no futuro a técnica psicanalítica poderá produzir recursos psicológicos para superar a neurose obsessiva. E mesmo que isso fosse possível, “o fio condutor da ciência não nos faria atingir aquela moralidade que proporciona à vida dignidade e verdadeira saúde interior.”³³⁷ Pfister não considera possível a “*substituição da religião pela ciência*. A religião é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Toda arte magnífica e portentosa é oração e oferta perante o altar de Deus.”³³⁸ Para ele, a arte e a ética são os desdobramentos mais magníficos da religião e, no entanto, toda arte magnificente simboliza uma oração diante de Deus. Para o teólogo, afirma Pfister, Deus é o fundamento real para os ideais, e para o devoto é o fundamento ideal da sua ação, é o Espírito que esteve presente na festa de Pentecostes, e que também ilumina a mente humana. “Aquele que pudesse destruir a religião, perfuraria a raiz mestra da grande arte que revela o sentido mais profundo e as mais elevadas forças da vida.”³³⁹

³³⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 50.

³³⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 50.

³³⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 50 (Grifo original).

³³⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 51.

³³⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 51 (Grifo original).

³³⁹ PFISTER, 1928[2003], p. 51.

Em Pfister, a religião ocupa um lugar fundamental da moral e da ética. A história do cristianismo demonstra que a fé acolheu em si juízos éticos e permanece em constante transformação. Para o psicanalista suíço, os mais ousados avanços éticos tiveram início na religião. O amor é por excelência a ética de Jesus e quem romper com esse princípio, torna-se apenas um porta-voz do protestantismo puritano.

O analista suíço discorda, quando Freud afirma que a moral seria compreensível por si, pois não podemos confiar na consciência, uma vez que o indivíduo é atravessado pela dinâmica pulsional, portanto não pode negar as pulsões. Também não podemos nos basear no aspecto moral da ciência, pois suas mais diversas doutrinas estão em desenvolvimento e poderão ser contraditórias. “O pensamento positivista, a ciência, como Freud parece ter em mente, não é capaz de nos fazer avançar muito, mesmo que ela nos possa fornecer, como expus em outro lugar, elementos altamente valiosos para a ética.”³⁴⁰ Porquanto, a ética continuará sendo uma disciplina filosófica. Desse modo, “a ciência empírica nos abandona ao construirmos conceitos éticos. E o mais importante: A geração de uma vida moral nunca foi alcançada mediante teorias áridas e conceitos inteligentes. Negar esse fato representaria uma censura da pior espécie.”³⁴¹ Em seguida, Oskar Pfister distingue as perspectivas da religião, que segundo ele, com bases metafísicas e panorama de futuro, com sua legislação divina dos mandamentos morais e sua mensagem de redenção, antecipou a psicanálise.

A religião, com seus símbolos em parte sublimes, em parte encantadores, com seu esplendor poético e suas avassaladoras interpretações da realidade, com seus personagens arrebatadores, que atraem pelas suas ações e sofrimentos comoventes e que por suas falhas e fraquezas alertam por um lado e por outro novamente insuflam ânimo na pessoa abatida para com novas forças perseguir seu ideal, a religião com suas gigantescas bases metafísicas e perspectivas de futuro, com sua sanção divina dos mandamentos morais e sua mensagem de redenção, que antecipa algumas das mais significativas conquistas da psicanálise, a religião com suas exigências que superam toda a resistência do mundo empírico pela certeza de um compromisso e uma aliança maiores, em suma: todo este mundo do ideal, que apenas tem certeza de ser expressão de uma realidade superior, suprema, e que com facilidade pode acolher todas as dádivas da ciência, mas que acrescenta uma plenitude de outras riquezas, de bens e forças vitais, é uma educadora que de forma alguma visa substituir a ciência e suas teorias.³⁴²

³⁴⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 52.

³⁴¹ PFISTER, 1928[2003], p. 52.

³⁴² PFISTER, 1928[2003], p. 52-53.

Freud já havia exposto anteriormente que o enfraquecimento das religiões contribuiu para o aumento extraordinário das neuroses e reconheceu que a religião pode oferecer recursos de proteção contra a neurose obsessiva.³⁴³ Contudo, Pfister afirma que a religião não necessariamente protege da neurose, pois igualmente, encontrou multidões de devotos histéricos e neuróticos obsessivos. Assim, observando que todas as ortodoxias devem ser consideradas como neurose obsessiva coletiva, há entre os devotos uma parcela significativa de psiconeuróticos, pois a religião pode diversificar seus desdobramentos na dinâmica psíquica, “afinal, tudo depende de que forma a devoção é construída, o quanto ela atua de maneira repressora.”³⁴⁴ No entanto, não podemos negar que a ação do evangelho genuíno, pode constituir uma proteção indispensável contra as neuroses, assevera Pfister.

Certamente Pfister indica que após tantas inserções, o campo da religião não se esgota em si. Além da arte, da moral e da proteção contra a neurose, a religião agrega uma série de outros aspectos, a saber, que ela se ocupa com o sentido da vida.

A religião se ocupa com a pergunta pelo sentido e valor da vida, com o impulso por unificação da razão numa concepção universal de mundo que abarca o ser e o dever, com o anseio por um lar e paz, com o impulso pela união mística com o absoluto, com as algemas de culpa da alma, com o anseio de liberdade por graça, com a necessidade de um amor que esteja livre das inseguranças insuportáveis do terreno, com inúmeros outros anelos, que quando não satisfeitos sufocam e amedrontam a alma, mas que pela harmonização religiosa elevam a vida humana para alturas esplêndidas com horizontes indescritivelmente encantadores, que fortalecem o coração e que elevam o valor da existência pela incumbência de compromissos morais muito pesados no espírito de amor.³⁴⁵

Entretanto, Pfister entende que o não-religioso dificilmente pode experimentar a experiência da fé, e compara a sensibilidade religiosa à musical: “O não-religioso não consegue senti-lo, do mesmo modo como o não-musical é incapaz de vislumbrar o conteúdo de uma composição musical de Brahms.”³⁴⁶ Certamente, a religião se distingue da arte e da ciência. Na perspectiva de Pfister, “sob fé não compreendemos

³⁴³ É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião. Mas não é minha intenção levar mais adiante a investigação do desenvolvimento da idéia de Deus; aquilo em que aqui estamos interessados é o corpo acabado das idéias religiosas, tal como transmitido pela civilização ao indivíduo. FREUD, 1927[2006], p.33.

³⁴⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 53.

³⁴⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 53.

³⁴⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 54.

apenas uma imaginação, mas que todo o homem interior de alguém foi atingido.”³⁴⁷ Finalmente, o *Analysenpfarrer* conclui que diante da plenitude da fé religiosa, a ciência parece pobre, na qual ele expressa que conseguiu indicar apenas uma parcela pequena e que ainda que tivesse elaborado grandes explanações seria impossível reproduzir o indizível.

Finalmente, Pfister conclui retomando a abordagem crítica de Freud sobre O *futuro de uma ilusão* e também concorda com o pai da psicanálise de que se a religião for apenas ilusão, ela deveria desaparecer. No entanto, em seu empreendimento Freud não desejava questionar o conteúdo das ideias religiosas, mas sua estrutura psíquica subjacente. Consequentemente, o analista suíço concorda que a ilusão precisa ser superada e indica o método de como isso eventualmente poderia ocorrer, postulando seu esboço *Weltanschauung und Psychoanalyse*³⁴⁸ [Visão de mundo e psicanálise], no qual assinala que a partir da ciência resulta uma metafísica.

Desse modo, “uma religião esclarecida só pode surgir do *entrelaçamento harmônico da fé e da ciência*³⁴⁹, a partir de uma mútua interpenetração”³⁵⁰ entre o desejo e a realidade na qual, entretanto o conteúdo da consciência não pode sofrer nenhuma falsificação da realidade e das suas correlações. Para Pfister, “desejos que não passam pela crítica da realidade seduzem à estultícia, ao engano e ao delírio e impelem muitos a ruína. Vida sem desejo é morte secreta. A verdadeira vida floresce a partir do casamento entre pensar e desejar. Sem desejos perde o movimento volitivo.”³⁵¹ Assim, Pfister acredita que o entrelaçamento harmônico entre fé e a ciência não compromete a substancialidade da religião, ao contrário, pode gerar uma fé consciente.

O Deus destituído de grosseiros antropomorfismos, da teologia moderna trabalhada filosoficamente, a vontade universal, que visa a concretização do amor no sentido ético mais elevado, é mais excelso que o Deus que passeia ao frescor do ocaso e que fecha a porta da arca com a própria mão, também mais excelso que o Deus que utiliza a terra como estrado para seus pés, e a linguagem por analogias da devoção não deve conter nenhum retrocesso para um pensamento de desejo inferior.³⁵²

³⁴⁷ PFISTER, 1928[2003], p. 54.

³⁴⁸ *Para lutar pela psicanálise*, publicado originalmente em 1920.

³⁴⁹ Grifo original.

³⁵⁰ PFISTER, 1928[2003], p. 55.

³⁵¹ NASE, Eckart. **Oskar Pfisters analytische Seelsorge: Theorie und Praxis des ersten Pastoralpsychologen, dargestellt an Fallstudien**. Berlin: de Gruyter, 1993, p. 487.

³⁵² PFISTER, 1928[2003], p. 55.

Nesse percurso, porém, nos submetemos à análise do entendimento ético do passado e reservamos o direito à crítica. Certamente os documentos religiosos não perderam o seu valor, mas tornou-se muito mais apreciada, desde que não seja mais um oráculo infalível para legitimar retrocessos. Em vista de sua formação na infância, sob o contexto Pietista, Pfister afirma que esse método de educação está sendo superado, embora não negue que nos mandamentos morais também há uma depuração que sinaliza sobre os perigos que ameaçam a saúde individual e social e como desdobramento conduz, fundamentalmente a uma dinâmica da vida. Portanto, “a ordem ética universal não é para nós um estado existente, mas uma força normativa no sentido recém-mencionado, uma capacidade e lei cuja tendência reconhecemos pela observação da realidade da vida.”³⁵³ Assim, Oskar Pfister questiona os argumentos de Freud sobre *a ilusão de um futuro*:

Podemos dispensar este aprofundamento religioso? Será que o avanço das ciências exatas o tornará supérfluo? A atual marcha à direita rumo às ortodoxias não deve ser decisória para a nossa sentença. Somente a partir da essência da humanidade e da estreita limitação do intelecto tenho de contrapor à profecia de Freud sobre o futuro de uma ilusão a afirmação, não mais profetizadora, mas fundamentada psicologicamente, da ilusão de um futuro desses.³⁵⁴

Pfister considera que a sua concepção da religião não está distante daquela de Freud. Afinal, Freud é impelido pelo *Logos* da ciência que lhe proporciona o entendimento teórico da dinâmica psíquica do indivíduo, que presumivelmente o conduz ao amor e a diminuição do sofrimento. O *Analysenpfarrer* afirma que é impelido pelo seu *Logos* ao mesmo objetivo, obviamente com base no amor e na sabedoria divina. Assim Pfister acredita que não é apenas a confissão de fé que constitui o verdadeiro critério do cristianismo, e distingue outro parâmetro: amor. “Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros.”³⁵⁵ Então, Pfister conclui à luz dessa palavra que, embora se denomine gentio, Freud com sua concepção e obra está à frente de muitos cristãos. Portanto, unem-se, pois, “O futuro de uma ilusão” e “A ilusão de um futuro” numa mesma fé sólida, cujo credo é: *A verdade vos libertará!*³⁵⁶

³⁵³ PFISTER, 1928[2003], p. 56.

³⁵⁴ PFISTER, 1928[2003], p. 56.

³⁵⁵ PFISTER, 1928[2003], p. 56.

³⁵⁶ PFISTER, 1928[2003], p. 56. (Grifo original)

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE OSKAR PFISTER À PSICANÁLISE

4.2.1 A dinâmica pulsional

Diferentemente da psicologia, que define a pulsão como *atos voluntários unívocos* e da biologia, como *tendências animais primitivas*, Pfister define o conceito de pulsão como *coletivo*, “que engloba as inclinações correspondentes a uma determinada área vital.”³⁵⁷ Assim, o coletivo em Pfister compreende pulsões diversas como a respiração, movimento, lúdico, cultura, além da pulsão para a ética e para a religião, pois Pfister as considerava como expressões da natureza humana. “O coletivo é justificado pela afirmação de que as pulsões não são isoladas, mas entrelaçam-se estreitamente. Apenas como abstração é possível isolar uma pulsão sexual ou de poder, de nutrição ou de movimento.”³⁵⁸ Para Pfister, todas as pulsões são emanações de uma vontade de viver, denominada pulsão vital. “Essa energia domina o indivíduo e forma a unidade abarcadora dentro do organismo físico-psíquico, que se expressa em todas as dimensões, desde movimento, alimentação, sexualidade até nas mais altas realizações humanas.”³⁵⁹

O conceito de pulsão para Freud ocorre através do modelo arco-reflexo, em que uma demanda pulsional gera uma necessidade, que *a posteriori* é apaziguada pela satisfação, isto é, pela “alteração apropriada da fonte interna de estimulação”.³⁶⁰ Pfister define esse modelo como conservativo, em que o ser humano busca alcançar o apaziguamento da pulsão através da descarga de energia. Entretanto, considerando a doutrina das pulsões, Pfister se distingue de Freud ao perceber seu pensamento progressista.

Na doutrina das pulsões o senhor tem pensamento conservativo, eu progressista. Vejo, como na doutrina da evolução dos biólogos, uma tendência impulsionadora ascendente, tal como na primavera olímpica de Spitteler, em que os deuses, escalando penosamente e escorregando de volta, sobem mediante esforços indizíveis.³⁶¹

³⁵⁷ WONDRACEK, 2005, p. 74.

³⁵⁸ WONDRACEK, 2005, p. 75.

³⁵⁹ WONDRACEK, 2005, p. 75.

³⁶⁰ FREUD, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes**, 1915. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, p. 138).

³⁶¹ FREUD, 2009 p. 173.

“Para Pfister, há uma força única, que se encarrega de elevar, sobrepujar, impulsionar o desenvolvimento do indivíduo e da espécie, sob o reinado de Eros, como totalidade que abarca o mundo pulsional.”³⁶² A hipótese de energia única encontra abertura em Freud, na *Introdução ao Narcisismo*, na qual ele admite que “pode ocorrer que, com mais fundamento e numa visão de maior alcance, a energia sexual – a libido – seja apenas o produto de uma diferenciação na energia que atua generalizadamente na mente.”³⁶³ Contudo para Pfister é fundamental a busca pela amplitude dessa visão de maior alcance, pois o conceito de vida é atravessada pela biologia e o idealismo ético e religioso. “De acordo com isso, faz parte do equipamento da pessoa a inclinação para estas supremas realizações espirituais, e o conceito de vida eleva-se da esfera de uma biologia naturalística às alturas do idealismo ético e metafísico, assim como é defendido por Eucken.”³⁶⁴

4.2.2 Abordagem ponto de vista orgânico

Os desdobramentos desse processo de síntese transformam-se para Pfister na elaboração de um novo paradigma denominado em *o ponto de vista orgânico*. Para ele, uma investigação psicológica é orgânica quando inclui, além do estudo das pulsões, a relação destas com as demais funções vitais. Entretanto ele afirma que “não se pode compreender as manifestações de uma pulsão, se estas não forem examinadas em conexão com as demais pulsões. A esta abordagem chamo de ponto de vista orgânico.”³⁶⁵ “A função deste novo paradigma é servir de alternativa à antiga *psicologia das faculdades* que, no entender de Pfister, corre o risco de ser retomada se a pulsão sexual ou a pulsão do poder forem consideradas como *províncias separadas*.”³⁶⁶ Pfister deseja mostrar o entrelaçamento entre as pulsões, assim como os órgãos do corpo reunidos em uma mesma unidade. “As pulsões não existem isoladamente, mas encontram-se estreitamente trançadas umas com as outras.”³⁶⁷

³⁶² WONDRACEK, 2005, p. 75.

³⁶³ FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**, 1914. In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-109. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, p. 95).

³⁶⁴ WONDRACEK, 2005, p. 76.

³⁶⁵ WONDRACEK, 2005, p. 76.

³⁶⁶ WONDRACEK, 2005, p. 76.

³⁶⁷ WONDRACEK, 2005, p. 76-77.

Essa concepção do *ponto de vista orgânico* do psiquismo assinala a originalidade das ideias Pfisterianas na psicanálise.

4.2.3 Oskar Pfister entre a libido e o amor

O conceito de *libido* em Freud é traduzido por Pfister para *Liebe*, que significa amor. O amor é a *força motriz*³⁶⁸ do ser humano. Entretanto, sobre a abordagem do amor, Pfister propõe entrelaçar o desenvolvimento individual e coletivo, pois ambos sofrem distúrbios e inibições do amor. “O processo histórico individual e coletivo torna-se assim a história dos *ca-minhos* e *descaminhos do amor* e estes, por sua vez, se tornam o princípio material da evolução.”³⁶⁹ A origem do amor é definida por Pfister como o surgimento de uma *necessidade*, assim, “amor é o sentir-se atraído e o entregar-se a um objeto que promete satisfação.”³⁷⁰

Pfister investiga os destinos do amor em duas esferas: na dimensão *narcisista* da vida anímica e na influência patogênica do *mundo exterior*. Ambas são introduzidas no conceito geral de amor, no entanto “a ênfase é sutilmente deslocada da esfera dos investimentos da libido [*Libidobesetzungen*] para as relações de amor [*Liebesbeziehungen*], isto é, mais do que psicosssexual, adquire a conotação psicossocial.”³⁷¹ Segundo Nase, “com o amor, Pfister, em uma simplificação genial, tem à mão um critério, que, de certa forma, vale simultaneamente para harmonizar e diferenciar, atravessando todas as dimensões, do impulso pulsional ao Ser do Divino”³⁷²

Algumas dificuldades são apresentadas por Pfister sobre a abordagem da sexualidade. Primeiramente ele constata diversas variações na origem do termo e distingue entre o ato de nomeação e da objetividade. Então, Pfister questiona “se, experiências sensoriais merecem o predicado sexual dado por Freud.”³⁷³ Além disso, ele menciona a dificuldade encontrada no meio pedagógico e religioso pelo preconceito com a nomeação sexual. Para Pfister, a sexualidade está intimamente ligada às funções sexuais sem diferenciação de masculino e feminino e, também

³⁶⁸ É uma tradução mais próxima do significado original de *Trieb* – força, pulsão.

³⁶⁹ NASE, 1993, p. 94.

³⁷⁰ WONDRACEK, 2005, p. 78.

³⁷¹ WONDRACEK, 2005, p. 78. [Grifo meu]

³⁷² NASE, 1993, p. 515.

³⁷³ WONDRACEK, 2005, p. 79.

ligadas aos processos psíquicos que, biologicamente estão desconectados dos processos de reprodução.

Consequentemente, Pfister pergunta se ainda é apropriado, em função destes nexos tão amplos, alargar o conceito psicológico e biológico de sexualidade para significar o mesmo que Eros em Platão. E propõe um uso restrito para sexualidade: que este termo expresse a “soma dos fenômenos” que se refiram “às pulsões ou órgãos de preservação da espécie, bem como aos processos psíquicos a eles associados”. E acrescenta: “desta distinguimos o amor’, que caracterizamos tanto como sexual quanto como não-sexual”³⁷⁴

No lugar de intelectual livre, Pfister procura manter sua própria ideia sobre o conceito da libido, principalmente, encorajado pelo próprio mestre Freud, após o rompimento com Jung. Segundo Wondracek, “na posição de homem de ligação, Pfister defende que com amor a psicanálise facilita a compreensão e diminui o escândalo que advém quando expressa que afetos como simpatia, amizade e confiança são ligados geneticamente com a sexualidade.”³⁷⁵ Contudo, na posição de pesquisador psicanalítico, Pfister destaca a capacidade plástica da pulsão sexual de substituir um destino sexual por outro mais elevado culturalmente, em consonância com o desejo do indivíduo. Indubitavelmente, ele sinaliza que a psicanálise, em os *três ensaios* expressa significativamente a ideia da evolução da sexualidade das pulsões parciais para o primado genital e que do ponto de vista orgânico esse intercâmbio é facilitado, e ainda permite analisar a possibilidade de uma sexualização secundária. “Mas discorda de Freud quanto à sexualização primária de órgãos como boca, ânus, pele. Considera-os capazes de prazeres sensoriais que, mais tarde, são sexualizados secundariamente.”³⁷⁶

Após receber um livro de Oskar Pfister, em 1918, Freud questiona por que o *Analysenpfarrer* nega a decomposição da pulsão sexual em pulsões parciais. “O ponto de vista orgânico em si é considerado válido, com a ressalva de que a sua aplicação durante o tratamento pode impedir a atenção suficiente para o órgão enfermo, que preponderantemente se tornou a sede do processo enfermante ou seu agente.”³⁷⁷ Contudo, Freud entende que Pfister deseja antecipadamente uma síntese sem a análise prévia, e declara que primeiramente na ciência, é necessário decompor, para

³⁷⁴ WONDRAČEK, 2005, p. 79.

³⁷⁵ WONDRAČEK, 2005, p. 80.

³⁷⁶ WONDRAČEK, 2005, p. 81.

³⁷⁷ WONDRAČEK, 2005, p. 82.

depois reunir. Também, Freud levanta uma crítica a Pfister, por ele não admitir um lugar mais elevado às pulsões sexuais, “não para a vida anímica como tal, mas no que importa – para se adoecer na neurose.”³⁷⁸ Para Wondracek, há uma diferença relevante entre Freud e Pfister na condução do tratamento psicanalítico que pode produzir profundas consequências:

Freud, oriundo da medicina, se mostra mais preocupado com o tratamento e remoção dos sintomas – neste momento, é isto o que [lhe] importa. Pfister, oriundo da cura de almas, não fixa o olhar no psicopatológico, – o fato de nomear o tratamento da neurose de trabalho prévio já o sinaliza. A dinâmica da neurose também é incluída na totalidade, isto é, Pfister importa-se mais com a vida anímica como tal, com a inserção desta no todo; em último caso, mesmo às custas de algum aspecto da saúde. Por isso enfatiza o processo de síntese, dá importância à compreensão orgânica e, como veremos, ao lugar do amor.³⁷⁹

Pfister vai além dos aspectos sensoriais e enfatiza a qualidade anímica no seu conceito de amor — “sentir-se atraído”. Considera que os aspectos eróticos primitivos devem ser considerados fatores a serem integrados em uma cosmovisão e denuncia a maneira como religiosos de sua época desprezavam os aspectos sexuais. Assim, Pfister propõe estabelecer as qualidades do amor: “é a expressão de uma comunhão sensual/sensorial e ética de vida entre duas pessoas.”³⁸⁰ Pfister destaca que a Ênfase de Freud sobre a sexualidade, é em detrimento dele ser o primeiro pesquisador que debruçou a atenção para o “adoecimento causado pelo extremo recalçamento à sexualidade na cultura da época. Deste modo, a valorização do sexual sai do genético-biológico e ganha em Pfister um acento histórico-sociológico.”³⁸¹

Certamente, afirma Pfister, a etiologia da neurose é considerada multifatorial e exemplifica essa hipótese utilizando a analogia de uma árvore, na qual a sexualidade corresponde às raízes, cuja integridade é fundamental para o crescimento da planta, entretanto nenhuma árvore pode ser composta apenas por raízes. Desse modo, a pulsão sexual é inerente, no entanto, constitui outras produções superiores.³⁸² Foi o caso de uma viúva analisada por Pfister, que foi acometida pela angústia. Após a morte do marido, que era parecido com o pai, tornou-se uma religiosa fanática. “Sua religiosidade é interpretada como mesclada de sexualidade, a angústia é expressão

³⁷⁸ FREUD, 2009 p. 86.

³⁷⁹ WONDRAČEK, 2005, p. 82.

³⁸⁰ WONDRAČEK, 2005, p. 83.

³⁸¹ WONDRAČEK, 2005, p. 83.

³⁸² WONDRAČEK, 2005, p. 83.

da deficiência deste arranjo, pois as necessidades sexuais exigem “mais do que devoção.”³⁸³ No final da análise, a paciente tornou-se livre do complexo paterno, casou-se novamente, e encontrou outro destino para a neurose. Finalmente, Pfister se posiciona contra os intelectuais que reduziram o amor, estritamente à simples expressão da pulsão sexual.

Ninguém que se ocupa mais seriamente com manifestações de recalçamento pode desmentir, que em cada uma das dimensões, também do amor espiritual, a sensualidade e até a sexualidade sempre contribuem. Como isto acontece só podemos entender quando conhecemos a psicologia da sublimação. Na prática, concordo com Freud; também admito que seu conceito sexual ampliado traduz as inegáveis relações genéticas e os parentescos interiores. Mas, mesmo assim, prefiro uma delimitação severa do conceito sexual para baixo e para cima, para prevenir, por um lado, o perigo apontado pelo próprio Freud, de uma volatização para uma vaga generalização, e por outro lado, das compreensões equivocadas das manifestações externas e internas.³⁸⁴

O desejo de Oskar Pfister era investigar os desdobramentos do amor buscando as conexões da vida amorosa com os traços da vida anímica. Portanto, é necessário compreender em Pfister, suas origens do conceito de amor e seus desdobramentos. Apesar da comunidade psicanalítica não admitir, Pfister introduziu a teologia cristã nos fundamentos da psicanálise. A citação de Pfister “eu pratico a análise dentro de um plano de vida”, demonstra que o exercício da experiência pastoral lhe atribuiu manejo para integrar a natureza humana e o cosmos. Assim, ele encontra na psicanálise “um instrumento para auxiliar pessoas a se desfazerem de amarras que impedem a viver os diferentes ângulos da vida, desde a dimensão sensual até a dimensão ética e espiritual.”³⁸⁵

Para Pfister, a possibilidade de vislumbrar a imagem divina no humano através da psicanálise, torna-se viável porque a dinâmica da vida se fundamenta no amor Divino, nele o *Logos* se encarna, coexistência do divino e do humano que reconcilia a vida humana com seu Criador. Dessa maneira, a teologia cristã aproxima novamente, através do amor divino, o ser humano à imagem do criador. Desse modo, todas as dimensões do amor são qualificadas na relação com o *Logos* encarnado. Finalmente, em decorrência, a psicanálise e a religião cristã trabalham para o resgate verdadeiro

³⁸³ WONDRACEK, 2005, p. 83.

³⁸⁴ WONDRACEK, 2005, p. 84.

³⁸⁵ WONDRACEK, 2005, p. 85.

do amor. Pfister assimila a história da mulher que ungiu os pés de Jesus³⁸⁶ com a psicanálise, destacando-a como “humilde lavadora dos pés da verdade.”³⁸⁷ Essa mulher pecadora, que não havia sido convidada a fazer parte do círculo oficial, certamente compreendeu profundamente a mensagem do amor. Segundo Pfister, esse amor traz consigo uma nova Lei, a do amor incondicional que gera luz no abscondido e liberdade aos cativos da alma, permitindo a resignificação dos atos dogmáticos e obsessivos.

Segundo os bons parâmetros psicanalíticos, Jesus venceu a neurose coletiva de seu povo introduzindo no centro da vida o amor que, na verdade, é moralmente purificado. Na sua concepção de pai, totalmente purificada das toxinas da ligação edípica, constatamos que foram totalmente vencidos a heteronomia e todo o constrangimento das amarras. O que se exige das pessoas não é outra coisa senão aquilo que corresponde à sua essência e sua vocação verdadeira, o que favorece o bem comum e – para também dar lugar ao ponto de vista biológico –, uma saúde máxima do indivíduo e da coletividade. Constitui um grave mal-entendido compreender o mandamento básico de Cristo – “Amarás a Deus de todo teu coração e a teu próximo como a ti mesmo!” (Mt 22.37ss) –, como um mandamento no espírito do mosaísmo. A forma do imperativo é conservada, mas quem não notaria a sutil ironia com a qual o conteúdo, o amor, enquanto realização que pode ser espontânea, anula o caráter de lei?³⁸⁸

As críticas entoadas a teoria freudiana pelas comunidades científica e religiosa de que ela seria uma atividade degenerada e que apenas se ocupa com a sujeira da alma, remete a Pfister a semelhança da psicanálise com o *Analysenpfarrer*, pois esse último também confronta com os desejos mais sombrios e obscuros da alma e compara o campo sujo da psicanálise com o ministério de Jesus, que não ouviu das pessoas, apenas o belo, no entanto permitia-lhes abrir seus corações cheios de culpa.

Cabe, neste momento, explicitar a nova contextualização do conflito psíquico. Pfister toma a primeira teoria da angústia, na qual Freud postula que a libido recalçada se transforma em angústia, e interliga este enunciado com 1 João 4.18: “O medo (phobos) não está no amor (...) quem teme, não é aperfeiçoado no amor (...) O perfeito amor lança fora o medo.” Em consequência, o conflito é deslocado da esfera da sexualidade para a esfera mais ampla do amor. Com o conceito de amor, a dimensão intersubjetiva penetra no cerne do conflito, e, com ela, a dimensão ética.³⁸⁹

³⁸⁶ Lc 7.36ss.

³⁸⁷ WONDRACEK, 2005, p. 86.

³⁸⁸ PFISTER, 1928[2003], p. 23-24.

³⁸⁹ WONDRACEK, 2005, p. 87.

Em seguida, Pfister realiza uma articulação em linguagem psicanalítica da ação terapêutica de Jesus no resgate do amor: “Jesus leva o amor, que fora recalcado no inconsciente por todo tipo de sofrimento, novamente para o centro da vida. Com isso, ele luta pelo acesso à própria realidade e supera a carga das cerimônias e representações de angústia do farisaísmo.”³⁹⁰ Portanto, o *Logos* encarnado supera a neurose, introduzido no centro da vida o amor. Através da graça e da filiação divina o sentimento de inferioridade é superado. “Através da condução a Deus como Pai, ele arranca a pulsão de vida do “culto ao eu” e da sujeição ao outro, e encaminha o olhar para um Ideal, que ao mesmo tempo encoraja e conduz à humildade.”³⁹¹

4.2.4 Oskar Pfister e a cultura

Pfister admite ter encontrado na sublimação da teoria freudiana o *bem maior* e declara que, ainda não foi possível apreciar suficientemente essa dádiva, reconhecendo-a como uma das mais importantes descobertas da humanidade. Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud demonstra sua admiração pelas ideias do desenvolvimento religioso e de sublimação do líder israelita. Moisés torna-se o modelo do analista que deve conduzir o indivíduo da ilusão à sublimação. “A peregrinação por mar e deserto até a terra prometida é tornada analogia da luta do analisando rumo à Canaã dos prazeres éticos e estéticos.”³⁹² Na relação da natureza humana e a cultura Pfister discorda de Freud, pois ele acredita que não há contradição na concepção de ambas. Tampouco admite que a inserção na cultura produza necessariamente mal-estar, “pois a própria cultura é apenas natureza humana desenvolvida, assim como também constituem efeitos da natureza as aflições e as renúncias que a engendram.”³⁹³

A origem do mal-estar está atrelada ao excesso de recalçamento que pode inibir o desejo de desenvolvimento cultural, produzindo o enfraquecimento da própria natureza humana. Seguindo a abordagem do *ponto de vista orgânico*, Pfister enfatiza que as necessidades primárias da humanidade são mais amplas que apenas os sentidos de autopreservação e preservação da espécie.

³⁹⁰ WONDRACEK, 2005, p. 87.

³⁹¹ WONDRACEK, 2005, p. 87.

³⁹² WONDRACEK, 2005, p. 102.

³⁹³ PFISTER, 1928[2003], p. 22.

Como pedagogo, Pfister pondera que a educação que apenas satisfaz o sensorial e não “oferece, estimula e cultiva” os interesses mentais produz uma raquitização da pessoa. “O amor brota de diversas fontes” e seria reducionismo limitá-lo ao sensorial/sensual. As manifestações primárias da pulsão penetram nas esferas superiores, assim como as superiores interpenetram-se nas inferiores. Pfister exemplifica estas últimas com os gestos na esfera da sensorialidade: através deles, são satisfeitas necessidades superiores, como o abraço de amizade, o carinho, as demonstrações de ternura.³⁹⁴

Assim, a ênfase não se encontra na renúncia à satisfação, mas na integração da pulsão vital ao princípio de prazer elevado. Para Wondracek, essa é uma modificação do princípio de prazer freudiano, conduzida pela inserção do narcisismo a serviço da formação de ideais. “Para compreendê-lo, é necessário recordar que a não-oposição entre natureza e cultura faz com que em Pfister o prazer acompanhe a sublimação até as esferas mais elevadas.”³⁹⁵ Desse modo, a renúncia pulsional parcial é indubitavelmente, pré-condição para pulsões mais elevadas para realizações maiores. Finalmente, “não se trata de apenas alcançar satisfações substitutivas, no sentido compensatório, mas de criar satisfações simbólicas igualmente ou até mais satisfatórias, pois combinam a fruição narcisista com o mundo dos ideais.”³⁹⁶

Pfister compreende a partir de sua experiência teológica a concepção simultânea de elementos contraditórios. Portanto, há coexistência e colaboração mútua entre os princípio-de-prazer e o princípio-de-realidade. “O pensamento de prazer dá expressão a desejos ditados pelo pensamento-de-realidade.”³⁹⁷ O processo inconsciente de nomear os conflitos na esfera da consciência são denominados por Pfister de *simbolização espontânea* e o considera um movimento contrário ao pensamento-de-realidade e afirma que:

Desejos que não passam pela crítica da realidade seduzem à estultícia, ao engano e ao delírio e impelem muitos à ruína. Vida sem desejo é morte secreta. A verdadeira vida floresce a partir do casamento entre pensar e desejar. Sem pensamento perde o olhar; sem desejos perde o movimento volitivo.³⁹⁸

³⁹⁴ WONDRAČEK, 2005, p. 103.

³⁹⁵ WONDRAČEK, 2005, p. 103.

³⁹⁶ WONDRAČEK, 2005, p. 103.

³⁹⁷ WONDRAČEK, 2005, p. 104.

³⁹⁸ WONDRAČEK, 2005, p. 104.

Indubitavelmente, a cosmovisão pfisteriana prefigura uma crítica embasada no *ponto de vista orgânico* sobre origem das pulsões primárias e seus destinos na sublimação. Para Pfister, “não é a pulsão isolada como tal que recebe um novo destino, distante do original, porém a pulsão vital, a alma como um todo, uma unidade, se volta para um novo interesse. Novamente, o acento não é conservativo, mas progressivo.”³⁹⁹ Para Wondracek, destaca-se então, na compreensão de Pfister, outro conceito teológico — *da colaboração*:

As pulsões primárias entregam energia, tanto mais se as funções elevadas são plenas de afeto”, mostrando a co-laboração de funções primárias nas vivências sublimatórias, mas sem reduzi-las a estas. Segundo Nase, “a idéia de que Eros supera tendencialmente a separação litigiosa de corpo e alma no organismo abre uma perspectiva libertadora e crítica do domínio.”⁴⁰⁰

Para Pfister a vida não deve tornar mais desprovida, mas ao contrário, caminhar em direção ao seu desenvolvimento pleno. Assim, o paciente é capaz de gerar recursos possíveis de construir novas pontes para o seu desenvolvimento. O analista poderá prestar o suporte necessário para o processo de sublimação. A partir de um pensamento progressista, Pfister encontra elementos importantes à sublimação e elabora uma crítica à decomposição pulsional elaborada por Freud, afirmando que o ideal do ego seja trabalhado com mais profundidade. Para o Analista suíço, não é suficiente desconstruir a neurose obsessiva, promovida pelo complexo paterno, assim como não se extingue o ideal do ego quando se descobre a origem paterna. E, finalmente, ancorado na cosmovisão pfisteriana, podemos compreender que a inserção na cultura que se realiza com a integração do corpo e alma, pensamento, sentimento e vontade, que por sua vez, suspende o mal-estar. Portanto, a saúde não compreende apenas a ausência de sintomas, mas também a dimensão da *higiene da alma*.

³⁹⁹ WONDRAČEK, 2005, p. 104.

⁴⁰⁰ WONDRAČEK, 2005, p. 105.

5 CONCLUSÃO

A psicanálise está consideravelmente imbricada na cultura contemporânea, que já não podemos imaginar uma sociedade sem os impactos do inconsciente. Sua influência está presente nas artes, na música, no cinema e no teatro. A psicanálise traz consigo uma ênfase a subjetividade. Portanto, todo empenho dos últimos anos atribuído aos movimentos em prol da educação, libertação das mulheres, direitos de igualdade são provenientes da psicanálise. Outros movimentos como a diversidade sexual e a luta em defesa das minorias étnicas também fazem parte do legado psicanalítico à cultura. A subjetividade da época freudiana emanava de uma sociedade repressora, geradora de recalque, culpa e medo. Surge então, como desdobramento dessa relegação, sujeitos neuróticos obsessivos, ancorados nos excessos de proibição e gozo.

Baruss e Mossbridge⁴⁰¹ afirmam que Oskar Pfister pode ser considerado o precursor dos estudos psicanalíticos da religião e na ênfase para a saúde mental, além de ser o precursor do paradigma que se convencionou chamar de pós-materialismo, ou seja, de que a matéria não é o originário, mas o espiritual, o invisível, o transcendente é o originário. Assim, Pfister denominou de “realidades transempíricas”. A teoria psicanalítica é bastante ampla e complexa. Muitos conceitos desenvolvidos pelo pai da psicanálise foram revisados e reformulados. Certamente, estudar psicanálise envolve desejo, pois é necessário abrir-se para o novo, para o contemporâneo, além de caminhar junto com o próprio autor, buscando compreender seu pensamento, sem perder de vista uma hermenêutica contextualizada no campo social, histórica e cultural. O sentimento religioso, mesmo que inconsciente, esteve ligado ao saber ou refletir, com a intenção de fundamentar a unidade do ser humano. Desse modo a fé precisa expressar-se também no pensamento. O saber religioso apresenta-se num sistema de pensamento coletivo do qual o indivíduo pertence. O conceito de fé implícita, seja pela via da razão ou da transmissão, confirma que a participação do indivíduo no coletivo não necessita de uma reflexão independente, mas pode ser mediada por um sistema de fé institucionalizada ou através da cultura.

⁴⁰¹ Barušs, Imants, & Mossbridge, Julia **Transcendent Mind: Rethinking the Science of Consciousness**. Washington: D.C.: American Psychological Association, 2017.

Falar sobre religião não é uma tarefa simples, mesmo parecendo algo, que está implícito na maioria dos seres humanos. Em uma de suas cartas, Freud revela as complexidades que envolvem esse sentimento, principalmente porque tinha muitas objeções em trabalhar cientificamente sobre os assuntos dessa natureza. Para Freud o sentimento religioso ocorre a partir de experiências primitivas, vivenciadas pelo sentimento do ego. O desamparo infantil e o anseio pelo pai, talvez seja a fonte da derivação dos sentimentos religiosos. A necessidade infantil da proteção de um pai e o medo do mundo externo e seus destinos podem ser ressignificados pelo sentimento religioso como a busca da restauração do narcisismo ilimitado. Embora o Iluminismo tenha cometido exageros na sua crítica à religião, o que culmina no fato de a esfera religiosa ter sido levada há uma vivência mais privada, não parece ter diminuído na maior parte do mundo e nos mais distintos contextos a sua relevância pessoal. Mas ao contrário disso, observa-se uma miscelânea religiosa entre os povos e culturas, e uma maior internalização da vivência privada do sentimento religioso.

A própria Psicologia ainda está construindo um corpo de saber mais integrado de uma perspectiva científica. Conforme alguns paradigmas positivistas vêm sendo enfraquecidos, abre-se oportunidade para ocorrer pesquisas e estudos interdisciplinares cada vez mais integrados, dos quais se torna possível emergir um conceito mais unificado do ser humano. Entretanto falar do diálogo entre a psicologia e a religião não é tarefa simples, é um caminho laborioso, mas que *a posteriori* pode trazer muitas contribuições à compreensão íntima do ser humano. Embora o Iluminismo tenha realizado uma severa crítica à religião, acredita-se que através da possibilidade de diálogo entre fé e razão, psicanálise e a religião, seja possível promover uma compreensão mais profunda da vida humana.

O diálogo entre a psicanálise e a religião, originou-se do encontro entre Sigmund Freud e Oskar Pfister. A construção de uma nova ciência no campo teórico-clínico de investigação e tratamento do sofrimento psíquico, culmina com a ascensão do movimento iluminista, portanto, é época marcada por profundos embates no campo da racionalidade. Percebemos que o caminho traçado por nossos personagens, percorreu uma longa distância, com intensos embates e contradições, mas também com muita cordialidade e embasamento do referencial teórico. Ao destacar que “a psicanálise em si mesma não é nem religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento neutro do qual podem servir-se tanto o religioso como o leigo (*der Geistliche wie der*

Laie), desde que utilizada para a libertação dos que sofrem”⁴⁰², Freud está indicando o caminho que o diálogo da psicanálise e a religião devem traçar, o da neutralidade. Indica que o trabalho da psicanálise está limitado ao estudo do inconsciente e seu objetivo maior é buscar a libertação de todos que sofrem.

O encontro entre Freud e Pfister suscitou a origem das discussões entre a psicanálise e a religião e que continuam na atualidade, embora tenha adquirido novas perspectivas. Certamente, o diálogo atual poderia ter sofrido impactos relevantes, caso não houvesse ocorrido o encontro inicial entre o fundador da psicanálise e o pastor cura d’almas. Entretanto, uma das tarefas mais difíceis e que permanece na atualidade é estabelecer a necessária fronteira entre a tarefa psicanalítica, específica do campo da ciência, e não menos importante, as implicações religiosas no psiquismo do sujeito e seus desdobramentos para a vida. Contudo, é necessário um consistente arcabouço teórico e epistemológico que possibilite estabelecer o complexo diálogo entre a ciência e a fé, convictos de que essa discussão não se apresenta como uma coincidência, uma vez que, o diálogo entre a psicanálise e a religião tem em sua essência um diálogo interminável.

⁴⁰² FREUD, 2009, p. 25.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião**. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ASKOFARÉ, S. **Da subjetividade contemporânea**. A Peste: revista de psicanálise e sociedade. São Paulo: EDUC., 2009. p.165-175.

ARAÚJO, Ricardo Torri de. **Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2014.

BAAS, B. **“A angústia e a verdade”**, in **O desejo puro**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BARUSS, I., & MOSSBRIDGE, J. **Transcendent Mind: Rethinking the Science of Consciousness**. Washington: D.C.: American Psychological Association, 2017.

BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRABANT, E. **Correspondência de Freud a Ferenczi**, 12 de junho de 1910; Correspondence 1908-1914, 191. [Ed. br.:Correspondência de Sigmund Freud a Sandor Ferenczi, Rio de Janeiro, Imago, 1995.]

CHILAND, C. **En relisant les textes de Freud sur la compulsion de répétition: théorie de la clinique et spéculation philosophique**. Revue Française de Psychanalyse, Paris, maio/1970.

CLARK, R. W. Freud. **El hombre y su causa**, Barcelona, Planeta, 1980, p. 162-163.

FEUERBACH, L. (1841). **La essência del cristianismo**. Salamanca, Sígueme, 1975.

FOERSTER, F. (1909). **Psychoanalyse und Seelsorge, Evangelische Freiheit**, 1909, ap. Martin JOCHEIM, 1998, p. 87.

FREUD, Sigmund (1950 [1895]) **Projeto para uma Psicologia Científica**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1908). **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1912). **A dinâmica da transferência**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1914[1916]) **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1917) **A teoria da libido e o narcisismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1920) **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1925 [1924]) **Um estudo autobiográfico**. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1927) **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1939 [1934-38]) **Moisés e o monoteísmo**. Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Viçosa: Ultimato, 2009.

GAY, P. **Um judeu sem Deus: Freud, Ateísmo e a Construção da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GAY, P. **FREUD. Uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia da Letras. 1989.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KANT, E. (1980). **Critique de la raison pure**. In Emmanuel Kant. Oeuvres philosophiques I. (pp. 719-1470). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1781.)

KOJÈVE, A. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduerj, 2002.

LACAN, J. (1960/1998). **Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano**. In: Escritos. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar.

LACAN, J. (2004). **Le séminaire: Livre 10: L'angoisse**. Paris: Seuil. (Originalmente publicado em 1962-1963).

Lacan, J. (1988). **O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1964)

MANNONI, O. (1976) **Freud: El descubrimiento del inconsciente**, Buenos Aires, Nueva Visión, 1975, p.108.

MASSON, J. M. (Org.). (1986). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904** (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

McGUIRE, W. (1993) **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. Rio de Janeiro: Imago.

MILLER, J-A. (2005) **Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan**. Opção Lacaniana, n.43. São Paulo: Edições Eolia, p. 7-91.

MORANO, C. D. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável. Sigmund Freud e Oscar Pfister**. São Paulo: Loyola, 2008.

NASE, Eckart. **Oskar Pfisters analytische Seelsorge: Theorie und Praxis des ersten Pastoralpsychologen**, dargestellt an Fallstudien. Berlin: de Gruyter, 1993.

PFISTER, O. **A ilusão de um futuro** (1928). In: WONDRACEK, K. O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-56.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. (1944) **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

STETTNER, J. **Pfister as Pastoral Theologian**, Oskar Pfister Tagung, 1973.

T. H. **Huxley a sua esposa**, 8 de agosto de 1873, Leonard Huxley, ed., *Life and Letters of Thomas Henry Huxley*, 2 volumes. 1900, I, p. 397.

WIDLÖCHER D. **Préface, in Correspondence avec le pasteur Pfister 1909-1939**, ed. Heinrich Meng, Gallimard, 1966, 40-41.

WONDRACEK, K. E. K. **O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise**. São Leopoldo: Sinodal, 2005